



CHARLES DICKENS
A Pequena Dorrit

Cover Art by Andrea Hendrick

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A PEQUENA DORRIT

Charles Dickens

Tradução: Maria Da Graça Lima

Texto Fonte: Digital Source

Formatação/Conversão ePub: Reliquia

Sumário

Capítulo I - REGRESSO À CASA MATERNA

Capítulo II - A PENITENCIÁRIA

Capítulo III: O BECO DO CORAÇÃO-QUE-SANGRA

Capítulo IV: DESGOSTOS DO CORAÇÃO

Capítulo V - UM ADIVINHO

Capítulo VI - A PERSONAGEM INQUIETANTE

Capítulo VII - UMA GRANDE NOTÍCIA

Capítulo VIII - A RIQUEZA DA FAMÍLIA DORRIT

Capítulo IX - UMA SEQUENCIA DE DESGRAÇAS

Capítulo X - DE NOVO A PENITENCIÁRIA

Capítulo XI - ESCLARECEM-SE OS MISTÉRIOS

EPILOGO

Capítulo I - REGRESSO À CASA MATERNA

Passava-se em Londres, num domingo à tardinha, numa tardinha como todas as outras, lúgubre e deprimente. Só o badalar dos campanários das igrejas agitava os edifícios de tijolo e as ruas sombrias e desertas. Que espetáculo desanimador para quem, procurando distrair-se, olhasse pela janela! A cidade, ao crepúsculo, parecia morta. Que acabrunhamento para os trabalhadores londrinos que, aprisionados no escuro dos seus cubículos estreitos e doentios, viam terminar em tristeza o seu único dia de descanso!

Foi nesse momento que o senhor Arthur Clennam desceu da diligência de Douvres. O passageiro, um homem de cerca de quarenta anos, de rosto grave e tisonado, entrou num café para se aquecer e instalou-se perto de uma janela. Mas depressa ergueu a cabeça para escutar o badalar ininterrupto dos campanários em torno dele, as suas queixas e os seus gemidos. E, pouco a pouco, veio-lhe à memória a recordação dos domingos sombrios da sua juventude: recordou-se dos seus temores de menino, relembrou os seus domingos no colégio, os três ofícios religiosos a que era obrigado a assistir antes de poder engolir um jantar bastante frugal, finalmente, os domingos passados em casa, na companhia de uma mãe de rosto severo e coração impiedoso, o dia inteiro refugiada nos seus livros de orações.

— Que Deus me perdoe - pensou - e perdoe aqueles que me educaram, mas como odiava aqueles dias! E eis que, passados quinze anos na China, regressava a Londres num desses horríveis domingos.

A noite ia caindo. Arthur observou, através do vidro, as sombrias casas defronte, que se assemelhavam a prisões: um rosto espreitava, ocasionalmente, por uma dessas janelas imundas e logo desaparecia, como que para não ver a chuva, que começara a cair.

O viajante abotoou a capa, pôs o chapéu e saiu. Em passo rápido, a despeito da lama e dos charcos de água suja, desceu em direção ao Tamisa por um emaranhado de ruas tortuosas, percorreu os depósitos de mercadorias existentes ao longo do cais silencioso e, algumas ruas mais longe, deteve-se em frente da casa que procurava. Era um edifício velho e isolado, de tijolo quase negro. A seguir ao alpendre, um portão enferrujado fechava o patiozinho, votado ao abandono. Muitos anos antes, a casa começara a inclinar-se para um dos lados e tinham-na escorado com um gigantesco andaime, que continuava a sustê-la menos mal.

— Nada mudou - murmurou o viajante -, sempre a mesma tristeza e desolação. E sempre aquela luz, à janela de minha mãe, como quando voltava do colégio!

Bateu. Ouviram-se uns passos arrastados e a porta foi aberta por um velhinho, descarnado e encurvado, de olhar frio e penetrante.

— Ah, Senhor Arthur, até que enfim - exclamou sem a mínima emoção. - Entre. Arthur fechou a porta. O velho examinou-o à luz da vela.

— Está mais robusto do que antigamente, mas nunca se poderá comparar ao seu pai ou à sua mãe.

— Como vai a minha mãe?

— Mantém-se no quarto, mesmo quando não faz tenções de se deitar: em quinze anos, não chegaram a quinze as vezes que saiu.

Penetraram numa fria e tristonha sala de jantar.

— Acho que ela não vai gostar que o senhor tenha viajado no Dia do Senhor - continuou o velho com frieza -, mas, enfim, isso é consigo! Vou anunciar a sua chegada.

Afastou-se, levando a vela, andando de lado como um caranguejo e de cabeça baixa, vestido de negro e de polainas compridas.

— Como sou sentimental! - pensou Arthur que sentiu as lágrimas assomarem-lhe aos olhos perante um acolhimento tão gélido. Fora ali que passara a infância, silencioso e aterrorizado, na companhia de uns pais que nunca se haviam entendido e que se evitavam o mais possível.

O velho voltou depressa, iluminou-lhe as escadas sombrias e abriu a porta de um quarto imerso de escuridão. Na penumbra da lareira, sentada num sofá negro como um ataúde, amparada por um grande almofadão negro lembrando um cepo, encontrava-se a mãe de Arthur, que envergava o seu vestido negro de viúva. Deu-lhe um gélido beijo e mandou-o sentar-se do outro lado da mesinha. Quinze anos se haviam passado e via-se o mesmo fogo, as mesmas cinzas e o mesmo cheiro a tinta negra pairava no quarto mal arejado daquela mulher, agora enferma.

— Minha mãe, que mudada está, a senhora, que era tão ativa!

— Para mim, o Universo reduziu-se a este quarto - replicou ela. - Graças a Deus sempre desprezei as vaidades mundanas.

Aquela presença, aquela voz severa, faziam Arthur sentir o seu medo e timidez de rapazinho.

— Reumatismo ou doença nervosa, pouco importa - prosseguiu ela -, o facto é que as minhas pernas ficaram paráliticas. Já não saio do meu quarto. Não saio desde. desde quando - exclamou por cima do ombro.

— Vai fazer doze anos no Natal - respondeu uma voz alquebrada, vinda da escuridão. - É você, Affery - perguntou Arthur, levantando a cabeça.

A voz trémula respondeu que sim, que efetivamente era Affery, e uma velha surgiu por um momento à luz bruxuleante da lareira, antes de mergulhar de novo na

escuridão.

— Contudo, posso ainda ocupar-me dos nossos interesses!-prosseguiu a senhora Clennam, apontando para uma cadeira de rodas, que se encontrava junto de uma grande escrivaninha -, e dou graças à Providência por esta mercê. Mas, para um domingo, já se falou demasiado em negócios.

Na mesinha achavam-se alguns livros, o seu lenço, as lunetas, assim como um relógio antigo, que mãe e filho fitaram ao mesmo tempo.

— Vejo, minha mãe, que recebeu a encomenda que lhe mandei depois da morte do meu pai. Este relógio foi a sua maior preocupação e era seu desejo que eu o fizesse chegar-lhe às mãos.

— Guardo-o como uma recordação do seu pai.

— À hora da morte, só exprimia este desejo: quase sem forças para o agarrar, murmurou com dificuldade: "Para a tua mãe". E julguei que estava ainda a delirar, porque o vi tentar abrir a caixa.

— E não delirava?

— Não, estava perfeitamente lúcido. Após a sua morte, eu próprio abri o relógio, pensando encontrar no interior qualquer recordação, mas só continha a tampa, de seda bordada a pérolas, que a senhora decerto viu.

A senhora Clennam abanou a cabeça e repetiu:

— Para um domingo, já falámos demasiado em negócios.

Depois, chamou:

— Affery, são nove horas!

A velha voltou a aparecer e retirou a mesa, trazendo em seguida um tabuleiro com biscoitos e manteiga, e, quase imediatamente, apareceu o velho, trazendo uma garrafa de vinho do Porto, limão e especiarias, com os quais preparou um grogue quente e perfumado. A doente, depois de acabar a sua merenda, pôs as lunetas e, lendo em voz aterradora por um dos livros, orou pela destruição de todos os seus inimigos. Depois estendeu a mão ao filho:

— Boa noite, Arthur. A Affery vai tratar de si. Cuidado com a minha mão, ela é sensível.

Ele tocou-lhe ao de leve na mão: a mãe não poria entre os dois maior distância se vestisse uma couraça. E seguiu os dois criados pelas escadas.

Affery, quando voltaram, os dois, à sala de jantar, perguntou-lhe se queria cear.

— Não, Affery, já comi.

— Então beba qualquer coisa, um cálice de vinho do Porto.

Também recusou.

— Arthur - sussurrou ela, baixando a voz -lá porque eles me metem medo, não é razão para o senhor também ficar aterrorizado. Metade da fortuna pertence-lhe, não é verdade?

— Sim, sim.

— Então, não se deixe intimidar. O senhor é inteligente, resista-lhes. Ela é terrivelmente maldosa, sabe-o bem; e o meu marido, Jeremy Flintwitch, também é ruim, olá se é! E ele não a leva à certa.

Os passos arrastados do velho Jeremy obrigaram-na a refugiar-se na extremidade da sala.

— Que estás tu aí a fazer, Affery? - perguntou ele em voz esganiçada. - Vai lá fazer a cama do menino Arthur. E mexe-te!

Tinha o pescoço tão torcido que as pontas do lenço palpitavam sob uma das orelhas dir-se-ia um enforcado passeando-se com a sua corda.

Arthur seguiu Affery pelas escadas, que cheiravam a mofo, até ao último andar da casa. A grande mansarda onde entraram era ainda mais fria e mais sinistra do que as outras dependências, atulhadas de objetos desirmanados e partidos. Arthur foi abrir a janela e contemplou o céu avermelhado por sobre uma floresta de velhas chaminés enegrecidas.

— Affery - inquiriu, virando-se -, quem era aquela rapariga que estava no quarto de minha mãe?

— Que rapariga - perguntou, por sua vez, Affery num tom bastante agudo.

— Tenho a certeza de que era uma rapariga a pessoa que avistei, junto de si, quase escondida no escuro.

— Ah, ela é A Pequena Dorrit! Mais um dos caprichos da sua mãe! Sabe Deus porque se interessou por aquela rapariga! Mas diga-me, Arthur, esqueceu-se da sua antiga namorada? É rica e viúva, podia agora casar com ela!

Que imagens a senhora Flintwitch acabara, de repente, de evocar: As de dois garotos apaixonados Flora e Arthur, que os pais e o dinheiro haviam separado, muitos anos atrás. Nessa altura, ele era tão jovem e tinha tantas esperanças. Sonhou e à imagem longínqua de Flora, o seu primeiro amor, veio lentamente sobrepor-se a da jovem que conhecera umas semanas antes em Marselha, a linda Cherry Meagles, cuja semelhança, real ou imaginária, com Flora suscitara nele um interesse surpreendente. Debruçou-se de novo à janela, o olhar virado para o céu em fogo e ali ficou por muito tempo, imerso nos seus devaneios.

Quando a senhora Flintwitch sonhava, não era como Arthur, de olhos abertos. E

nessa noite, porém, teve um sonho bastante estranho e, sobretudo, muito real. Tão nítido que se parecia mais com a realidade do que com um sonho.

O quarto de dormir do casal Flintwitch situava-se muito próximo dos aposentos da senhora Clennam. Para se ter acesso a estes últimos, desciam-se dois ou três degraus do outro lado da escada, de modo que Affery só tinha que dar alguns passos, quando a senhora Clennam chamava por ela. Sendo assim, depois de ter cuidado da patroa, foi, como de costume, deitar-se, enquanto o marido, coisa curiosa, não fora ainda para o quarto conjugal.

Algumas horas mais tarde, a meio da noite, pareceu-lhe que acordava e que verificava encontrar-se a cama sempre vazia. No seu sonho levantou-se, então, espantada, e desceu as escadas, tendo às apalpadelas chegado ao vestíbulo, mergulhado na escuridão, avistou luz pela frincha da porta de um pequeno quarto que nunca era aberto e aproximou-se, descalça, em bicos de pés; a cena que julgou ver era tão surpreendente, que ficou ali espedada, sentindo-se sufocar: havia dois Jeremy Flintwitch, sentados um em frente do outro, o primeiro completamente desperto e olhando encolerizado para o segundo, que ressonava numa cadeira. O Jeremy acordado, em quem imediatamente reconheceu o marido, tal era o seu mau-humor, pegou nas tenazes que estavam na lareira e desferiu uma pancada feroz no estômago do outro.

— O que é isto? O que se passa? Onde estou? - gritou o segundo Jeremy, em sobressalto.

O companheiro fez-lhe um gesto ameaçador, para o obrigar a calar-se.

— Há duas horas que dormes! Pega na tua capa, no teu chapéu, no teu cofre e põe-te a mexer!

— Mais um copinho de vinho do Porto antes de me ir - gemeu o sócia, espreguiçando-se -, tu prometeste, não te esqueças!

— Toma, bebe-o depressa e oxalá que sufoques!

— À tua!

O sócia esvaziou o copo com ar satisfeito e acabou de se vestir. Depois, pegou numa caixa de ferro que se achava sobre a mesa e colocou-a debaixo do braço. Jeremy observava o seu duplo com inquietação: certificou-se de que ele se aguentava de pé, que segurava firmemente no cofre e recomendou-lhe que o vigiasse com mais cuidado, até, do que a sua própria vida. Depois, dirigiu-se cautelosamente para a porta, a fim de a abrir. Affery, que previra este gesto, encontrava-se já nas escadas, entrevendo, pela fresta do batente, o céu pontilhado de estrelas.

Foi então que o sonho se tornou verdadeiramente muito bizarro: Affery teve tanto medo de Jeremy, que lhe faltaram as forças para voltar ao quarto e ali ficou, como que

pregada ao chão, até que o marido, que subia, segurando uma vela, deu pela sua presença. Olhou-a fixamente, sem dizer palavra, e continuou a avançar; ela, como que hipnotizada, pôs-se então a recuar lentamente. E foi assim que, um a recuar e outro a avançar, chegaram ao quarto. Logo que fechou a porta, Jeremy pegou na mulher pelo pescoço e pôs-se a abaná-la com tanta violência, que ela ficou arroxeadá:

— Ora bem, Affery, ó mulher - gritou o senhor Flintwitch. - Em que estás tu a sonhar? Acorda, acorda! Deste agora em sonâmbula? Adormeci lá em baixo e, em pleno pesadelo, venho dar contigo acordada! Affery, mulher - acrescentou com um esgar -, se volto a encontrar-te a sonhar desta maneira, isso quer dizer que precisas de um bom remédio E nem imaginas a dose que apanharias, minha velha, nem imaginas.

Na manhã de segunda-feira, quando os campanários da City deram as nove horas, Jeremy fez rolar a poltrona da senhora Clennam para junto da grande escrivaninha e deixou passar Arthur, que entrava.

— Sente-se melhor esta manhã, minha mãe?

— Nunca mais me sentirei melhor - retorquiu ela com uma certa satisfação amarga-, mas sei-o e suporto o meu destino.

De rosto sereno e impenetrável, arrumou alguns papéis.

— Posso-lhe falar dos nossos negócios, minha mãe, sente-se com disposição para isso? - perguntou Arthur.

— Se me sinto com disposição - exclamou ela. - Há mais de um ano que o seu pai faleceu e, a partir dessa altura, fiquei ao seu dispor, aguardando a sua vontade!

— Antes de poder deixar a China, tive muitos problemas a resolver; e depois viajei um pouco, para repousar e descontraí-me.

— Repousar e descontraí-se! - a mãe virou-se para ele como se não tivesse compreendido, pois relanceou o quarto onde estava encerrada com ar escandalizado.

— Além disso, minha mãe, como a senhora era a única testamenteira e como dirigia a empresa, só me restava aguardar que tudo ficasse resolvido de acordo com os seus desejos.

— As contas estão feitas e todos os recibos verificados. Pode examiná-los quando quiser - respondeu ela.

— É inútil; visto ter sido a senhora a resolver tudo. Posso continuar, minha mãe! A senhora sabe que, de há alguns anos para cá, o nosso negócio entrou em declínio. há quarenta anos, esta casa fervilhava de atividade e, hoje, não é nada. Fazemos as nossas expedições por intermédio de outros e.

— Julgo adivinhar o que vai dizer - interrompeu ela. - Deus me livre de me queixar

das amargas provações que Ele me envia. Mereci-as, porque pequei, e aceito-as.

— Como compreendeu, minha mãe, decidi retirar-me dos negócios. Não tentarei convencê-la a fazer o mesmo, seria tempo perdido, receio eu. Tentarei simplesmente obter a sua indulgência, caso tenha exercido sobre a senhora alguma influência, por mínima que seja; minha mãe, durante quarenta anos curvei-me à sua vontade e às regras que me impôs. Isso sem qualquer proveito ou prazer; mas curvei-me, lembre-se disso!

Desgraçado daquele que tivesse procurado clemência no olhar inexorável daquela mulher Como lhe era necessária, a sua. religião de tristeza e de trevas, quebradas por acessos de maldição, de vingança e de destruição!

— Acabou, Arthur, ou tem ainda algo a acrescentar?

— Há ainda outra coisa, minha mãe: algo que há meses me persegue dia e noite e cuja alusão me é ainda mais penosa visto dizer respeito a todos nós.

— A todos nós Então, a quem?

— À senhora, a mim, ao meu falecido pai. Conheceu-o muito melhor do que eu; a senhora era, mais enérgica e dominava-o; foi a senhora quem decidiu mandá-lo para a China dirigir os nossos negócios e manter-me aqui até aos vinte anos, antes de me deixar ir ter com ele.

— Ora bem! Vá direito ao assunto!

Ele baixou a voz e continuou, muito perturbado:

— Queria perguntar-lhe se alguma vez suspeitou. A esta palavra, ela virou-se para o filho e franziu os sobrolhos. — Suspeitou de que o meu pai teria sido torturado por algum segredo remorso?

— Não compreendo. Que mistérios.

— Não teria causado a alguém qualquer dano que não teve possibilidade de reparar? Ela olhou-o com cólera, mas sem responder.

— Se esta idéia nunca lhe ocorreu, o que eu disse deve parecer-lhe medonho. Mas tal suspeita obceca-me. Eu estava lá, compreende, e li-lhe no rosto, quando me confiou o relógio que lhe enviava como recordação, que tentara, em vão, escrever algumas palavras para si! Em nome do céu, a senhora, que há quarenta anos conhece todos os nossos assuntos, ajude-me a desvendar este mistério!

Ela mantinha-se sempre silenciosa e recuou lentamente para o fundo da cadeira, qual sombra feroz.

— Se é preciso reparar ou restituir, façamo-lo depressa! E para isso utilizaremos o dinheiro que me cabe e do qual não disporei se não me pertencer com plena justiça!

Junto da escrivaninha pendia o cordão de uma sineta; bruscamente, fez rolar a poltrona para trás e puxou-o com violência. Uma jovem acorreu imediatamente, muito

assustada.

— Chame o Flintwitch!

Um instante mais tarde, aparecia o velho:

— Com que então, já a discutirem um com o outro!

— Flintwitch, olhe para o meu filho! Mal entrou em casa ei-lo a difamar a memória do pai em presença da mãe! Pede-me que lhe devasse o passado, receando que os bens terrenos, que com tanto esforço adquirimos, sejam produto da desonestidade e pergunta-me a quem será necessário restituí-los! Viaja, diverte-se e depois atreve-se a falar de reparação! Será que há quinze anos não pago já pelos meus pecados! Se volta a falar disso, Arthur, renegá-lo-ei, expulsá-lo-ei para sempre da minha presença E se, apesar de tudo, ousasse voltar, quando eu me sentisse a morrer, o meu corpo, à sua aproximação, sangraria.

Calou-se, em parte acalmada por estas palavras proféticas.

— Visto que me mandou chamar, poderei, porventura, saber a razão de tudo isto? - perguntou Jeremy.

— Pergunte à minha mãe: o que eu disse dirigia-se exclusivamente a ela.

— Oh! Oh! Muito bem! Se bem estou a compreender, o Arthur suspeitou do pai, não é verdade?

— Basta, não falemos mais disso - atalhou a senhora Clennam.

— Sim, sim, mas só mais uma coisa - insistiu o velho - disse-lhe que não havia razão para suspeitar do pai?

— Digo-lho agora.

— Ah, agora Bom. E eu repito-lhe, Arthur, para que fique bem claro, não tem qualquer fundamento suspeitar do seu pai. Bom. Também já o informou da sua decisão quanto à empresa?

— Ele abandona os negócios.

— A favor de.

— De minha mãe, evidentemente - concluiu Arthur.

— Nesta desilusão que sofri, o meu único consolo - replicou a senhora Clennam, após uma breve pausa - será recompensar um velho servidor. O comandante abandona o navio, Jeremy, mas continuaremos os dois, ou afundar-nos-emos com ele.

Jeremy agradeceu e asseverou-lhe a sua eterna dedicação, depois olhou para o relógio e tocou a sineta.

— Onze horas. Hora das suas ostras. Mas a senhora Clennam recusou-se a tocar naquele prato, todavia muito apetitoso, acrescentando sem dúvida este sacrifício ao seu

rol no Grande Livro da Eternidade.

A jovem que respondera ao chamamento e trouxera as ostras era a que Arthur entrevira, na véspera, no escuro. Devia ter vinte e dois anos, embora o rosto deixasse transparecer mais maturidade e preocupações do que seria natural naquela idade. Todavia, era pequena de estatura e tão franzina no seu apertado vestido, que a teríamos, na verdade, tomado por uma criança.

A Pequena Dorrit era costureira ao dia: por um salário irrisório, trabalhava das oito horas da manhã às oito horas da noite. O que ela fazia nesse intervalo, era um mistério. Serviam-lhe a refeição, que tomava sozinha, pois pretextava sempre qualquer trabalho a terminar a fim de jantar isolada. Para costurar, instalava-se em recantos tão afastados e escapulia-se com tanta ligeireza, quando com ela cruzavam nas escadas, que mal se tinha tempo de observar o seu rosto pálido, diáfano e agitado, onde sobressaíam lindos olhos cor de avelã. De cabeça delicadamente inclinada, uma configuração frágil, umas mãozinhas incansáveis, assim era a Pequena Dorrit no seu trabalho.

No decurso daquele dia, Arthur percorreu a casa de alto a baixo: achou-a tão triste, tão lúgubre e tão poeirenta, que pegou nas malas e decidiu instalar-se no hotel. Contudo, vinha todos os dias, para verificar contas e papéis. Por vezes, encontrava a Pequena Dorrit e a sua curiosidade em relação à jovem era cada vez maior.

Capítulo II - A PENITENCIÁRIA

Nessa época, elevava-se junto da Igreja de São Jorge, no bairro de Southwark, a Penitenciária. Era um edifício retangular, que lembrava uma caserna, dividida em cubículos miseráveis e cercada por um pátio estreito e empedrado, rodeado por altos muros ericados de pontas de ferro. Nela eram encerrados os que na altura não tinham condições para liquidar as suas dívidas a credores impacientes. vinham, com freqüência, acompanhados da família, instalar-se por algumas semanas naqueles cubículos exíguos.

Um dia, muito tempo antes do início da nossa narrativa, um cavalheiro de certa idade, de ar muito amável e desamparado, para lá foi conduzido. Ao carcereiro que fechava o portão de ferro declarou que decerto sairia dentro de um dia ou dois - É o que toda a gente pensa! Murmurara o carcereiro -, e que era até desnecessário desfazer as malas. A grande preocupação daquele homem tímido era a esposa:

— Que pensa o senhor, ficará ela muito impressionada quando amanhã me vier esperar à porta da prisão? - perguntou ao carcereiro.

Este respondeu que, geralmente, tal não acontecia, mas que dependia do temperamento das mulheres.

— Ela é muito delicada e inexperiente.

— Nesse caso, evidentemente.

— Está tão pouco habituada a sair sozinha que pergunto a mim mesmo se conseguirá encontrar o caminho para aqui.

— Talvez apanhe um fiacre - sugeriu o carcereiro.

— Assim o espero. Mas quem sabe, hum, se isso não lhe ocorrerá Diga-me, receio... espero que não lhe seja proibido trazer os filhos, não é verdade?

— Os filhos - retorquiu o carcereiro. - Proibido! Santo Deus, o pátio está cheio de miúdos! Parecem formigas Quantos tem?

— Dois - balbuciou o prisioneiro, entrando no pátio.

O carcereiro seguiu-o com os olhos.

— O senhor também é uma criança, o que faz três. E a sua mulher também, aposte, o que faz quatro. E decerto que vem um a caminho, o que faz quatro e meio. E o mais fraco de todos não é o que 'tá p'ra vir. - pensou.

A família instalou-se no dia seguinte, convencida de que ficaria apenas por alguns dias. Mas os negócios daquele devedor estavam tão enredados - ele próprio não percebia nada daquilo - que os guarda-livros e os conselheiros, que tentaram pôr o assunto em ordem, se viram por fim obrigados a desistir, em face da inexplicável confusão dos papéis.

— Sair? - comentava o carcereiro. - Aquele nunca mais sairá!

Como previra, cinco ou seis meses mais tarde, o endividado apareceu, uma manhã, esbaforido, pedindo que lhe fosse buscar um médico: a mulher estava prestes a dar à luz. De forma que o terceiro filho nasceu na prisão: era uma pequenita frágil, de quem, em breve, todos os prisioneiros muito se orgulhavam e que ficou a ser chamada o Bebê da Penitenciária.

E, gradualmente, o cavalheiro foi-se habituando àquela vida de recluso. começou mesmo a descobrir nela uma certa segurança: sentia-se ali protegido das desgraças que era incapaz de enfrentar. A família encontrava-se agora instalada, os filhos mais velhos brincavam no pátio e toda a gente conhecia o bebê. o próprio prisioneiro admirava o recluso.

E - Que homem distinto - dizia para consigo -, um autêntico cavalheiro, que sabe tocar piano, que fala francês e até italiano!

Quando a recém-nascida completou oito anos, a mulher do endividado, cuja saúde era frágil, faleceu. O marido encerrou-se no cubículo, saindo de lá quinze dias mais tarde, de cabelos grisalhos e, depois, a vida retomou o seu curso normal: as crianças continuaram, como antes, a brincar no pátio, vestidas de preto.

O tempo passou. Bob, o carcereiro, envelhecia e a saúde declinava.

— Eu e o senhor - disse, numa noite de Inverno, ao devedor - somos os pensionistas mais idosos daqui. Como todos estimam o senhor, gostaria que passasse a ser o Pai da Penitenciária!

O senhor Dorrit acedeu e a tradição prosseguiu, de geração em geração de prisioneiros - quer dizer, de três em três meses -, porque o idoso senhor de modos afáveis e cabelos brancos era o Pai da Penitenciária. Todos os recém- chegados lhe eram apresentados, cerimónia que ele levava muito a sério recebia-os no seu quarto, com uma certa condescendência de homem a quem o destino oprimiu, dizendo:

— Bem-vindo à Penitenciária! Sim, sou o Pai da Penitenciária, tiveram a bondade de me conceder esse título!

Tornou-se habitual receber sub-repticiamente algumas boas moedas, com os cumprimentos de um pensionista, daqueles que se iam embora. Recebia estas ofertas como os tributos de admiradores a uma personagem oficial e acostumou-se, com toda a naturalidade, ao que passou a ser uma espécie de mendicidade.

Também Amy, a menina que nascera na prisão foi transmitida de geração em geração, quer dizer, de braços em braços. O carcereiro Bob, o seu padrinho, afeiçoou-se-lhe bastante, reservando-lhe uma boa lareira no cubículo e respondendo às suas perguntas. Ela depressa compreendeu que nem toda a gente tinha o hábito de viver encurralada em

pátios estreitos, rodeados de muralhas eriçadas de pontas de ferro; mas também depressa percebeu que, se ela tinha liberdade para sair pelo portão de ferro e franquear os muros, o pai, esse, não podia. A partir de então, começou a olhá-lo com ar de piedade e compaixão. Experimentava os mesmos sentimentos com respeito à sua caprichosa irmã e ao seu tão indolente irmão, pelas pessoas sem vivacidade que os altos muros mantinham prisioneiras e pelas crianças que ali brincavam.

Mas foi na ação que se manifestou o seu desejo de proteção, no dia em que o pai ficou viúvo. Nessa altura tinha apenas oito anos e, de início, tudo o que pôde fazer foi ficar junto do preso para cuidar dele. Mas, pouco a pouco, começou efetivamente a assumir o lugar de mais velha e de responsável, suportando todas as preocupações, todas as inquietações e todas as vergonhas daquela família arruinada.

Periodicamente, mandava o irmão e a irmã para a escola primária; até ela frequentou algumas aulas noturnas, de forma que, aos treze anos, era capaz de ler e de escrever e de se encarregar das reduzidas despesas da família. Descobrimo, um dia, que um professor de dança acabara de ingressar como pensionista, foi, muito polidamente, solicitar-lhe que desse algumas aulas de dança à sua irmã Fanny, que mostrava grandes desejos de aprender. O bom homem, nas dez semanas que permaneceu na Penitenciária, consagrou todo o seu tempo à jovem, que fez progressos extraordinários. O sucesso deste empreendimento impeliu a pobre jovem a fazer outra tentativa durante meses, aguardou a chegada de uma costureira finalmente, apareceu uma modista, a quem a jovem se dirigiu:

— Aprender costura! E para quê? Veja aonde isso me levou! à prisão.

— Mesmo assim desejava aprender, minha senhora - insistiu ela.

— E, além disso, a menina é tão pequenina que.

— É verdade, sou muito pequenina! - soluçou o Bebê da Prisão, cuja pequena estatura dava já azo a gracejos.

A modista, que no fundo tinha um coração muito bondoso, fez dela sua aluna e, em pouco tempo, uma hábil costureira.

Com o tempo, também o Pai da Penitenciária foi mudando. Quanto mais dependia do dinheiro dos pensionistas mais ares se dava, em contrapartida, de nobre arruinado! Aceitava os cobres, mas chorava se alguém se atrevia a dizer que as filhas trabalhavam para viver. Embora fosse necessário engendrar toda a espécie de mentirinhas para manter, aos seus olhos, esta ilusão de ociosidade distinta. A filha mais velha tornou-se dançarina: na família, havia um tio arruinado - arruinado pelo Pai da Penitenciária - que sobrevivia tocando muito mal, clarinete, no velho teatro para onde Fanny foi contratada. E contaram ao pai que a filha se ausentaria, durante o dia, para tomar conta do velho tio. O Pai da Penitenciária aceitou esta explicação, sem fazer perguntas.

— Façam como quiserem, minhas queridas, saiam à vontade, têm razão, isto aqui não é nada alegre! - dizia-lhes, fingido que nem por um instante lhe ocorria que pudessem sair para trabalhar.

Para o Bebê da Prisão, o mais difícil foi persuadir o irmão a trabalhar: deambulava pela prisão, fazia pequenos recados para os pensionistas e andava com rapazes pouco recomendáveis. Feliz com a sua sorte, teria, na verdade, continuado a viver assim até aos oitenta anos! Amy, ajudada pelo padrinho, o carcereiro Bob, arranhou para ele um emprego num notário. Mas, ao fim de seis meses, Tip voltou, de mãos nos bolsos, anunciando que se fartara e desistira do emprego. Tip cansava-se de tudo: de cada vez que arranjava trabalho - e arranhou muitos! - voltava, invariavelmente, algum tempo depois, declarando que estava farto e que desistira de tudo. E voltava à Penitenciária para retomar a sua vida de moço de recados, como se a prisão exercesse nele um fascínio irresistível. Um dia, contudo, anunciou que descobrira uma coisa ao seu jeito e, durante vários meses, ninguém soube nada dele. Vários boatos ambíguos correram a seu respeito, mas a pequena Amy de nada soube. Quando ele voltou, foi declarar tranquilamente à irmã que contraía algumas dívidas, que voltava para a Penitenciária como recluso. Espantou-se por a ver desmaiar!

Tal era a vida e a história do Bebê da Penitenciária aos vinte e dois anos de idade. A despeito dos laços que a prendiam à casa natal, compreendera que melhor seria esconder a toda a gente o lugar onde passara a existência. E tal segredo aumentava ainda mais a sua natural timidez.

Tal era a existência da Pequena Dorrit, que voltava, agora, para casa, numa triste noite de Setembro, observada à distância por Arthur Clennam. Avançava, como uma sombra minúscula, pelas ruas buliçosas e bruscamente desapareceu pela porta da Penitenciária.

Na rua, Arthur Clennam parara, aguardando que passasse algum transeunte, a fim de lhe perguntar que lugar era aquele, quando surgiu um velho, que descreveu uma curva e passou pelo alpendre. Avançava todo curvado, as costas abauladas e com ar preocupado. Envergando um velho capote coçado, que lhe caía até aos calcanhares, tendo a cobrir-lhe os cabelos grisalhos e eriçados um velho chapéu ensebado e esburacado, segurava debaixo do braço um estojo mole, que devia conter qualquer instrumento para venda e segurava um maço de rapé, de um penny, com o qual reconfortava o pobre nariz azulado.

Arthur bateu-lhe ao de leve no ombro, interpelando-o, e o velho virou-se, piscando os olhos, como se tivesse percebido mal:

— Hem, que diz?

— Por favor, meu amigo, pode-me dizer que local é este?

— Este local é a Penitenciária.

— A prisão para dívidas?

— Sim, cavalheiro, a prisão para dívidas - retorquiu ele, virando-se.

— Desculpe, mas saberá o senhor se toda a gente pode entrar e sair?

— Entrar lá, sim. - respondeu o velho, dando a entender que ninguém de lá podia sair.

— Perdoe-me a insistência, o senhor frequenta bastante este local?

— Conheça-o bem - respondeu ele, como que ofendido por estas perguntas.

— O senhor vai-me desculpar. Não faço estas perguntas por curiosidade impertinente, o motivo que tenho é sério. Conhece o nome Dorrit?

— O meu nome, cavalheiro - respondeu ele simplesmente -, é Dorrit.

Arthur tirou o chapéu e apresentou-se; estava interessado por uma jovem a quem chamavam a Pequena Dorrit e que acabava de ver entrar naquele recinto.

— Essa jovem é filha do meu irmão, William Dorrit. Chamo-me Frederick. Sei que sua mãe, a senhora Clennam, protege a minha sobrinha e lhe dá trabalho. sendo assim, entre Arthur seguiu-o: franquearam os dois portões de ferro, que foram em seguida aferrolhados, e penetraram na prisão. A noite estava escura e as candeias do pátio e as tristes velas que se lobrigavam nas janelas só a tornavam mais sombria.

— E sobretudo, cavalheiro - disse Frederick, ao subirem as escadas -, não diga ao meu irmão que a minha sobrinha é costureira. O coitado não sabe que ela trabalha, tentamos salvar-lhe a dignidade.

Quando o velho abriu a porta do quarto, Arthur avistou a Pequena Dorrit e compreendeu imediatamente a razão por que tinha tantas precauções em tomar as refeições do meio-dia sozinha: trouxera a carne que lhe fora servida e estava a aquecê-la para o pai, que, de velho roupão e gorro preto, aguardava o jantar diante da mesa cuidadosamente posta.

A jovem teve um sobressalto, ficou muito ruborizada e em seguida muito pálida; o visitante fez-lhe um sinal, suplicando-lhe que se tranquilizasse e que confiasse nele.

— Este cavalheiro é o senhor Clennam, que encontrei à porta - explicou Frederick ao irmão -, desejava cumprimentar-te, mas não se atrevia a entrar, com receio de te incomodar.

O senhor Dorrit levantou-se e cumprimentou Arthur com a sua altivez condescendente:

— Muito me honra, cavalheiro, seja bem-vindo. Frederick, uma cadeira! Rogo-lhe que se sente.

Era o mesmo cerimonial com que acolhia um novo pensionista.

— O cavalheiro deve estar a par... , minha filha decerto lhe disse que eu sou o Pai da Penitenciária.

— Eu.

— Sim, evidentemente - arriscou Arthur, que ignorava o facto.

— E decerto sabe que a minha filha Amy nasceu aqui: que boa filha, cavalheiro, é o meu conforto e o meu amparo! Amy, minha querida, por favor, trazes-me a travessa? Senhor Clennam, vai-me dar a honra de partilhar a minha humilde refeição. .

A Pequena Dorrit instalou-se junto do pai, mas parecia inquieta e perturbada e nada conseguiu engolir. O olhar que deitava ao senhor Dorrit, a um tempo cheio de admiração e de vergonha, de dedicação e de amor, tocou bem fundo no coração de Arthur. Mas o Pai da Penitenciária continuou o seu discurso e o visitante então compreendeu por que tinha a jovem um ar tão envergonhado e perturbado:

— As pessoas são muito caridosas! a maior parte daquelas que vêm aqui para me serem apresentadas desejam agradecer-me com qualquer, hum, ofertazinha em honra do Pai da Penitenciária. Na maioria das vezes dão, hum, dinheiro que, devo confessar, é sempre bem-vindo!

Em face de um pedido tão explícito, a jovem pousou a mão no braço do pai, numa súplica muda, depois desviou o seu rostozinho, crispado de vergonha.

Ouviu-se uma sineta e, ao mesmo tempo, a porta abriu-se, dando passagem a dois jovens: eram Tip e Fanny, que vinham buscar os seus fatos que Amy cosera, lavara e engomara. Quando a sineta tocou segunda vez, Frederick levantou-se.

— Despache-se, senhor Clennam, em breve as portas fecharão. Depois, saiu com os dois sobrinhos.

Clennam, antes de partir, meteu sub-repticiamente uma boa quantia na mão do senhor Dorrit e em seguida desceu as escadas a correr, à procura da Pequena Dorrit, que desaparecera. Encontrou-a no pátio:

— Perdoe-me por ter vindo aqui! Mas desejava tanto ser-lhe útil, a si e à sua família! Se pudesse esperar ser merecedor da sua confiança, tal facto consolar-me-ia de muitas decepções!

— O senhor é muito bondoso e, no entanto, preferia que não me seguisse. Mas despache-se, a sineta já parou de tocar!

— Espere! Há quanto tempo conhece a minha mãe?

— Há dois anos, julgo eu!

— Ela veio buscá-la aqui?

— Não, ela não sabe onde vivo. No anúncio, indiquei a morada de um amigo do meu pai e foi assim que a senhora Clennam me descobriu e contratou.

A situação daquela criança impressionava-o tanto que se afastou a contragosto; todavia, ao chegar ao portão, ele deparou-se-lhe fechado. Uma voz trocista ressoou atrás de si:

— Então, apanhado na armadilha - perguntou Tip, o prisioneiro. - Ande, venha, vamos procurar um sítio onde pernoitar.

Mais tarde, acomodado numa tarimba, envolto nas trevas da Penitenciária, Arthur cismava:

— Quem sabe, quem sabe se razões misteriosas não levaram a minha mãe a interessar-se por esta garota!

E a suspeita, que o perseguiu, voltou a perpassar-lhe inexplicavelmente o espírito.

No dia seguinte, quando acordou, espessas nuvens corriam pelo limitado céu que se lorigava da prisão e a chuva fustigava os detritos e a poeira do pátio. Foi com alívio que abandonou aquele antro de miséria, depois de ter encarregado um moço de recados de prevenir a Pequena Dorrit de que estaria à sua espera em casa de Frederick, tio dela.

A casa do velho era pobre e respirava-se ali um ar doentio, trapos a secar pendiam das águas-furtadas. Arthur encontrou Frederick na sua mansarda, bebendo o seu café numa mesa desengonçada, enquanto Fanny se acabava de vestir no cubículo ao lado. Logo que Amy chegou, um pouco mais tarde, Arthur ofereceu-se para a acompanhar durante parte do trajeto. Ela aquiesceu, dando mostras de certo embaraço, e aceitou o braço que ele lhe estendia.

Partiram, assim, em direção à Ponte de Ferro depois de percorrerem as artérias buliçosas, aquele lugar, de tão calmo, parecia-lhes que se encontravam em pleno campo. As rajadas de vento eram fortes e húmidas no céu, as nuvens, o fumo e o nevoeiro perseguiam-se com fúria, enquanto as ondas sombrias do rio se encapelavam. A Pequena Dorrit parecia a mais pequena, a mais agradável e a mais frágil das criaturas de Nosso Senhor!

— Ontem à noite falou-me com tanta gentileza, senhor Clennam, que gostaria de lhe agradecer. E também desejaria muito dizer-lhe que, - hesitou e estremeceu, de olhos marejados de lágrimas - que é preciso não julgar mal o meu pai. Encontra-se há tanto tempo recluso ali. A prisão modificou-o e, precisamos de o compreender!

— Acredite, minha filha, que nunca o julgarei com dureza.

— Não quero dizer com isto que ele tenha que se envergonhar de qualquer coisa! Como sabe, é muito respeitado - acrescentou, com ingénuo orgulho -, os que vão para a

Penitenciária têm imenso prazer em conhecê-lo e toda a gente reconhece que é superior aos outros, é mais por isso do que por ele ser pobre que lhe dão presentes!

O seu rosto resplandecia de afeto e de fidelidade. Dirigi ao seu novo amigo um olhar suplicante:

— Porventura, compreenderá melhor a minha atitude de ontem à noite? Disse-lhe que lamentava a sua vinda, pois bem, com efeito. para falar verdade. não lamento absolutamente nada. Mas talvez tenha falado de uma maneira bastante confusa.

— Não se preocupe, acho que compreendi perfeitamente! - respondeu Arthur, um pouco perturbado. - Mas diga-me antes: gostaria de ver o seu irmão Tip em liberdade?

— Oh! Senhor Clennam, sentir-me-ia tão, tão feliz!

— Pois bem, veremos... Esse amigo do seu pai de que me falou ontem, como se chama ele?

— Chamava-se Plornish, era estucador e morava no Beco do Coração-que-Sangra.

— Não lhe prometo nada, minha filha, mas pode contar comigo. Farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Voltaram a percorrer as ruas lamacentas. Clennam pensava na frágil figurinha que lhe dava o braço e que ele - ele que se sentia tão velho - considerava uma criança; cismava no local miserável onde ela nascera, na sua solicitude para com os outros, na sua inocência.

De repente, ouviu-se um grito:

— Mãezinha! Mãezinha!

Uma esquisita personagem, muito excitada, veio embater contra eles e caiu no chão, entornando o cesto de batatas.

— Oh, Maggie, és uma menina tão desastrada! - exclamou a Pequena Dorrit.

Maggie levantou-se com ligeireza e pôs-se a procurar as batatas, mas apanhava mais lama do que tubérculos.

Arthur e a Pequena Dorrit ajudaram-na e, quando tudo ficou em ordem, ela enxugou o rosto sujo com o xaile. Arthur pôde então examiná-la: tinha cerca de trinta anos, larga de ossos, traços grosseiros, olhos arregalados e era calva. Os olhos eram transparentes, incolores e fixos, porque era quase cega, e um sorriso, igualmente imóvel, iluminava-lhe constantemente o pobre rosto. A Pequena Dorrit apresentou-a:

— Esta é a Maggie, a filha da minha velha ama, que morreu há muito tempo. Maggie, diz -nos que idade tens.

— Dez anos, mãezinha!

— Nem calcula como ela é esperta e inteligente, não é verdade? Maggie Ganha sozinha o seu sustento!

E Maggie ria, muito feliz.

— Escuta, Maggie, este senhor quer saber a tua história, conta-lhe: a tua avó não era muito boa contigo.

E Maggie fingiu que bebia uma garrafa, dizendo egine, depois batia num bebé imaginário com um cabo da vassoura e um atiçador.

— Aos dez anos - prosseguiu a Pequena Dorrit - teve uma febre maligna e, desde então, ficou assim.

— Que lindo hospital - exclamou Maggie. Tão confortável Com limonada, laranjas, frango!

— Quando voltou do hospital - continuou a Pequena Dorrit, como se estivesse a contar uma história a um garoto -, a avó tratou-a ainda pior. Mas Maggie lutou tanto para melhorar, que pouco a pouco foi sendo capaz de sair sozinha e agora ganha o seu sustento.

Maggie ria às gargalhadas, batendo palmas, depois puxou- os até defronte de uma mercearia, para lhes mostrar como sabia ler bem os cartazes. Quando Arthur Clennam viu como o prazer fazia ruborizar o rosto da Pequena Dorrit sempre que Maggie acertava, pensou que seria capaz de ali ficar uma eternidade a contemplar as duas.

Finalmente, chegaram à prisão e a minúscula mãezinha desapareceu com o seu enorme bebé por trás do portão de ferro, que em seguida foi aferrolhado.

Capítulo III: O BECO DO CORAÇÃO-QUE-SANGRA

Arthur passou os dias seguintes a percorrer os ministérios, a fim de tentar esclarecer a situação financeira do senhor Dorrit. Mas recambiavam-no de porta em porta, de repartição em repartição, sem se dignarem prestar atenção ao seu caso. Uma manhã, quando saía desanimado de uma das repartições, cruzou-se, nas escadas, com dois homens e um deles, muito excitado, ralhava em voz estridente, agitando os braços. Arthur reconheceu o senhor Meagles, com quem viajara até Marselha e cuja filha, Cherry, muito o impressionara, dada a sua semelhança com Flora. Tocou-lhe ao de leve no ombro; o senhor Meagles virou-se, de rosto afogueado, e imediatamente se acalmou ao reconhecer Clennam, a quem cumprimentou calorosamente.

— Olhe-me para este indivíduo! - acrescentou, indicando-lhe o companheiro.

O indivíduo em questão, um homenzinho de cabelo grisalho e rosto ponderado, tinha, contudo, uma aparência das mais convenientes.

— Chama-se Daniel Doyce; olhe para ele, será que tem aspecto de criminoso? Ou de um inimigo público? E, contudo, é assim que o tratam nos ministérios. E sabe por quê? Porque é o mais hábil ferreiro e engenheiro que conheço Há doze anos, fez uma descoberta que seria da maior utilidade para o nosso país e para a Humanidade e não pode calcular o dinheiro e o tempo que desperdiçou com ela! Mas logo que se dirigiu ao Governo para dar a conhecer o seu invento, passou a ser considerado um malfetor do qual é preciso desembaraçar-nos o mais depressa possível!

Arthur, que há alguns dias se familiarizara com os ministérios, compreendeu perfeitamente a situação...

— E o pior - exclamou o senhor Meagles excitando-se de novo - é que ele nem sequer se queixa!

— É evidente que me senti desiludido e penalizado - respondeu Doyce calmamente -, é muito natural. Mas sei que todos aqueles que se encontram na minha situação são tratados da mesma forma. não podia fazer nada, eis tudo.

Clennam olhou para ele e captou-lhe no rosto um certo ar envelhecido e triste. O senhor Meagles interveio:

— Vamos! Vamos! Ao fim e ao cabo, de nada servem esses ares tristonhos. Onde vai agora, Daniel - Volto para a oficina.

— E se fôssemos lá todos? Decerto o senhor Clennam não se escusará a acompanhar-nos ao Beco do Coração-que-Sangra.

— Ao Beco do Coração-que-Sangra? Mas era justamente para aí que eu ia - respondeu Arthur.

O Beco do Coração-que-Sangra, à entrada do qual se localizava a pequena oficina de Daniel Doyce, era habitado por gente pobre. Os três amigos desceram os poucos degraus e seguiram pelo beco, por entre duas fileiras de portas abertas, onde se comprimiam criaturas enfezadas. Ao chegar à casa do estucador Plornish, Arthur saudou os companheiros e deixou-os, depois de ter prometido visitar em breve o senhor Meagles. Depois, penetrou no corredor e bateu à porta que lhe fora indicada. Uma mulher veio abrir, trazendo um bebê ao colo: o marido saía à procura de trabalho, mas o cavalheiro podia entrar e esperar. Arthur sentou-se e admirou o bebê nos braços da mãe, assim como o que se encontrava no chão.

— Desculpe-me, cavalheiro, mas. O senhor vem por causa de trabalho? - perguntou a senhora Plotnish, esperançada.

Havia tanta ansiedade na sua pergunta, que se possuísse um pedaço de muro, por insignificante que fosse, o preferia mandar estucar de alto a baixo a ter que responder que não. E, todavia, foi obrigado a isso! Uma sombra de decepção veio velar o rosto da jovem mulher, enquanto ele contemplava o fogo, que se extinguia. - É assim tão difícil arranjar trabalho, minha senhora?

— Para o Plornish é difícil, seja qual for o caso. Ele tem azar, essa é que é a verdade! E, no entanto, não é por não procurar nem por não querer trabalhar.

Em qualquer dos casos, era uma desgraça comum a todos os moradores do Beco do Coração-que-Sangra.

Nesse momento, entrou um jovem de rosto um pouco ingênuo, emoldurado por suíças ruivas, o macacão pontilhado de manchas de cal: era Plornish. O visitante levantou-se, dizendo que viera para falar da família Dorrit. Plornish examinou-o então com desconfiança, respondendo por monossílabos às suas perguntas: tomava-o, obviamente, por um credor! Arthur apresentou-se finalmente.

— Ah, é o senhor Clennam? Já me falaram do senhor! Sente-se, cavalheiro, e seja bem-vindo. Veja o senhor, eu próprio também não tive sorte e fui parar à Penitenciária e foi aí que conheci Miss Dorrit.

— Conhecêmo-la intimamente! - sublinhou a senhora Plornish, muito orgulhosa desta intimidade.

— Foi o pai quem eu conheci primeiro: que homem distinto e polido! Aquilo é que são maneiras e distinção! O senhor percebe como é que um cavalheiro como ele cria bolor na Penitenciária? E talvez não saiba - disse, baixando a voz com admiração -, mas as filhas não se atrevem a dizer-lhe que trabalham! Hem? Que categoria de homem, hem?

— Sem verdadeiramente o admirar por esse facto - observou calmamente Clennam

-, lamento-o muito.

A observação pareceu sugerir a Plornish, pela primeira vez, que aquela atitude talvez não fosse tão admirável como pensava.

— E como consegui que Miss Dorrit entrasse ao serviço de minha mãe?

— Ela deu-me uns pequenos anúncios que eu trouxe para o sítio onde trabalhava: quer dizer, para casa da senhora Clennam e também para casa do senhorio do Beco, o senhor Casby.

— O senhor Casby? Oh, mas é um velho conhecimento! - exclamou Arthur, ficando muito pensativo. - Mas voltemos ao objetivo da minha visita: gostaria que me ajudasse a obter a liberdade do Tip.

Plornish conhecia o credor que mandara o rapaz para a prisão: era um alquilador de uma rua vizinha. Ambos se dirigiram, pois, à sua cavalariça e, após demorados e hábeis manejos, conseguiram que, mediante o pagamento de metade da dívida, a queixa fosse retirada. Tip estava livre!

— Senhor Plornish - disse Arthur, uma vez resolvido o assunto -, conto com a sua discrição. Diga simplesmente ao Tip que se encontra em liberdade. Bem vistas as coisas, pode acrescentar que foi um amigo que lha conseguiu e espera que, quanto mais não seja pelo amor que tem à irmã, faça bom uso da sua liberdade!

No regresso, Plornish tentou esboçar a Arthur um quadro da vida dos moradores do Beco. todos se encontravam na penúria, e, mais ainda, estavam enterrados nela até ao pescoço. E por que, ninguém sabia dizê-lo. Havia gente rica - e alguns muito ricos - que dizia que os moradores do Beco eram imprevidentes; por exemplo, se viam algum habitante do Beco subir - uma vez por ano - para a sua carroça com a família, a fim de darem um passeio pelo parque, exclamavam e Julgava que era pobre, meu imprevidente amigo!. Santo Deus, como aquilo custava! Era, então, forçoso endoidecerem de tristeza O dia inteiro, as raparigas e as mulheres do Beco costuravam, mal ganhando o suficiente para não morrerem à fome. E mais ainda. Os velhos, que haviam trabalhado toda a vida, iam parar ao asilo, onde eram tratados pior do que se fossem nada! E quem era o responsável por tudo aquilo, ah, isso ele desconhecia. E mesmo os que poderiam fazer qualquer coisa ficavam de braços cruzados; e como as coisas não se resolviam por si só, pois bem.

O nome do senhor Casby despertara no espírito de Arthur uma certa curiosidade. com efeito, o senhor Casby era o pai de Flora, a bem-amada da sua adolescência. Era um homem que gozava da reputação de ser pródigo em inquilinos à semana e de conseguir arrancar soldos de becoss e ruelas dos quais nada se esperava.

Após vários dias de investigação e pesquisas, Arthur convenceu-se de que o caso

do Pai da Penitenciária não tinha solução e tristemente renunciou à idéia de lhe propor voltar a liberdade. Em qualquer dos casos, decidiu fazer uma visita ao senhor Casby.

— Também esta casa não mudou - pensou Clennam, levantando a brilhante aldrava de cobre.

Uma criada veio abrir-lhe a porta e mandou-o entrar para a antecâmara silenciosa, de pesados e bem polidos móveis. Ouvia-se, algures, o tique-taque solene de um relógio. A lareira do salão também fazia tique-taque. Durante esse intervalo, um cavalheiro idoso, sentado na poltrona, diante da lareira, fazia lentamente girar os polegares, aquecendo as pantufas no rebordo da grade. Era o velho Christopher Casby, o rosto liso, os olhos azuis e tranqüilos, o crânio calvo e lúcido, coroado de longos cabelos grisalhos que lembravam seda e lhe tinham suscitado a alcunha de Patriarca. E ele era tão tristonho, tão lento e tão imperturbável, que a alcunha lhe assentava perfeitamente. Tinha, na verdade, um rosto que logo lembrava o benfeitor da espécie humana, o pai do órfão e o amigo do desamparado. E contudo; com aquele rosto, continuava a ser o velho Casby, rico e impiedoso proprietário de imóveis. E era esse rosto que se virava agora para Arthur, perguntando:

— Deseja ver-me, cavalheiro?

Levou certo tempo a reconhecer o antigo apaixonado da filha.

— Como o tempo passa, senhor Clennam, envelhecemos, - já não somos novos - respondeu Arthur que, muito incomodado por ter dado azo a uma resposta tão pouco espirituosa, se deu conta de se encontrar dominado por um grande nervosismo.

— E o seu pai, também já se foi! - replicou o senhor Casby. - Fiquei muito desolado ao saber da sua morte, muito desolado!

Arthur respondeu, utilizando as fórmulas de cortesia em voga, que ele conhecia perfeitamente. E continuaram assim, nessas delicadezas, até que o senhor Casby se levantou para ir chamar a sua filha Flora.

Mal saíra, quando a porta da entrada se abriu e um homenzinho trigueiro e vivaz se precipitou no salão, para se deter a alguns centímetros de Clennam.

— Olá - saudou.

— Olá - respondeu Arthur, que não via nisso qualquer inconveniente.

O homenzinho vestia um fato cinzento-ferrugem, os seus olhinhos eram negros como tições, exhibia um pequeno queixo eriçado de pelos, cabelos pretos e espetados como garfos ou ganchos de cabelo. Transpirava, roncava, fungava, arquejava e soprava como uma pequena locomotiva.

— Se o senhor Casby perguntar pelo seu empregado Pancks - disse a Arthur -, quer ter a fineza de o prevenir que já voltou?

Em seguida, após um ronco e um pequeno jato de vapor, voltou a sair por outra porta, deixando Arthur completamente estupefacto.

O aparecimento de Flora, alguns instantes mais tarde, decepcionou profundamente Arthur. Na sua juventude, amara de alma e coração aquela mulher e cumulara-a dos tesouros do seu afeto e da sua imaginação; e passados vinte anos, guardava, inalterável, no coração, aquela antiga e maravilhosa imagem do passado. Mas mal os seus olhos se haviam pousado em Flora e já o seu amor de outrora se despedaçava e desvanecia.

Flora, outrora alta e esbelta, engordara; a sua tez de lis tornara-se encarnada como um pimentão. Ela, cujas palavras e pensamentos haviam sido os encantos de Arthur, parecia-lhe agora tagarela e estúpida. As suas maneiras de menina ingénua e mimada tinham perdido todo o encanto e tornavam-se agora ridículas.

O jantar foi um verdadeiro suplício para Arthur, que depressa pretextou uma visita à mãe para não prolongar o serão e, aliás, o senhor Casby começava já a cabecear na sua poltrona. Apertou a mão da nova Flora, que estava muito perturbada, e foi-se embora, sentindo-se muito infeliz, acompanhado por Pancks, que ia na mesma direcção que ele.

Quando se sentiu um pouco reanimado pelo ar fresco, entabulou conversa com o homenzinho trigueiro que caminhava ao seu lado, roendo as unhas, imerso nos seus pensamentos. Pancks cismava em negócios. Era, explicou a Clennam, a única coisa que lhe interessava no Mundo. Levantar-se cedo, trabalhar, engolir num ápice as refeições e trabalhar de novo, tal era a obrigação de um homem num país industrializado. Ele próprio só tinha uma distração, colecionar os anúncios procurando herdeiros. Sublinhava as frases com bizarras fungadelas; Arthur interrogou-se, repentinamente, se aquilo não passava, simplesmente, da maneira de rir de Pancks e se aquele homenzinho falava realmente a sério.

Depois de ter deixado aquele curioso individuozinho, Clennam seguiu - em direcção às avenidas principais: sentia-se muito só e triste e procurava um pouco de luz e bulício. Nessa altura, um ajuntamento obrigou-o a recuar para o passeio.

— Que se passa - perguntou ao seu vizinho.

— É um ferido! Acaba de ser atropelado pela mala-posta E é estrangeiro, ninguém percebe o que ele diz!

Clennam avistou, no meio dos curiosos e dos tagarelas, um corpo que era transportado numa maca improvisada e ouviu uma voz fraca a pedir água em italiano. Abriu caminho até ao desgraçado e inclinou-se para ele:

— Já lhe trazem água, acalme-se. Está gravemente ferido, meu amigo? - inquiriu-lhe Arthur.

— Oh, sim, sim! É a minha perna, senhor, a minha perna! Mas como é bom ouvirmos falar a nossa língua materna!

Era um homenzinho tiszado, de cabelos negros, dentes brancos e um rosto cheio de vivacidade.

— Não tenha medo - replicou Clennam - não o abandonarei enquanto não estiver em boas mãos.

Seguiu a padiola até ao hospital, que ficava perto, e entrou atrás dele. O cirurgião examinou o ferimento, mas tranquilizou o ferido, prometendo-lhe que em breve voltaria a andar; depois de ter tratado dele, mandou-o levar para uma boa cama. Clennam prometeu a Cavaletto - tal era o seu nome, que voltaria no dia seguinte e deixou o hospital. Soavam as onze horas, de forma que voltou diretamente para casa, o apartamento que alugara perto de Covent Garden. Sentado diante da lareira quase apagada, voltou a mergulhar nos seus devaneios e na sua tristeza. A vida parecia-lhe sombria e vazia. O único momento de felicidade que tivera na vida, o seu amor por Flora, acabava de se dissipar naquela noite e já nada lhe restava. Tinha agora quarenta anos e a velhice aproximava-se, sem que alguma vez tivesse conhecido ternura e conforto.

— Desde a minha triste juventude, asfixiada naquele lar triste e sem amor, a minha partida, o meu longo exílio, o meu regresso e o acolhimento de minha mãe, até esta tarde com a pobre Flora, que encontrei eu, então?

A porta abriu-se suavemente e ele teve um sobressalto, ao ouvir estas palavras, que pareciam uma resposta:

— A Pequena Dorrit.

A Pequena Dorrit continuava na soleira, muito intimidada. No vasto aposento sombrio, que aos olhos de menina pobre pareceu magnificamente mobiliado, encontrava-se sentado à lareira o cavalheiro que ela procurava e que fitava agora com surpresa, o cavalheiro bronzeado, sério, de sorriso tão agradável, de maneiras tão ponderadas, cujo olhar atento e inquiridor a perturbava sempre profundamente.

— Minha pobre filha! - exclamou ele, mandando-a entrar. - Por aqui, à meia-noite? Veio sozinha?

— Não, não, senhor Clennam, trouxe a Maggie.

E Maggie, que esperava atrás da porta, surgiu então, o rosto aberto num sorriso. Arthur convidou-as a sentar e apressou-se a ir buscar lenha para atizar o fogo. O vestido da Pequena Dorrit era muito ligeiro, os seus sapatos estavam bastante gastos e cambados.

— Aproxime-se do fogo, minha filha, está tanto frio!

— Obrigada, senhor Clennam, não tenho frio - respondeu ela, escondendo os pés debaixo da cadeira, para ocultar os sapatos. - Eu vim cá, senhor Clennam, para lhe dar uma notícia!

— Sim, minha filha.

Ela estremeceu imperceptivelmente ao ouvi-lo tratá-la de novo por minha filha. Clennam deu-se conta e replicou:

— Permita-me que lhe chame antes Pequena

Dorrit, visto esse ser o nome que dá a si própria.

— Obrigada, senhor Clennam. E é o que prefiro! A notícia que lhe trago é que o meu irmão se encontra em liberdade!

Arthur respondeu que se sentia muito feliz com a boa nova e que tinha a esperança de que, doravante, Tip iria utilizar sabiamente a sua liberdade.

— O que também gostava de lhe dizer

— retorquiu a Pequena Dorrit - é que não conheço o nome da pessoa que generosamente lhe restituiu a liberdade. Mas se a conhecesse e se lhe pudesse falar, dir-lhe-ia que nunca poderia saber o quanto eu fora tocada pela sua bondade e o quanto o meu pai também o fora e ajoelhar-me-ia aos seus pés para lhe beijar a mão.

Já a Pequena Dorrit pegava na mão de Clennam, de olhos marejados de lágrimas, mas ele obrigou-a, com suavidade, a sentar-se de novo, muito comovido com a atitude e a inflexão da jovem.

— Vamos, Pequena Dorrit, vamos! Suponhamos que agradeceu a essa pessoa! Mas diga agora a este seu amigo, por que razão anda na rua à meia-noite e tão longe da sua casa?

— A Maggie e eu fomos ao teatro ver a minha irmã dançar.

Maggie, que ressonava, despertou subitamente, - oh, sim O teatro é um verdadeiro paraíso - exclamou, antes de mergulhar de novo no sono.

— É a primeira vez que saio de casa à noite - disse a Pequena Dorrit, estremeecendo -, e Londres pareceu-me tão grande, tão vazia e tão medonha!

Como Arthur voltava com uma bandeja com vinho, fruta e bolos, ela acrescentou:

— Queria ainda dizer-lhe outra coisa, senhor Clennam. Espero que não fique zangado. O senhor mandou um bilhete ao meu pai, anunciando-lhe que o iria ver amanhã e - depois, juntando as mãos, concluiu pensosamente a frase - não adivinha o que lhe venho pedir para não fazer?

— Acho que sim, mas, confunde-me...

— Não lhe dê dinheiro, suplico-lhe! E se ele pedir, finja que não percebe! Salve-o,

poupando-o dessa degradação! Ao vê-lo no estado decadente em que se encontra, o senhor não pode realmente avaliar como ele é - disse a Pequena Dorrit a chorar escondendo o rosto entre as mãos.

Clennam, com a voz um pouco alterada pela emoção, prometeu à jovem fazer o que esta lhe pedia.

— Obrigada, senhor Clennam, oh, obrigada! Precisamos agora de ir embora. Maggie, lembra!

Arthur encheu o cesto de Maggie de guloseimas e depois acompanhou-as até à porta, perguntando:

— Mas, onde dormirão vocês? A Penitenciária está fechada!

— Não se preocupe, dormiremos em casa da Maggie.

— Não vou deixá-las ir embora sozinhas.

— Não, não, senhor Clennam, suplico-lhe!

A sua súplica era tão ardente, que ele não insistiu e, de coração oprimido, viu-as mergulhar na noite fria.

Numa tarde chuvosa, ao pôr do sol, a senhora Flintwitch teve outro sonho, tão singular como o anterior. Encontrava-se na cozinha e dormitava, à espera que a água para o chá fervesse, os pés apoiados no guarda-fogo, quando julgou ouvir, atrás de si, um ruído aterrador: uma espécie de deslizar, seguido de três ou quatro batidas, como se fossem vários passos rápidos. Convencida de que a casa estava assombrada, subiu, a correr, as escadas da cozinha e achou-se no vestíbulo, donde ouviu gritos, que provinham do quarto da senhora Clennam. Descalçou então os sapatos e subiu cautelosamente os degraus, parando junto à porta.

— Então, nada de tolices, senhora Clennam

— gritava Jeremy Flintwitch -, não tenho nada a ver com isso!

— Então que lhe fiz eu, homem encolerizado?

— O que me fez? Estava furiosa comigo!

— Ralhei-lhe por que.

— Não Estava furiosa comigo?

— Bom, como quiser - retorquiu ela, reprimindo a sua cólera. - For porque esta manhã falou de mais com o Arthur. Decerto não o fez de propósito. - Não admito isso. Sim, fi-lo de propósito!

— Considero inútil argumentar com um velho casmurro e colérico como você. Acabemos com isto, de acordo?

— Pois vou-lhe dizer porque o fiz, velha teimosa e colérica! Porque, aos olhos dele, não ilibou o pai como devia! Porque antes de se encolerizar, a senhora, que é.

— Cale-se, Flintwitch! - gritou ela em voz sumida. - Era capaz de falar de mais!

Sucedeu-se um instante de silêncio e depois Jeremy replicou suavemente:

— Então defenda o pai de Arthur antes de se defender a si própria. Não conte com os mortos! Era o que faria se eu me tivesse vergado à sua vontade. Mas eu não quero submeter-me à sua vontade.

— Já se falou de mais do assunto, Flintwitch. Agora acenda a vela, a Pequena Dorrit está a chegar.

— Justamente a Pequena Dorrit Continuará indefinidamente a vir cá; a tomar sempre chá aqui.

— Sempre. Como se atreve a empregar tal palavra, quando a morte está tão próxima de nós?

— Está bem! Mas sabe a senhora onde mora a Pequena Dorrit?

— Não.

— E desejaria. interessar-lhe-ia saber?

— Não. Não quero saber - respondeu calmamente a senhora Clennam. - Ela não me revelou e não procurarei saber mais nada. Agora basta, Jeremy.

Soou então a sineta, Affery deslizou silenciosamente até à cozinha e voltou a sentar-se, cobrindo a cabeça com o avental. Foi assim que o marido a encontrou, adormecida diante da lareira.

Capítulo IV: DESGOSTOS DO CORAÇÃO

Cumprindo a promessa que fizera ao senhor Meagles, Arthur dirigiu-se, um sábado, para Twickenham, onde o amigo possuía uma casa de campo. O tempo estava tão bom para a época, que preferiu fazer o percurso a pé e caminhava debaixo de um Sol radioso que aquecia a charneca. Mergulhado nas suas reflexões, depressa foi alcançado por um transeunte que o precedia e cujo vulto lhe pareceu, de repente, familiar.

— Daniel Doyce! Como vai - exclamou Arthur, dirigindo-se a ele.

O senhor Doyce encaminhava-se igualmente para a casa do seu amigo Meagles e a conversa entre os dois homens foi crescendo de animação. O inventor relatou a Clennam, muito interessado, os anos da sua aprendizagem, os seus trabalhos, as suas pesquisas e as dificuldades que se lhe depararam.

— Acho que, neste caso, ser-me-á necessário arranjar um sócio: até agora, tenho-me aguentado muito bem, mas estou a envelhecer, sou obrigado a ir com mais frequência ao estrangeiro e não posso fazer tudo sozinho. Se houver oportunidade, falarei ao Meagles, que saberá aconselhar-me.

Chegaram, sempre conversando, à encantadora vivenda dos amigos. A casa estava circundada por um jardim magnífico, donde se via o serpentear de um rio. Logo que assomaram ao portão de ferro, toda a família se precipitou para os receber, isto é, o senhor Meagles, a senhora Meagles e a filha, Cherry.

Cherry tinha vinte anos. Espessos caracóis castanhos emolduravam-lhe o lindo rosto, de grandes olhos cintilantes e meigos e um sorriso terno e feliz. Numa palavra, era tão bela como encantadora.

A tarde passou-se agradavelmente em passeios e conversas. Quando Clennam voltou ao seu quarto, a fim de se vestir para o jantar, sentou-se diante da lareira, a refletir. A questão que o atormentava decerto se encontrava há muito presente no seu espírito, mas só agora assumia toda a sua acuidade: iria ou não apaixonar-se por Cherry?

Tinha o dobro da idade dela. Pois bem, que interessava isso? Sentia-se jovem de corpo e de espírito. Mas a questão seria verdadeiramente essa: Decerto o senhor e a senhora Meagles o aceitariam de bom grado para genro. Mas a jovem, que pensaria ela?

Ora, o senhor Clennam era um homem muito modesto, e quando fez a comparação dos seus méritos com os da bela Miss Meagles, ficou completamente desesperançado, mas, por fim, resolveu refrear os seus sentimentos para com ela.

À noite, após o jantar, pediu ao senhor Meagles que lhe concedesse meia hora para conversarem e retiraram-se para o escritório deste.

— Senhor Meagles, o senhor está ao corrente da minha situação; por causas várias,

abandonei a empresa de minha mãe, e neste momento; precisava de arranjar outro emprego. Ora, vim a saber, pelo senhor Doyce, que este encarava a possibilidade de arranjar um sócio para o ajudar a dirigir a sua oficina. O senhor conhece-me: se acha que eu seria a pessoa indicada, gostaria que tivesse a amabilidade de o informar que me ponho à sua inteira disposição.

A proposta encantou o senhor Meagles, que prometeu falar no assunto, no dia seguinte, ao amigo.

Quando regressou ao quarto, Clennam pôs-se à janela e contemplou o rio, que serpenteava, tão tranquilo, por entre os juncos e os nenúfares. E congratulou-se por ter tomado a decisão de não se afeiçoar a Cherry. Era tão bela, tão digna de ser amada! Como podia um homem de quarenta anos, tímido e grave, que em todo o lado se sentia um estranho, sem amigos, sem uma família acolhedora, sem fortuna, esperar conquistar aquela jovem? E, observando o rio, dizia para consigo que a água era bem ditosa por não conhecer a dor.

Na manhã seguinte, Arthur saiu antes do pequeno almoço, para ir admirar o campo das redondezas. Atravessou o rio na barcaça e passeou durante uma hora, depois voltou para o barco. um cavalheiro esperava já na margem, com o seu cão. Era um jovem de bela aparência, com cerca de trinta anos, rosto moreno e jovial. Todavia, Arthur ficou mal impressionado com a maneira brutal com que calcava o chão, dando pontapés nas pedras, e não lamentou ver-se livre da sua companhia quando desembarcou do outro lado do rio. Ao chegar a hora do almoço, Arthur enveredou pelo atalho que subia até à vivenda. Qual não foi o seu espanto ao deparar-se-lhe, no jardim, o jovem, a quem uma criada anunciava que Miss Meagles ainda não descera!

— Mas mesmo agora nos encontrámos!

— exclamou o desconhecido. - Permita-me que me apresente: Henry Gowan.

O jovem possuía uma certa distinção e uma voz agradável. Contudo, se Arthur se tivesse apaixonado por Chetry - mas não tinha -, achá-lo-ia bastante antipático.

Nessa altura, apareceu Cherry: que ar radioso o seu rosto deixava transparecer! Como acariciava aquele cão, que tão bem a conhecia! Quantas coisas exprimiam o seu rubor, e a sua perturbação, os seus olhos baixos! Clennam nunca a vira assim.

Entraram os três na sala de jantar: uma nuvem ensombrou o rosto do senhor Meagles, que reprimiu um suspiro antes de cumprimentar Gowan. E Arthur deu-se conta de que a mesma inquietação se espalhava pelo rosto do seu anfitrião sempre que via a filha com o recém-chegado. Com respeito a Gowan, Arthur veio a saber que estava ligado às famílias mais ricas do país. Todavia, a sua fortuna pessoal era demasiado insignificante

para que lhe fosse concedido um desses cargos lucrativos e tranqüilos das altas esferas administrativas. De forma que se fizera pintor, mas lidava com a sua arte com tanta desenvoltura, que não obtinha grande sucesso.

À tarde, começou a chover e o dia pareceu a Clennam muito tristonho. Quando voltou para o quarto, afundou-se na poltrona e ali ficou por muito tempo, sem se mexer, escutando a chuva que caía a cântaros sobre o telhado. Bateram à porta. Era Daniel Doyce, que lhe vinha perguntar a que horas partia no dia seguinte. Quando a questão ficou resolvida, Clennam não se conteve e abordou um assunto que o atormentava:

— Parece-me hoje que o nosso anfitrião estava um pouco sombrio.

— Sim - respondeu Doyce.

— Mas a filha não, creio eu.

— Não - retorquiu Doyce.

Ambos se calaram. Doyce, de olhos fixos na chama da vela, prosseguiu lentamente:

— O facto é que o senhor Meagles por duas vezes levou a filha para o estrangeiro, com o objetivo de a afastar de Gowan. Acha que ela sente uma extrema simpatia por ele e receia que semelhante união não dê bons resultados.

— Eles estão. - Clennam engasgou-se, tossicou e calou-se.

— O senhor apanhou um resfriado - declarou Doyce, sem olhar para ele.

— Decerto estão noivos, não é verdade? - prosseguiu Clennam em tom desprendido.

— Ainda não, pelo que me foi dito. O rapaz declarou-se, mas nada ficou decidido. Tudo o que há entre eles, viu-o o senhor, com os seus próprios olhos, esta tarde!

— Ah! Vi bastante - exclamou Arthur. O senhor Doyce deu-lhe as boas-noites com uma inflexão de homem que ouviu um grito de desespero e fez menção de responder com qualquer coisa encorajadora. E a chuva caía a cântaros, fustigava o solo, pingava dos ramos dos abetos e dos troncos nus de outras árvores. Caía pesadamente, tristemente. Era uma noite de lágrimas.

A Pequena Dorrit não completara os vinte e dois anos sem conhecer um apaixonado. Este era o filho, muito sentimental, de um porteiro, a quem o pai esperava, na devida altura, legar o cargo imaculado e a quem familiarizara, desde a infância, com a responsabilidade do ofício, ambicionando manter o aferrolho na família. E, enquanto esperava, o jovem ajudava a mãe a manter uma pequena loja de tabaco, situada próximo da prisão.

Ainda o objeto da sua afeição se sentava na sua cadeirinha e brincava com bonecas, e já o jovem John Chivery a contemplava com êxtase. Quando cresceu o

suficiente para chegar aos buracos das fechaduras, ficava horas a admirá-la, com um olho só, enquanto o jantar que deveria levar ao pai arrefecia aos seus pés. Aos vinte e três anos, sempre fiel, oferecia todos os domingos, a tremer, charutos ao pai da sua bem-amada.

John era baixinho, de pernas bastante fracas e cabelos de um louro muito pálido. Via mal de um olho (talvez aquele com que tantas vezes espreitara pela fechadura) e esse parecia maior que o outro. O pequeno John era meigo e tinha a alma grande, poética, expansiva e fiel.

Os pais de Chivery não ignoravam a inclinação do filho, inclinação que por vezes o levava a mostrar-se irascível com os clientes - facto este que prejudicava os negócios. John saía, com intenção de se declarar, mas voltava, à tarde, sem ter ousado falar.

Neste assunto, e como sempre, a Pequena Dorrit foi a última a saber. Fanny e Tip, ao corrente daquela paixão, troçavam do pobre rapaz, que tinha o arrojo de amar uma jovem pertencente a uma família tão superior à dele. O senhor Dorrit, por seu turno, bem tentava aparentar que nada sabia: a sua pobre dignidade não podia rebaixar-se a tanto! Mas aceitava, e com alegria, os charutos de domingo. E, por vezes, condescendia até a dar alguns passos pelo pátio com o doador, o que punha este último muito orgulhoso e cheio de esperança.

Sendo assim, num domingo, John saiu para a sua visita habitual, levando a sua oferta de charutos. Vestira-se com esmero, um casaco cor de ameixa, uma enorme gola de veludo sobre o colete de seda com ramagens douradas, umas calças tão bem listradas, que as suas pernas pareciam liras de três cordas, e um vasto chapéu de cerimónia. Quando a senhora Chivery viu o seu pequeno John contornar a esquina da rua naquele aparato, compreendeu para onde ia e piscou o olho ao marido.

O senhor Dorrit, a quem muito agradavam as visitas de domingo, recebeu os charutos simulando uma grande surpresa, que nessas ocasiões lhe era habitual:

— Obrigada, John, obrigada! Mas diga-me a verdade, porque é demasiado, não posso. Não. Então não falarei mais disso. Ponha-os em cima da lareira, peça-lhe, John. E sente-se, sente-se. Não é nenhum estranho aqui!

À tímida pergunta do jovem se Miss Dorrit estava, o pai respondeu que Miss Amy saíra e que decerto se encontrava na Ponte de Fetro. Há algum tempo que ia lá com frequência. O apaixonado voltou a descer as escadas, encantado, e não tardou a chegar à ponte. avistou, ao longe, o vulto da sua bem-amada que, junto de um dos parapeitos, contemplava pensativamente o rio. Estava tão absorvida, que não o ouviu chegar. Quando ele chamou a Miss Dorrit, teve um sobressalto e virou-se, tendo o seu rosto assumido

uma expressão de receio e como que desgosto, que espantou o pobre rapaz. Contudo, recompôs-se rapidamente e cumprimentou-o com a sua voz habitualmente meiga. Mas quando soube que fora o pai que indicara a John o seu paradeiro, desfez-se em soluços e afastou-se um pouco. O pequeno John ficou tão assombrado com aquela reação, que se pôs a tremer dos pés à cabeça e se precipitou no seu encaço:

— Escute, preciso de lhe dizer, Miss Amy - balbuciou ele, pensando ser aquela a altura de finalmente esclarecer as coisas -, escute! É o seguinte: há muito tempo - a mim parece-me que foi há séculos! - que sinto o desejo profundo e ardente de lhe dizer uma coisa. Permite-me que lha revele? Asseguro-lhe que não falarei sem o seu consentimento, ou, que antes preferia saltar deste parapeito do que lhe causar o mínimo desgosto!

A Pequena Dorrit olhou-o e respondeu-lhe, toda a tremer, mas com voz tranqüila:

— Suplico-lhe, John Chivery, visto que tem a bondade de me pedir permissão para continuar, suplico-lhe, não diga nada.

— Nunca, Miss Amy?

— Não, suplico-lhe, nunca.

— Oh, meu Deus! - exclamou John em voz sufocada.

— Mas, em contrapartida; deixe-me explicar-lhe uma coisa: é preciso que não nos tome, a mim e a toda a minha família, por pessoas diferentes dos outros prisioneiros. Não sei o que fomos no passado, em qualquer dos casos, não lhes somos, nem nunca seremos, superiores.

O pequeno John prometeu dolorosamente que se sentiria muito feliz por fazer tudo o que ela desejasse.

— Pelo que me toca - prosseguiu a jovem -, pense em mim o menos possível, quanto menos melhor será. O senhor, é de tal forma generoso, que sei que posso contar consigo. Adeus, John, espero que um dia encontre uma boa esposa e que seja feliz, o John bem o merece.

O pobre pequeno John, que já não podia mais, desfez-se em soluços.

— Oh! Não chore, suplico-lhe, não chore! Adeus, John, e que Deus o abençoe!

E o pequeno John afastou-se, a gola enorme levantada, porque chovia, o casaco cor de ameixa abotoado, para esconder o colete e a bengala apontada em direção da casa paterna. Amy, entretanto, sentara-se num banco, apoiando contra o muro rugoso a mão, depois o rosto, como se sentisse a cabeça pesada e o espírito oprimido.

No dia seguinte, a Pequena Dorrit foi procurar a irmã Fanny ao teatro onde, todos os dias, esta representava. Amy não estava acostumada àqueles lugares e sentiu-se completamente perdida nos bastidores, no meio de um labirinto poeirento de traves, de tabiques, de paredes de tijolos e de cordas, onde zumbia um enxame de gente. De súbito,

ressou atrás dela a voz pouco cordial da irmã:

— Santo Deus, Amy, que fazes tu aqui? Nunca me passou pela cabeça ver-te num lugar destes, no meio dos artistas!

Conduziu a irmã para um recanto mais afastado, onde se amontoavam cadeiras e mesas douradas e onde jovens, sentadas um pouco por todo o lado, tagarelavam.

— Ora então, Amy, o que se passa? Decerto é qualquer coisa a meu respeito que te preocupa! - disse Fanny, como se estivesse a dirigir a uma avó cheia de preconceitos.

— Não é coisa importante - respondeu a irmã -, mas desde que me falaste dessa senhora que te deu.

Nessa altura, alguém fez assomar a cabeça por entre duas traves, gritando:

— Atenção, meninas!

Todas as jovens se levantaram, sacudindo as saias, e Fanny fez o mesmo.

— Desde que me falaste daquela senhora que te deu um bracelete, sinto-me inquieta - prosseguiu Amy.

A voz fez-se ouvir de novo:

— Vamos, meninas!

As jovens desapareceram num ápice e, durante um bom pedaço, ouviu-se música e passos cadenciados. Finalmente, o bulício parou, as dançarinas voltaram a aparecer e vestiram-se para se irem embora. As duas jovens esperaram que o tio Frederick arrumasse o clarinete e subisse e acompanharam-no até à taberna onde ele habitualmente jantava. Fanny declarou então:

— Agora, Amy, se não te sentes muito cansada, vem comigo até Harley Street, Cavendish Square!

O ar com que pronunciou esta distinta morada e o movimento desdenhoso do seu vistoso chapelinho deixaram Amy estupefacta.

Quando chegaram a essas ricas paragens, Fanny pareceu que escolhia a mais bela das casas, bateu e pediu para ver a senhora Merdle. O laçao empoadado introduziu-as então num salão vasto e magnífico. O mais belo aposento que Amy vira na vida. A jovem, extasiada, olhava para a irmã, que lhe fez sinal para se calar, indicando um reposteiro; um instante depois, uma mão cheia de anéis ergueu o reposteiro e apareceu uma dama: uma senhora bastante bela, muito majestosa e também muito desdenhosa, que convidou as duas jovens a sentarem-se e, por seu turno, instalou-se no seu sofá cor de púrpura e ouro.

— Senhora Merdle - disse Fanny, num misto de ousadia e de deferência -, aqui, a minha irmã perguntou-me como tivera eu a honra de a conhecer. E como eu devia ainda visitá-la, tomei a liberdade de a trazer comigo, esperando que a senhora quisesse ter a

bondade de lhe explicar pessoalmente.

— É muito difícil explicar à gente nova o que é a alta sociedade. Para falar com franqueza, é difícil explicá-lo. À maior parte das pessoas Gostaria muito, é evidente, que a sociedade fosse menos dura e menos injusta, mas sabemos que o não é, e, a menos que nos disponhamos a viver nos Trópicos - disseram-me, contudo, que, lá, o clima é maravilhoso! -, infelizmente temos que a aceitar! Visto que a sua irmã deseja que lhe relate as circunstâncias - tudo em sua honra! - do nosso encontro, é prazenteiramente que a vou satisfazer. Tenho um filho de vinte e dois anos - casei-me muito nova -, muito alegre, o que é permitido à gente nova, e muito impressionável, o que bem lamentável é para nós, que devemos obedecer às rígidas leis da alta sociedade!

Suspirou, como se ela própria não fosse um dos pilares dessa alta sociedade londrina.

— Ora, quando soube que o meu filho ficara maravilhado com uma dançarina e quando soube de que teatro se tratava, fiquei muito surpreendida e bastante aflita. Mas quando soube que a sua irmã, contendo-lhe os ímpetos, o levava a propor-lhe casamento, experimentei uma angústia indescritível. Dirigi-me, pois, ao teatro, para expor à jovem em questão a minha maneira de pensar e deparou-se- nos alguém muito diferente, deve dizê-lo, do que imaginara e que, por seu turno, também se vangloriava da sua família!

Rematou com um dos sorrisos dos mais irónicos.

— Disse-lhe, minha senhora - respondeu Fanny, corando levemente -, que me encontrou numa situação que me é muito inferior e que a minha família valia a do seu filho.

— É isso - replicou a senhora Merle com frieza. - Expliquei então à sua irmã que, sendo o mundo como é, se me tornava impossível manter tais ligações com essa família de que ela tanto se orgulha.

— Por favor, minha senhora, que a minha irmã fique sabendo - interveio Fanny, com um desdenhoso movimento do seu chapéuzinho - que já tive a honra de informar o seu filho que não desejo ter qualquer relacionamento com ele.

— Mas evidentemente, ia dizê-lo mais adiante! Finalmente, chegámos a um acordo e a sua irmã permitiu-me que lhe agradecesse com um ou dois testemunhos da minha consideração, que lhe foram entregues pela minha costureira.

A Pequena Dorrit tinha um ar penalizado e o seu rosto, ao virar-se para a irmã, mostrava-se perturbado.

— Por ocasião da sua última visita, Miss Dorrit ir-me-á permitir que lhe diga adeus, que lhe exprimirei à minha bem grosseira maneira.

A senhora Merdle levantou-se da poltrona e fez deslizar qualquer coisa para a mão

de Fanny.

— Adeus, Miss Dorrit, e os meus maiores desejos de felicidades para o futuro!

As duas raparigas levantaram-se, a mais velha com ar altivo e a mais nova humilhada. Foram reconduzidas até à porta pelo laçao empoado e encontraram-se na calçada! Depois de caminharem em silêncio por algum tempo, Fanny perguntou:

— Ora bem, Amy, que tens tu a dizer?

— Oh, não sei, Fanny - respondeu ela, desconcertada. - Então aquele jovem não te agradava?

— Agradar-me? É quase idiota!

— Visto que me pediste a opinião, devo dizer-te, que fiquei muito penalizada por teres aceite coisas daquela mulher. Não te zangues.

— Grande imbecil - respondeu-lhe a irmã, sacudindo-lhe o braço -, não tens nenhum carácter, nenhum amor-próprio! Como suportar que uma mulher tão falsa e tão insolente calque impunemente a tua família aos pés? Nesse caso, ao menos obriga-a a pagar e honra a tua família com esse dinheiro!

De repente, explodiu em desesperados soluços:

-Desprezas-me porque sou dançarina, mas foste tu quem me proporcionou os meios de o ser! E o teu irmão Tip, deixas que o insultem, porque trabalhou nas docas ou em notários, mas a culpa também é tua! E deixas que insultem o teu pobre pai, porque ele está preso: será que alguma vez imaginaste os sofrimentos que ele suporta?

A injustiça das suas censuras dilacerou o coração da Pequena Dorrit, mas nada respondeu. Fanny acalmou-se finalmente e as suas lágrimas exprimiram o seu arrependimento:

— Perdoa-me, Amy, perdoa-me - exclamou, com a mesma veemência com que censurara a irmã. - Estás tu a ver, estou mais em contacto com as pessoas do que tu e possivelmente tornei-me demasiado orgulhosa e altiva, será?

— Sim, oh, sim - respondeu a Pequena Dorrit.

— E enquanto te ocupavas do jantar e da roupa, eu só pensava na honra da família. És uma pequena dona de casa muito tranqüila, não é verdade?

A Pequena Dorrit sorriu, sem nada dizer, mas tinha o coração triste e desolado.

Capítulo V - UM ADIVINHO

O senhor Merdle era imensamente rico. Era visto em todo o lado em que os negócios prosperassem, da Banca à construção imobiliária. Era, evidentemente, deputado, presidente de uma empresa, administrador de outra e diretor de uma terceira.

O seu principal desejo parecia satisfazer a sociedade. Contudo, era um homem reservado, de físico volumoso e grosseiro, que pouco brilhava na alta-sociedade e parecia divertir-se pouco no meio dela. Mas exibia-se constantemente e gastava prodigamente dinheiro com a sua pessoa. Desposara a senhora Merdle essencialmente para ter uma mulher bela e vistosa, que exibisse com distinção as jóias que lhe comprava. Aliás, ela cumpria a sua missão às maravilhas. Do seu primeiro casamento, trouxera-lhe um filho, o jovem Edmond Sparkler, que gozava de uma espantosa reputação de palerma: afirmava-se que o seu cérebro gelara à nascença, que caíra do alto de uma casa e que se ouvira o seu crânio tachar-se. Tudo isto mantinha o senhor Merdle absolutamente imperturbável. o enteado era recebido em todos os saraus, e isso era a única coisa que interessava.

Naquela noite, como acontecia com frequência, havia um jantar na casa da Harley Street. Encontrava-se ali a elite do Palácio, das Finanças, da Política, da Igreja, do Tesouro, do Almirantado... enfim, toda a nata da sociedade.

— Contaram-me - dizia um bispo a um oficial - que o senhor Merdle acabou de realizar um golpe espantoso na Bolsa, cem mil libras!

O oficial ouvira dizer duzentas mil, o Tesouro, trezentas, o Tribunal, quatrocentas; e a soma crescia de magnata para magnata.

Nesse jantar, a alta sociedade teve tudo o que se pode admirar, comer e beber. A senhora Merdle estava magnífica e as jóias resplandeciam-lhe no colo. Havia tanto pó nas perucas dos lacaios, que pairava por toda a parte e cobria as travessas com uma poeira esbranquiçada.

Entre os convidados achava-se um médico muito célebre que, ao entrar, avistou o senhor Merdle a um canto, isolado, onde bebia o seu chá.

— Como vai hoje, melhor? - perguntou-lhe.

— Não, não me sinto melhor.

— Ora bem, passarei amanhã por sua casa.

Dois magnatas tinham escutado este breve diálogo que depois comentaram com o médico:

— Acho que o senhor Merdle não está doente - disse este último. - Tem uma saúde de ferro, uns tais nervos e sangue-frio, que me parece invulnerável. E, no entanto, julga-se enfermo. Pelo que me toca, nada detectei. Talvez esteja a ser vítima de uma

misteriosa doença, mas não a descobri ainda.

Sofreria ele, na verdade, de uma misteriosa doença, que nenhum médico descobrira ainda? E neste intervalo, enquanto os convidados entravam e saíam, os muros da Penitenciária projetavam a sua sombra, bem real, sobre a família Dorrit.

O senhor Meagles encarregou-se com tanta diligência das negociações, que Clennam lhe confiara que em breve o assunto estava encaminhado. Apareceu, uma bela manhã, para informar o amigo:

— O nosso caro Doyce sente-se extremamente lisonjeado com a sua proposta e sentir-se-ia muito feliz se o senhor aceitasse ser sócio dele. Deseja, contudo, que, antes de tomar uma decisão, examine todos os seus livros de contas e documentação, a fim de que o senhor fique perfeitamente inteirado quanto à pessoa a quem se vai associar. E para lhe facultar inteira liberdade de ação, preferiu afastar-se alguns dias de Londres, dando-lhe livre acesso ao seu escritório.

Clennam agradeceu ao senhor Meagles, admirando a honestidade e a delicadeza do amigo comum.

Ambos deram, pois, início às investigações no Beco do Coração-que-Sangra; bastaram-lhes três ou quatro dias para assimilar o funcionamento e as contas da fábrica, de tal modo que Doyce, ao regressar, encontrou o assunto praticamente resolvido. Precisaram de menos de quatro semanas para regularizar tudo e celebraram a nova sociedade com um bom jantar, para o qual foram convidados os operários e respectivas famílias, assim como os moradores do Beco. Dois meses depois, Arthur tinha a impressão de haver trabalhado a vida inteira para a empresa Doyce & Clennam!

Tinha um gabinete envidraçado, donde via as máquinas e os operários a trabalhar; toda aquela atividade, aos seus olhos nova, descontraiá-o, quando levantava a cabeça dos seus documentos comerciais: Recebeu algumas visitas: Flora veio vê-lo acompanhada pelo pai, o senhor Casby. À semelhança da primeira vez, bombardeou-o com a sua tagarelice incoerente mas cheia de gentileza e anunciou-lhe que, visto Arthur lhe ter recomendado tão calorosamente a Pequena Dorrit, a ia mandar a sua casa e dar-lhe trabalho.

Pancks também o veio ver. Deteve-se atrás da vidraça do gabinete, roendo as unhas, o chapéu enterrado até às orelhas e a sua sombra projetou-se sobre os livros e os papéis. Clennam convidou-o a entrar. Após algumas saudações sublinhadas com fungadelas, Pancks declarou-lhe o objetivo da sua visita.

— Senhor Clennam - começou -, preciso de umas informações.

— A que propósito, senhor Pancks?

— A propósito de A, B, C, Da, De, Di, Do, por ordem alfabética, Dorrit! É esse o

nome.

Clennam perscrutou-o com ar surpreendido e sobretudo desconfiado.

— E o que quer o senhor saber?

— Tudo o que puder e quiser dizer-me. Sublinhou a frase com algumas fungadelas.

— Para o tranquilizar - prosseguiu, no seu estilo muito especial -, digo-lhe já que o motivo é bom. Nada tem a ver com o meu senhorio, o senhor Casby. Impossível falar dele neste momento. Ridículo, até. Mas é bom. Melhor será admiti-lo já.

Arthur olhava-o com curiosidade, refletiu por um momento e julgando que, ao fim e ao cabo, iria obter todas as informações que desejava, relatou tudo o que sabia da família Dorrit. Pancks pareceu entusiasmado com o relato, soprando e resmungando cada vez mais à medida que o mesmo prosseguia. Arthur concluiu finalmente:

— Só acrescentarei mais uma coisa, senhor Pancks. Também tenho as minhas razões para que falem o menos possível dessa família e para saber dela o maior número possível de informações. Façamos um acordo leal: disse-lhe o que sabia, mas o senhor informar-me-á das suas descobertas.

— Combinado - respondeu Pancks, rindo.

— Verá que cumprirei a minha palavra. E agora, tenho que me ir embora, é o dia de eu cobrar as rendas do Beco do Coração-que-Sangra. A propósito, quem é aquele estrangeiro coxo chamado Cavaletto? Quer alugar um quarto no Beco e diz que vem da sua parte.

— Não se inquiete, respondo por ele. Sofreu um acidente e acaba de sair do hospital. Pagar-lhe-ei o quarto, se for preciso.

O senhor Pancks, agora pronto para a partida, pôs-se em movimento, desceu as escadas soprando e entrou, como um pequeno rebocador, nas águas do Beco.

O seu trajeto por aquelas ruelas provocou, durante a tarde inteira, consideráveis ressacas. Entrava e saía, arengava com os que tinham a renda em atraso, exigia garantias, ameaçava-os de penhora ou de despejo, corria atrás dos atrasados, espalhando em seu redor uma onda de pânico.

Naquela noite, os moradores do Coração-que-Sangra reuniram-se, para se queixarem da dureza de Pancks.

— Ah, se ao menos fosse o senhor Casby a receber as rendas, o caso era diferente. Um cavalheiro com um olhar tão bondoso e de rosto tão venerando!

Mas, nesse mesmo instante, o senhor Casby, esse impostor, dizia a Pancks, virando os polegares:

— Que dia mau, Pancks, não me conseguiu grande coisa! A sua obrigação era ter-me trazido muito, muito mais dinheiro.

Na manhã seguinte, a Pequena Dorrit dirigiu-se a casa de Flora Casby. Esta, que tinha o melhor coração do Mundo, convidou a jovem a partilhar o pequeno-almoço, composto de chá, galinha e presunto frito, e pôs-se a tagarelar com ela. Tratou-a com uma tal amabilidade, que esta ficou muito perturbada e teve que fazer alusão ao trabalho de costura que nem sequer passara pela cabeça de Flora dar-lhe. Em breve, porém, recuperada a serenidade e posta à vontade, a Pequena Dorrit contou à boa Flora todas as circunstâncias da sua vida que normalmente tinha cuidado em ocultar. À hora da refeição, Flora pegou no braço da sua nova protegida e conduziu-a até à sala de jantar, onde a apresentou ao pai e ao senhor Pancks. A jovem, que se sentia já incomodada por se ver no meio de estranhos, mais incomodada e inquieta ficou com a estranha atitude de Pancks. Este não deixava de a olhar fixamente e só desviava os olhos para consultar um pequeno livrinho que tirava com frequência do bolso. Julgou, a princípio, que ele estava a fazer um desenho seu e quis ver. Mas como ele só falava de negócios, imaginou, angustiada, que devia ser um dos credores do pai.

Cerca de meia hora depois da refeição, Flora retirava-se para o seu quarto a fim de repousar, o senhor Casby ressonava, de boca aberta, na poltrona, e a Pequena Dorrit trabalhava tranquilamente num salão, quando Pancks apareceu diante dela e a abordou polidamente.

— Não se sente um pouco aborrecida, Miss Dorrit?

— Não, senhor, obrigada.

— Estou a ver que tem trabalho. Então o que é?

— Lenços, senhor.

— Ah, sim, evidentemente, lenços. Ora bem, Miss, talvez esteja a interrogar-se quem serei eu não é verdade? Saberá quem sou eu... Sou um adivinho

A Pequena Dorrit interrogou-se, repentinamente, se ele não seria doido e observou-o com ar inquieto.

— Deixe-me ver a palma da sua mão - continuou ele. - Ah Ah Que vejo eu? Anos de trabalho, hem? Olha, que significam estes traços aqui? Uma prisão. E ali, o que é aquilo de roupão cinzento e de gorro? Um pai. E aquele, com um clarinete? Um tio. E aquela, com os seus sapatos de dança? Uma irmã. E quem se agita aqui e ali sem fazer grande coisa? Um irmão. E finalmente, aquela que se ocupa de todos os outros? Mas é a menina, Miss Dorrit!

Ela olhava-o com surpresa, dizendo para consigo que, a despeito dos seus olhos penetrantes, aquele homem devia ser mais alegre e mais amável do que a princípio julgara. Mas ele continuou:

— E ali, quem vejo eu naquele canto? Mas, sou eu! Que faço eu aqui E quem está atrás de mim?

Virou a mão, como que para ver o que se achava nas costas. A Pequena Dorrit sorriu.

— É mau? - perguntou.

— Ora bem, Miss Dorrit, quem viver que veja! Um dia saberá o que existe nas costas da sua mão... Passou a mão pelos cabelos, que se eriçaram de maneira aterradora, e repetiu lentamente: - Quem viver que veja, lembre-se disso, Miss Dorrit!

Ao ver que ela se mostrava espantada pelo facto de ele estar tão informado sobre ela:

— Chiu - ordenou, levando um dedo à boca.

— Não diga nada a ninguém, Miss Dorrit, nunca. Nunca se mostre surpreendida quando me vir, ou coisa no género! Proceda sempre como se não me conhecesse.

A jovem hesitou, muito perturbada, mas finalmente aquiesceu. O senhor Pancks esfregou as mãos, como se tivesse realizado um bom negócio, dirigiu-se, arquejando, para a porta e saiu, cumprimentando-a com amabilidade.

Os acontecimentos que se seguiram deixaram a Pequena Dorrit ainda mais perplexa: a partir de E então, encontrou Pancks em toda a parte. A princípio, apenas em casa do senhor Casby e em casa da senhora Clennam. Uma semana depois, encontrou-o no cubículo da prisão, entabulando uma longa conversa com o porteiro. Depois, viu-o passear pelo pátio, de braço dado com os prisioneiros. Uma noite, cantou no bar da prisão e ofereceu uma generosa rodada de cerveja. Até ao dia em que chegou a Tip, com quem conseguiu travar conhecimento! E I fingia sempre ignorar a Pequena Dorrit. Apenas uma ou duas vezes dissera-lhe, furtivamente, de passagem:

— Sou Pancks, o cigano, que lê a sina.

Quanto à Pequena Dorrit, trabalhava e cansava-se como sempre. Mas começava a operar-se nela uma gradual alteração. De dia para dia, mostrava-se cada vez mais reservada, mais solitária. O seu único desejo era que a ignorassem e a esquecessem. Sempre que podia, retirava-se para o seu quarto, uma dependência exígua no último andar da prisão, sentava-se junto da janela e sonhava; as pontas de ferro que se eriçavam sobre o muro formavam desenhos e faziam zigzagues quando as contemplava através das lágrimas. Mas conservavam-se sempre ali, como uma marca indelével.

Uma tarde, quando ali se encontrava, a desfrutar um pouco de repouso, ouviu os passos de Maggie nas escadas e foi tomada de terror à idéia de quem poderia querer vê-la.

— Depressa, mãezinha - arqueejou Maggie, fazendo assomar a cabeça pela porta entreaberta -, tem que ir vê-lo, ele está lá em baixo!

— Quem, Maggie?

— O senhor Clennam, quem havia de ser?

— Não me sinto bem, Maggie, vou-me deitar. Diz-lhe que eu já estou deitada e apresenta-lhe as minhas desculpas e os meus agradecimentos.

E virou-se, para esconder as lágrimas. Maggie começou imediatamente a choramingar.

— Não é coisa que se faça, mãezinha! Não é coisa que se faça ao senhor Clennam E, além disso, estás a chorar e fazes-me chorar!

Para a decidir a ir transmitir o recado, a Pequena Dorrit foi obrigada a prometer a Maggie que quando ela voltasse, lhe contaria uma linda história.

Quando voltou, Maggie pediu à sua mãezinha que lhe contasse uma história de princesas, e ela começou, com um sorriso um pouco triste:

— Era uma vez um rei, muito belo e muito rico, que tinha tudo quanto desejava: ouro, pedrarias, palácios. .

— E hospitais - cacarejou Maggie. - E batatas no forno E frango com vinho do bom.

— E tinha uma filha, a mais bela e a mais sensata de todas as princesas. Não longe do palácio situava-se uma choupana, onde vivia uma pobre e solitária mulher.

— Uma velha?

— Não, não. Uma rapariga. E, todos os dias, a princesa passava, na sua carruagem, diante da choupana e todos os dias via a rapariguinha, que fiava. Um dia, a princesa parou, desceu e entrou na cabana. Ambas se olharam. Mas a princesa tinha a faculdade de adivinhar todos os segredos e perguntou: Porque a manténs aqui? a rapariguinha compreendeu que a princesa sabia de tudo e lançou-se-lhe aos pés, suplicando-lhe que a não traísse. Depois, fechou a porta e os postigos e foi, toda a tremer, abrir um esconderijo secreto e mostrou à princesa... uma sombra...

— Uma sombra?

— Era a sombra de alguém, que um dia, há muito tempo, por ali passara e que partira para não mais voltar. Era uma sombra muito linda, a rapariguinha orgulhava-se imenso dela e vigiava-a dia e noite. De olhos baixos, a rapariguinha confessou que nunca conhecera ninguém tão bom e amável e fora assim que tudo começara. Guardando aquela sombra, a rapariguinha não prejudicava ninguém, só conservava uma recordação e ele partira para aqueles que o esperavam.

— Então era um homem? - perguntou Maggie.

— Sim, acho que sim - respondeu timidamente a Pequena Dorrit. - E a rapariga disse ainda: Quando eu morrer, a sombra irá comigo para o caixão e ninguém voltará a encontrá-la. O tempo passou. Mas um dia, a princesa, ao passar pela cabana, viu que a roca já não girava e que a rapariguinha se não encontrava lá. Disseram-lhe que acabara de morrer. Então, a princesa entrou na cabana e foi abrir o esconderijo: lá dentro, já nada havia. A rapariguinha não se enganara: a sombra fora com ela para o túmulo e dormiam agora juntas. Pronto. A história acabou, Maggie.

Maggie ficou muito tempo a fitá-la, enquanto o Sol poente as iluminava com os seus raios dourados.

Se Arthur Clennam não tivesse tomado a resolução de não se apaixonar por Cherry, viveria num estado doloroso de lutas interiores! A mais penosa dessas lutas seria, certamente, travada contra o seu desejo de detestar Henry Gowan: aquele espírito generoso entristecia-se por se ver capaz de tais ódios! Mas não estava apaixonado, não o decidira assim.

Aliás, era Daniel Doyce quem falava de Gowan com mais freqüência. Os dois sócios partilhavam o mesmo apartamento, numa casa tranqüila perto da City e quando Doyce voltava das suas visitas a Twickenham - Clennam escusava-se amiudadamente e ficava em Londres -, transmitia-lhe as suas inquietações com respeito ao casamento de Miss Meagles e a opinião desfavorável que tinha do jovem. O senhor Meagles estava tão desolado com a situação, que encarava a possibilidade de, uma vez mais, levar a filha para o estrangeiro, agora por um ano, a fim de a afastar de Gowan.

Num sábado primaveril, os dois sócios dirigiram-se para Twickenham; o mais velho de trem e, o mais novo, a pé. O Sol já se punha quando Clennam, que atravessara os prados que circundavam o rio, se aproximou do termo do seu percurso. Tudo era quietude e beleza: a espessa folhagem, a erva luxuriante, pontilhada de flores silvestres, as ilhotas verdes no meio do rio, os caniços e os nenúfares. Vozes distantes chegavam-lhe aos ouvidos, como uma música nas ondulações da água e na atmosfera da tardinha. Clennam acabara de parar novamente para contemplar aquela paisagem, cuja serenidade era como um bálsamo para o seu coração, e pusera-se de novo a caminho, quando avistou, perto dali, um vulto: era Cherry. Esta trazia algumas rosas na mão e parecia esperá-lo. Ao aproximar-se, Clennam viu que ela se mostrava dominada por uma emoção inusitada e compreendeu que se dirigira ao seu encontro para lhe falar. Ela estendeu-lhe a mão.

— Boa tarde, senhor Clennam. A tardinha estava tão bonita, que vim andando até aqui, na certeza de que o iria encontrar.

A sua mão estremeceu no braço de Clennam e também as rosas tremeram:

— Permita-me que lhe ofereça uma rosa. Foi sobretudo para si que, ao sair do jardim, as apanhei.

Arthur tirou duas rosas e enveredaram pela alameda ladeada de grandes árvores, caminhando, por um momento, em silêncio. A jovem perguntou-lhe, finalmente, se estava a par da viagem ao estrangeiro que o seu pai planeava, acrescentando, após uma hesitação, que desistira dela. Clennam imediatamente compreendeu que o casamento fora decidido.

— Senhor Clennam - disse, em voz ainda hesitante-, desejaria tanto desabafar consigo, mas, mal sei por onde começar!

— O senhor Gowan - interveio Arthur - tem bons motivos para se sentir feliz. Deus abençoe a sua esposa e o abençoe a ele!

Cherry desfez-se em lágrimas, tentando agradecer- lhe; ele pegou-lhe na mão, para a tranquilizar, e, nesse instante, sentiu que renunciava realmente, pela primeira vez, à esperança que, ao preço de tantos sofrimentos; subsistia ainda no seu coração.

— Oh, senhor Clennam, diga-me que não me censura!

— Eu, censurá-la, minha querida filha! Evidentemente que não!

Ela olhou-o, para lhe agradecer, com tanta confiança, e estava tão linda, com os seus olhos brilhantes de lágrimas, que Arthur preferiu virar a cabeça e contar as árvores da alameda.

— Senhor Clennam, seria capaz de me fazer um grande favor? Sabe como a minha partida vai ser dolorosa para os meus pais. Amamo-nos tanto, que nem sequer compreendo como sou capaz de os deixar - concluiu, desfazendo -se em soluços.

— Minha querida filha, acontece sempre isso, em todas as famílias, quando nos casamos.

— O senhor é o melhor amigo do meu pai e gostaria imenso que se lembrasse dele quando eu partisse, que lhe fizesse companhia sempre que pudesse. A ele e a minha mãe. E que lhes dissesse, na altura em que os deixar, o quanto os amei. Prometa-me!

— Prometo-lhe, fique descansada.

— Gostaria tanto que um dia o meu pai e o senhor Gowan se compreendessem e se estimassem! Tudo farei para isso. Se o senhor puder usar a grande influência que tem sobre o meu pai para que ele veja a verdadeira faceta daquele que me é querido, ficar-lhe-ia tão reconhecida!

Clennam prometeu igualmente que o faria, lamentando, no íntimo, a jovem, que corria atrás de uma tal quimera!

Tinham chegado à última árvore da alameda. Então ela deteve-se e olhou-o:

— Caro senhor Clennam, não poderia, no meio da minha felicidade, suportar a mínima desavença entre nós. Se tem algo a perdoar-me - qualquer desgosto que involuntariamente lhe tenha causado -, suplico-lhe que o seu nobre coração me perdoe esta noite!

Ele inclinou-se para o seu rosto cheio de candura e beijou-a, dizendo:

— Deus é testemunha de que nada tenho a perdoar-lhe!

Momentos depois, saíram da alameda e as árvores pareciam inclinar-se na sombra que ficava atrás deles, como a estrada do seu passado.

Noite avançada, Arthur passeava pela margem do rio. Pegou então nas rosas, que conservara apertadas contra o coração, e lançou-as suavemente à água. Pálidas e irreais à claridade da Lua, afastaram-se, rio fora, como os mais nobres sentimentos que os nossos corações guardaram se afastam de nós, ao sabor das ondas da eternidade.

Capítulo VI - A PERSONAGEM INQUIETANTE

No meio de todo aquele vaivém, a casa da City mantinha a sua enfadonha tristeza: a doente continuava a levar uma vida monótona. Que pensamentos, que sonhos, que recordações, poderiam morar no aposento escuro daquela mulher? Ninguém sabia. Fhntwitch teria, porventura, sido o único a poder arrancar-lhe o seu segredo, se ela fosse menos inflexível! Quanto a Affery, contemplava, aturdida, a patroa e o marido e vivia aterrorizada.

Uma noite, concluíra a Pequena Dorrit um longo dia de trabalho no quarto da senhora Clennam e estava a pô-lo em ordem, para se ir embora, quando a velha, que cismava, sentada na poltrona, lhe pousou a mão no braço. A Pequena Dorrit ficou muito perturbada.

— Diz-me, Pequena Dorrit, agora tens amigos?

— Muito poucos, minha senhora. Além da senhora, apenas Miss Flora e. também outra pessoa.

— O senhor Pancks, talvez, - inquiriu a senhora Clennam, que achava as visitas daquele tão freqüentes como bizarras.

— Oh, não! Alguém muito diferente.

— Vamos - disse a senhora Clennam, quase sorridente -, nada tenho a ver com isso. Pergunto-te porque me interesse por ti! e porque fui tua amiga, julgo eu, quando não tinhas outras.

— Na verdade, assim é, senhora Clennam. Sem a senhora e sem o trabalho que me deu, nada nos restaria.

— Nós, - repetiu a senhora Clennam, de olhos fixos no relógio do marido. - Então quantos são vocês?

— Atualmente, apenas o meu pai e eu.

— Tu e os teus suportaram muitas privações? Perguntou ela, fazendo girar o relógio nas mãos.

— Por vezes tivemos bastantes dificuldades na vida - respondeu a jovem com a sua voz meiga -, mas decerto há muita gente em piores condições.

— Eis uma bela frase - respondeu a senhora Clennam com vivacidade -; és uma boa rapariga, sensata e reconhecida.

E, com uma doçura surpreendente, puxou o rosto da pequena costureira e deu-lhe um beijo na testa.

— Agora, vai-te embora, Pequena Dorrit, ou chegarás muito tarde a casa, minha pobre filha!

Affery, que espreitava pelo buraco da fechadura, por pouco não desmaiou de espanto ao contemplar esta cena. Acompanhou a jovem até à porta e em seguida ficou no alpendre, vendo-a afastar-se, ainda muito espantada. A noite estava tempestuosa e chuvosa, o vento fazia bater os postigos desengonçados e girar os cata-ventos enferrujados. Affery mantinha-se espedada no alpendre, sem saber o que fazer, quando uma súbita rajada lhe fechou a porta nas costas.

— Meu Deus - gemeu Affery. - E a minha patroa lá dentro sozinha, sem poder abrir-me a porta!

Estava ali a choramingar, o nariz afundado no avental, quando deixou escapar um grito: uma mão acabava de se abater sobre o seu ombro.

Virou-se: atrás dela encontrava-se um homem envergando um traje de viagem, um vasto manto e chapéu de pele. Tinha ar de estrangeiro, com os seus cabelos e bigodes de um negro de azeviche e o seu grande nariz adunco.

O terror de Affery provocou-lhe o riso e o seu rosto teve um esgar.

— Que tem você - perguntou, em bom inglês. - O que lhe meteu medo?

— O senhor. E a tempestade e tudo E a gota o vento, que me fechou a porta, não posso entrar.

— Ah Ah - retorquiu o cavalheiro, sem se comover. - Diga-me, boa mulher, conhece alguém por aqui chamado Clennam?

— Ô meu senhor, se conheço! Ela está lá dentro, parálitica e sozinha, e o outro malandro que também saiu e, oh, acho que vou endoidecer!

O forasteiro recuou alguns passos, para examinar a casa, reparando na longa e estreita janela junto da porta da entrada:

— O tiazinha, diga-me francamente - a franqueza faz parte do meu temperamento -, quer que lhe abra a porta?

— Sim, sim e que Deus o abençoe, faça-o sem demora!

— Um momento, boa mulher - respondeu ele, retendo-a com a sua mão lisa e branca. - Como está a ver - indicou o manto e as botas que estavam molhados -, acabo de desembarcar do vapor que, devido ao mau tempo, sofreu um atraso: diabo da tempestade! Ora o assunto que tenho a tratar é muito urgente. Pois então, deixe-me fazer-lhe uma proposta honesta - a honestidade faz parte do meu temperamento. - Descubra-me a pessoa com quem quero falar e abrir-lhe-ei a porta.

Affery aceitou alegremente: o forasteiro saltou lentamente para o rebordo da janela, levantou o caixilho e penetrou na residência. O seu olhar assustara tanto a velha, que esta julgou que ele ia assassinar a patroa. Felizmente, depressa assomou à porta e

perguntou:

— E agora, boa mulher, quer ter a bondade de me conduzir à presença desse gênio mau de que mesmo agora me falou?

E Affery, tremendo de pavor, precipitou-se para a taberna vizinha, a fim de avisar Flintwitch.

Quando o casal chegou, arquejando, à porta, o desconhecido, avistando de repente Jeremy na escuridão, estremeceu e recuou:

— Com os diabos! - exclamou. - Que faz você aqui?

O senhor Flintwitch, a quem estas palavras eram dirigidas, olhou, espantado, para o estrangeiro e virou-se para a mulher, a quem se pôs a sacudir brutalmente, esperando, daquela forma, arrancar-lhe uma explicação. O estranho, um pouco recomposto da surpresa, apanhou a touca de Affery e fez observar aos Flintwitch que a senhora Clennam os chamava há já alguns minutos. Jeremy largou a mulher, que fugiu pelas escadas e foi acender uma vela. O homem examinava-o sempre com atenção, depois reassumiu o seu habitual sorriso ambíguo.

O senhor Flintwitch conduziu-o então para o seu gabinete de trabalho e disse-lhe, com os seus pavorosos rodeios:

— Às suas ordens!

— Chamo-me Blandois. Deve ter recebido de Paris um aviso.

— Não recebemos de Paris nenhum aviso em nome de Blandois - respondeu Jeremy.

O senhor Blandois puxou da carteira, depois deteve-se, para dizer, com os seus olhos cintilantes de riso:

— O senhor parece-se espantosamente com um dos meus amigos: mesmo agora o tomei por ele, mas estava enganado, reconheço sempre os meus erros, faz parte do meu temperamento. Contudo, que extraordinária semelhança!

— Verdade? - interrogou maldosamente Jeremy.

O senhor Blandois puxou então de uma carta e estendeu-a a Flintwitch:

— Aqui está uma letra de câmbio. Julgue-a por si mesmo. Pelo que me toca, infelizmente sou um cavalheiro e não um homem de negócios!

Flintwitch pareceu satisfeito com o documento e convidou-o a sentar-se, um tanto impressionado com os seus ares sobranceiros. Do que o senhor Blandois naquele momento precisava era de um hotel. porém, nas proximidades, unicamente o que estava aberto era uma estalagem pouco elegante, mas o senhor Blandois contentar-se-ia com ela e em breve saíram os dois.

Depois de o estrangeiro mudar de fato e descansar, voltou, para apresentar as suas

saudações à senhora Clennam, e, no percurso, pensava:

— Blandois, meu velho, a sorte vai voltar! Ah Ah! Com os diabos! Já entraste hoje com o pé direito, tens intuição, maneiras e um físico atraente, vencerás! Vingar-te-ás!

O chá estava pronto quando entrou no quarto da senhora Clennam e Flintwitch apresentou-o à patroa, que o cumprimentou e o convidou a sentar-se.

— Agradeço-lhe, cavalheiro, a gentileza da sua visita. Não passo de uma pobre mulher doente, isolada do mundo, e o senhor Flintwitch, aqui presente, é o único sócio que me resta. É inglês, cavalheiro?

— Santo Deus, não, minha senhora! Para falar verdade, não pertença a nenhum país e tenho viajado um pouco por todo o lado.

— Não tem quaisquer laços, provavelmente?

— Minha senhora - respondeu Blandois, franzindo maldosamente os sobrolhos -, não sou casado nem nunca o serei.

Affery, que servia o chá, virou-se para ele nesse momento. Então, o seu olhar foi atraído pela expressão dos olhos do estrangeiro e foi incapaz de desviar o rosto. ficou ali espetada, de bule na mão, fascinada. A senhora Clennam foi a primeira a falar:

— Affery, que tens tu?

— Não sei, minha senhora. Não sou eu, é ele.

— O que quer dizer esta boa mulher? - exclamou o senhor Blandois, tornando-se muito pálido, depois muito afogueado, o olhar toldado de cólera.

— Não se preocupe, cavalheiro, ela é quase idiota - respondeu Jeremy, aproximando-se da mulher com um ar tão ameaçador que ela fugiu, cobrindo a cabeça com o avental.

O homem voltou a sentar-se, estendeu galantemente à senhora Clennam uma chávena de chá e debruçou-se por cima da mesinha.

— Oh, mas que relógio curioso a senhora tem! A senhora Clennam levantou vivamente os olhos.

— Perdoe-me se tenho a ousadia de o examinar: estou a ver que é equipado com uma caixa dupla. Olha uma velha guarnição de seda bordada a pérolas. Coisinha pitoresca. E que hábito extraordinário, este, de bordar iniciais: N. T. E. Deviam ser as iniciais de alguma beldade!

— Não, não são as iniciais de um nome.

— De uma divisa, talvez - disse o senhor Blandois com despreendimento.

— De uma frase, cavalheiro. Significa Não Te Esqueças.

— E, naturalmente, a senhora não se esquece!

Flintwitch parou de beber o chá, segurando a chávena, e a grande boca escancarada.

— Não, cavalheiro, não me esqueço - respondeu a senhora Clennam. - Uma vida tão monótona como a minha não permite que me esqueça. Saber que sentem, como todos os filhos de Adão, pecados a expiar e alcançar a paz com Deus, também não permite esquecer. Julgo que um homem como o senhor, habituado à sociedade e aos prazeres, não pode compreender uma mulher como eu; a minha vida rege-se por guias que deram as suas provas - prosseguiu, olhando para o monte de livros pousado na mesinha-de-cabeceira.

Aquela mulher parecia aproveitar todas as ocasiões para discutir, para argumentar contra um adversário invisível: quiçá, o seu próprio julgamento, que tudo reconduzia a ela própria e às suas ilusões.

O senhor Blandois escutava-a com a maior das atenções. Quando chegou o momento das despedidas e depois de ter cumprimentado a senhora Clennam, disse de repente, em tom jocoso:

— Mas este quarto é um verdadeiro aposento antigo! Santo Deus, minha senhora, permitir-me-á que veja esta bela casa antiga? Compreende, adoro o pitoresco!

Durante a visita, Blandois não tirara os olhos de Jeremy, observando-o com atenção: com frequência o velho encontrava o seu olhar trocista e via um riso diabólico retorcer-lhe os bigodes. De súbito, o visitante parou e olhou com interesse para um retrato, que representava o senhor Clennam.

— Ah Ah! É o esposo da senhora! E decerto o primeiro proprietário daquele notável relógio, não? - zombou.

— Sim, cavalheiro, pertenceu-lhe - respondeu Jeremy com frieza.

— Devem ter sido muito felizes. - disse Blandois.

— Tão felizes como qualquer outro casal, julgo eu - replicou o outro. - Não estou dentro do assunto. Todas as famílias têm segredos.

— Realmente é verdade - exclamou o outro, dando-lhe palmadinhas nos ombros. - Ah! Com mil diabos, certas famílias têm mesmo segredos terríveis, senhor Flintwitch!

E desatou a rir estrondosamente. Os seus modos tornavam-se, assim, cada vez mais grosseiros, mas Jeremy permanecia impassível. E quando Blandois lhe deu o braço e o convidou a beber um copo com ele, o velho aceitou sem hesitar.

Chegados à estalagem, os dois homens instalaram-se numa pequena saleta e abriram uma garrafa de vinho do Porto. Blandois mandou vir copos grandes e brindou, com uma jovialidade aparatosa. Jeremy também brindou, mas sem dizer palavra. Em resumo,

Blandois depressa compreendeu que daquela forma não faria soltar a língua do velho, muito pelo contrário. E logo pôs termo às expansões.

— Adeus, meu bom Flintwitch. Antes de se ir embora, quero dar-lhe - e beijou-o ruidosamente nas duas faces - a minha palavra de cavalheiro. Com mil trovões, voltarmos-emos a ver!

No dia seguinte, não o vendo, Jeremy foi pedir notícias dele à estalagem e soube, com surpresa, que voltara a partir para o continente. Mas tinha a certeza de que o senhor Blandois regressaria.

Capítulo VII - UMA GRANDE NOTÍCIA

Há muito que Arthur não via a Pequena Dorrit. Uma tarde, enfim, encontrou-a no quarto da Penitenciária e esperou pacientemente que todos se afastassem para se aproximar da jovem, que cosia, perto da janela, na companhia de Maggie. Quando o visitante se sentou ao seu lado, a Pequena Dorrit pôs-se a tremer tanto que não conseguia agarrar na agulha. Arthur pegou-lhe na mão.

— Há algum tempo que quase não a vejo, Pequena Dorrit!

— Ando muito ocupada, senhor Clennam.

— Mas soube que esta manhã foi ver o senhor e a senhora Plornish. Porque não aproveitou para também me visitar?

— Eu. Eu não sei. Pensei que o senhor também devia andar ocupado. Não tem andado, ultimamente?

Ele contemplou aquele corpinho trémulo, aquele rosto inclinado, aqueles olhos que se baixavam sempre que encontravam os seus e sentiu, ao observá-la, tanta inquietação como ternura:

— Minha filha, vejo-a tão mudada!

Não conseguindo dominar por mais tempo a sua emoção, ela retirou a mão e ficou ali, de rosto baixo, tremendo da cabeça aos pés.

— Minha querida Pequena Dorrit - disse ele, cheio de compaixão.

Ela desfez-se em pranto, Clennam aguardou um pouco, antes de prosseguir:

— Não posso suportar vê-la chorar assim; apenas posso desejar que essas lágrimas lhe tragam algum alívio.

A Pequena Dorrit reanimou-se um pouco e respondeu:

— Sim, senhor Clennam, é isso. O senhor é tão bondoso.

Finalmente, ousou levantar os olhos para ele, mas pareceu impressionada ao contemplar-lhe o rosto e perguntou em voz alterada:

— Senhor Clennam, está doente?

— Evidentemente que não.

— Nem contrariado, nem preocupado? Foi a vez de ele não saber o que replicar.

Finalmente, disse:

— Para falar com franqueza, tive algumas contrariedades, mas já as resolvi. Nota-se assim tanto? Não sabia. Não, estava convencido de que conseguia dominar a minha fisionomia!

Não desconfiou que ela lhe lia os pensamentos melhor que ninguém e que o olhar dela o perscrutava de forma tão penetrante.

— O meu rosto traiu-me, mas tal facto permite-me, assim, que desabafe com a minha amiguinha, a Pequena Dorrit, o que para mim é um privilégio e um prazer. Devo, pois, confessar que, esquecendo a minha solenidade e a minha idade, imaginei que me apaixonara por alguém.

— Alguém que eu conheça, senhor Clennam?

— Não, minha filha, não. Ora bem - prosseguiu, recordando a impressão que sentira naquela tarde de rosas, na alameda, a impressão de que era um velho para quem a ternura morrera -, dei-me conta do meu erro e tornei-me mais razoável. Fiz uma retrospectiva da minha vida: verifiquei que já trepara a colina da vida, que atravessara o planalto e que descia rapidamente pela outra encosta. Compreendi que, para mim, já passara o tempo do amor gracioso e cheio de esperanças e que nunca mais brilharia.

Ah, se ele soubesse! Se ele pudesse ver as feridas que infligia no coração paciente da Pequena Dorrit!

— Enfim, tudo acabou e não quero pensar mais nisso. Mas porque falei eu de tudo isto à minha amiguinha?

— Porque tem confiança em mim, assim o espero. Porque sabe que tudo o que lhe disser respeito, também a mim diz, a mim, que lhe estou tão reconhecida!

Ele ouviu a sua voz palpitante, contemplou-lhe o rosto afogueado, os olhos claros e sinceros e nem a mínima suspeita da verdade lhe perpassou o seu espírito. Não, ele via nela apenas a figurinha dedicada, com os seus sapatos gastos e o seu pobre vestido, na prisão criança de corpo frágil e alma heróica, cuja história familiar cintilava com um brilho tal que tudo o resto desaparecia na sombra.

— Mas por que razão, Pequena Dorrit, por que razão se isola desta maneira? Diga-me.

— Sinto-me melhor aqui. É o meu lugar, aqui sou útil - respondeu ela num fio de voz.

— Mas tem mesmo a certeza de não ter nenhum segredo a confiar-me, de não querer encontrar junto de mim esperança e conforto?

— Um segredo? Não, não tenho segredos - respondeu ela muito perturbada.

De súbito, Maggie interveio:

— Mãezinha, se não tens nenhum segredo a dizer-lhe, conta-lhe então o da princesa!

— A princesa tinha um segredo - perguntou Clennam, surpreendido.

Arthur interrogou Dorrit com o olhar e espantou-se por a ver tão afogueada e tão perturbada: ela explicou-lhe que não passava de uma história de fadas sem interesse que

um dia inventara para Maggie. ele não insistiu, mas continuou:

— Pequena Dorrit, só mais uma coisa: sou um homem de idade, poderia ser seu pai ou seu tio, não receie desabafar comigo. Sei que neste momento a sua única preocupação se relaciona com o seu pai, mas, um dia, poderia vir a interessar-se por outra pessoa, sentir um novo afeto.

— Não, não, não.

A Pequena Dorrit ficara muito pálida e abanava lentamente a cabeça, com ar de tranqüila desolação de que ele por muito tempo se recordou.

— Neste momento, não lhe peço confidências. apenas lhe rogo que me conceda, sem hesitação, a sua total confiança.

— Poderia fazer menos por si, que é tão bom?

— E confiaria absolutamente em mim? Não esconderá nenhum desgosto, nenhuma inquietação? E tem a certeza de que neste momento nada a perturba?

— Não, senhor Clennam, pode acreditar em mim.

Ao proferir estas palavras com uma firme convicção, mostrava-se profundamente pálida.

Nesse momento, fizeram-se ouvir, nas escadas arruinadas, uns rangidos significativos, um ruído semelhante a uma pequena locomotiva a vapor e, antes que Maggie abrisse a porta, surgiu um senhor Pancks mais agitado do que nunca:

— Pancks, o cigano - disse, arquejante -, que lê a sina.

Ficou ali espedado, sorrindo e resfolegando, com ar espantosamente satisfeito com a sua pessoa, e puxou uma tal fumaça do charuto, que por pouco não se engasgou. Clennam julgou que ele estava embriagado, mas depressa se deu conta de que a causa da sua desmedida excitação não era o álcool.

— Como vai, Miss Dorrit? E o senhor Clennam? Nunca me senti tão satisfeito como hoje. Hem, Miss Dorrit?

Aparentava um prazer insaciável em contemplá-la. Os seus olhinhos negros lançavam chispas e estava tão carregado de eletricidade, que todo o seu corpo parecia irradiar pequenas faíscas estaladiças. Miss Dorrit parecia um pouco assustada e não sabia o que dizer. Pancks pôs-se a rir, apontando para Clennam.

— Não se preocupe com ele, Miss, é dos nossos: diante dele pode, sem receio, reconhecer-me, não é verdade, senhor Clennam? Hem, Miss Dorrit

A exaltação do indivíduo depressa se comunicou a Clennam e Miss Dorrit viu-os, surpreendida, trocar olhares fugazes.

— E. Oh! A propósito, Miss Dorrit - disse Pancks -, lembra-se de que deveria inteirar-se do que existia nas costas da sua mãozinha? Ora bem, vai sabê-lo, minha

amiguinha, vai sabê-lo! Senhor Clennam, fizemos um acordo, respeitei-o, se tiver a bondade de me conceder alguns minutos. Miss Dorrit, desejo-lhe uma boa noite.

Arthur seguiu-o pelas escadas com tanta precipitação, que pouco faltou para cair por cima dele e vir a rolar até ao pátio.

— Em nome do Céu, que se passa? - perguntou Arthur.

— Um momento, senhor Clennam, venha comigo até à bomba!

Dirigiram-se para a bomba de água. O senhor Pancks, metendo a cabeça por sob o cano, pediu a Clennam que bombeasse com força, depois endireitou-se, molhado, resmungando e resfolegando e enxugou-se com o lenço. Sentindo-se então um pouco mais calmo, tirou do bolso umas tiras de papel.

— Espere! - exclamou Clennam. - Descobriu alguma coisa?

— Assim julgamos - respondeu ele, empertigando-se.

— Alguém está envolvido, alguém cometeu qualquer fraude, qualquer espoliação?

— De modo nenhum!

— Deus seja louvado! - exclamou Clennam.

— Então mostre-me lá isso!

— Tem que saber. - começou por declarar Pancks desdobrando febrilmente os papéis. - Onde está a genealogia? Onde está o anúncio número quatro? Ah! Cá está! Tem que saber que hoje fica tudo praticamente concluído. Mas do ponto de vista legal, só estará dentro de dois ou três dias. Uma semana no máximo. Ocupo-me dia e noite no assunto, há já. não sei. Não diga nada. Atrapalhar-me-ia. Di-lo-á a ela. Mas para isso tem que aguardar o meu consentimento. Então onde está o total? Ah, ei-lo! Olhe, cavalheiro. Aqui está o que eu tinha para lhe anunciar! Aqui está a fortuna que pertence ao Pai da Penitenciária!

Alguns dias depois, o senhor Pancks revelou a Clennam tudo o que soubera acerca da fortuna da família Dorrit. O pai da jovem era herdeiro, de direito, de bens muito consideráveis, cuja existência ignorava, que ele nunca reclamara e que só tinham aumentado. Os seus direitos eram agora bem claros, deixara de haver obstáculos, as portas da Penitenciária escancaravam-se, os muros desapareciam. Algumas assinaturas e ele converter-se-ia num homem extremamente rico.

— Senhor Clennam, nunca imaginei, quando lhe falava dos anunciozinhos que colecionava, que um dia iria culminar nos Dorrit, de Dorset. Mas, agora, vou passar-lhe o assunto. Autorizo-o a que informe a família, tudo está em regra. Miss Dorrit deve ir, esta manhã, a casa de Miss Flora Casby. Quanto mais cedo lhe disser, melhor será!

Arthur vestiu-se rapidamente e saiu tão depressa que logo se viu em casa do

Patriarca, onde foi introduzido na antecâmara de Flora.

Ela preparava o chá do pequeno-almoço e ficou muito surpreendida com aquela visita matinal. Arthur explicou-lhe então o motivo da sua presença e a boa sorte da jovem amiga de ambos. Flora juntou as mãos, pôs-se a tremer e desfez-se em lágrimas de simpatia e contentamento. Já se ouviam os passos da Pequena Dorrit nas escadas. um instante depois, surgia. Arthur bem se esforçou por serenar, não conseguindo reassumir a sua expressão habitual, de modo que, ao olhar para ele, a jovem deixou cair o trabalho.

— Senhor Clennam, Que se passa? - exclamou ela.

— Nada, nada. Quero eu dizer. Nenhuma desgraça! Pelo contrário! Venho anunciar-lhe uma grande felicidade, uma felicidade maravilhosa!

— Uma grande felicidade? Uma felicidade maravilhosa?

Clennam rodeou-lhe a cintura com o braço, porque ela estava prestes a desmaiar, os seus grandes e luminosos olhos fixos nele.

— Querida Pequena Dorrit. O seu pai.

O seu rosto pálido reanimou-se a estas palavras, mas só exprimia sofrimento. A sua respiração era fraca e precipitada, o coração batia-lhe desordenadamente.

— O seu pai ficará livre no fim da semana. Ainda não sabe, precisamos de lho dizer. Ouça, dentro de algumas horas, passará a ser um homem livre!

Ela reanimou-se um pouco e entreabriu os olhos.

— E não é tudo! O seu pai, ao recuperar a liberdade, será um homem rico. É herdeiro de uma grande fortuna. Dou graças ao céu por a ter recompensado a si, a mais valorosa e a melhor das raparigas!

Como ele a abraçava, apoiou a cabeça no ombro de Arthur, rodeou-lhe o pescoço com um dos braços, dizendo: Pai! Pai! e desmaiou.

Mas depressa voltou a si, ansiosa por dar a notícia ao pai.

— Venha comigo falar com o meu pai! Suplico-lhe, anuncie-lhe o senhor! - foram as suas primeiras palavras, quando recuperou os sentidos.

Meteram-se num trem e dirigiram-se para a Penitenciária. Foi, para a jovem, um percurso estranhamente irreal, através das velhas e miseráveis ruas, julgava estar a ser transportada para um mundo flutuante de riqueza e de sumptuosidade. Quando Arthur lhe disse que em breve andaria no seu próprio trem, que veria paisagens muito diferentes e dissipadas as suas provações diárias, pareceu assustada. Mas quando ele lhe falou do pai, que também passearia de trem, que conheceria a riqueza, desfez-se em lágrimas de alegria e de ingénuo orgulho.

Quando o senhor Chivery, que estava de plantão, lhes abriu a porta, ficou aturdido com a expressão dos seus rostos. Dois ou três pensionistas com quem se cruzaram

também os observaram e, em poucos instantes, espalhou-se pela prisão inteira a notícia de que o Pai da Penitenciária ia ser libertado.

O senhor Dorrit, no seu velho roupão e com o velho gorro na cabeça, encontrava-se sentado junto da janela, apanhando sol, e lia o jornal. Virou-se, as lunetas na mão, surpreendido por ouvir passos nas escadas àquela hora. A chegada da filha e de Clennam, a expressão de ambos, tudo era tão esquisito, que os olhou sem se levantar, sem dizer palavra, de boca aberta e lábios trémulos.

— Pai, se soubesse a feliz nova que me deram esta manhã!

— Que foi que esta manhã te anunciaram de tão feliz, minha querida?

— Soube-o pelo senhor Clennam, pai. Uma boa nova que lhe diz respeito. Se ele não tivesse sido tão cuidadoso ao anunciá-la, julgo que não a teria suportado. a emoção.

Estava transtornada, as lágrimas banhavam-lhe o rosto. O velho levou de súbito a mão ao coração e olhou para Clennam.

— Acalme-se, senhor Dorrit - disse este -, e pense no que lhe poderia acontecer de bom.

— De bom. Que. - perguntou ele, a mão esquerda pousada no coração e tentando, com a direita, pousar as lunetas na mesa -, que coisa boa para mim aqui.

— Qual a maior felicidade que lhe poderia acontecer? Fale, não tenha receio.

Olhava fixamente para Clennam e, ao fitá-lo daquela maneira, parecia transformar-se num homem muito velho e derrotado. O sol iluminava o muro, defronte da janela, e as suas pontas de ferro. O velho retirou a mão do peito e apontou para o muro.

— Ele ruiu - disse Clennam -, desapareceu! O velho ficou imóvel, olhando sempre para Clennam.

— Agora - prosseguiu Arthur -, vai tomar posse dos recursos que lhe permitirão usufruir daquilo de que por tanto tempo foi privado. Senhor Dorrit, dentro de alguns dias ficará em liberdade e muito rico. As minhas mais calorosas felicitações.

Pegou-lhe na mão e apertou-a. A filha envolveu-o nos braços e encostou o rosto ao dele.

— Vê-lo-ei como nunca o vi, sem essa nuvem sombria a pairar-lhe sobre a cabeça. Ó meu querido pai! Deus seja louvado!

Ele conservara-se sempre imóvel, sem pronunciar uma única palavra. Limitava-se a fixá-los sucessivamente. E, de súbito, pôs-se a tremer, como se sentisse frio. Arthur saiu precipitadamente para ir buscar uma garrafa de vinho. Quando voltou, viu a jovem que obrigava o velho pai a sentar-se num cadeirão e lhe desabotoava a camisa e a gravata. Encheram-lhe um grande copo de vinho e levaram-no aos seus lábios. Depois de o ter

engolido encostou-se e pôs-se a chorar, escondendo o rosto no lenço.

Para tentar acalmar as emoções, Clennam relatou detalhadamente as pesquisas de Pancks.

— Ele será, hum, largamente recompensado - disse Dorrit, levantando-se e andando de um lado para o outro, dominado por uma grande agitação. - E reembolsá-lo-ei das despesas que fez, cavalheiro. E, hum, todas as que foram feitas por nossa causa. Ninguém será esquecido:

Deteve-se, para abraçar a filha.

— Precisas de encontrar uma modista, minha querida, e de te desfazeres o mais depressa possível desse vestido demasiado simples. pouco apresentável. E a tua irmã, Amy, o teu irmão e o teu tio, precisamos de os encontrar!

Continuava a dar voltas pelo quarto, quando entusiásticas aclamações ressoaram pelo pátio.

— A notícia já se espalhou! - disse Clennam, espreitando pela janela. - Apareça a essa boa gente, senhor Dorrit!

— Sim, hum. Mas, Amy, minha querida, teria preferido - disse, retomando o seu vaivém febril - encontrar-me um pouco mais apresentável. Abotoa-me o colarinho da camisa, minha querida. Senhor Clennam, quer ter a bondade de, hum, de me dar a gravata azul, está na gaveta. Minha filha, abotoas-me o casaco? Assim parece mais largo.

Passou a mão trémula pelos cabelos grisalhos e, amparado pelos dois, assomou à janela. Respondeu com saudações aos vivos das pessoas.

— Pobre gente! - disse para consigo com compaixão.

A Pequena Dorrit desejava fervorosamente que o pai se acalmasse um pouco e repousasse e pediu a Arthur que, antes de se ir embora, esperasse até ele se deitar. Finalmente, o velho, cansado, estirou-se na cama e a filha sentou-se fielmente à cabeceira, abanando-lhe e refrescando-lhe a testa. Em breve, ele adormecia.

A Pequena Dorrit aproximou-se então de Arthur e perguntou-lhe meigamente:

— Senhor Clennam, antes de se ir embora ele terá de pagar todas as dívidas?

— Evidentemente, minha filha, todas.

— Todas as dívidas que foram a causa do seu encerramento aqui, da minha vida passada aqui e outras coisas?

— Evidentemente.

— Isso parece-me terrível, ter desperdiçado tantos anos, ter sofrido tanto e, mesmo assim, ser obrigado, no final, a pagar as suas dívidas.

Cansada de tantas emoções, começou gradualmente a afrouxar o abanar do leque e, por fim, pousou a cabeça no travesseiro, perto do pai. Clennam levantou-se

cautelosamente, abriu e fechou a porta do quarto silencioso e, sem fazer ruído, deixou a prisão, atravessando as ruas buliçosas e levando consigo aquela paz.

Chegou o dia em que o senhor Dorrit e a família deveriam abandonar para sempre a prisão. O lapso de tempo fora curto, mas o senhor Dorrit queixara-se bastante de nunca mais chegar ao fim e mostrara-se imperioso com o advogado, e, tendo este respondido com humildade que fazia tudo o que estava ao seu alcance, Fanny interviu secamente, lembrando-lhe que o dinheiro não contava e que não devia esquecer com quem falava.

O tio Frederick mostrara tão pouco interesse pela fortuna recém-adquirida, que se interrogaram se realmente havia compreendido o que se passava. O irmão obrigou-o a vestir-se de novo dos pés à cabeça e ordenou-lhe que queimasse as roupas velhas. Quanto a Tip e a Fanny, não precisavam de lições para se transformarem em jovens elegantes, vestidos à moda; cada um alugou um cabriolé e instalaram-se no melhor hotel das redondezas, que, aliás, consideraram absolutamente insignificante. O senhor Dorrit reembolsou todas as despesas feitas e deu aos prisioneiros grandes provas da sua liberalidade, distribuindo ofertas pelos necessitados. Deu um grande banquete em honra de todos os pensionistas, tendo-se bebido à saúde de uns e de outros no meio de uma enorme emoção.

Chegou finalmente o dia da partida. O senhor Dorrit avançava com uma dignidade solene e graciosa, apoiado no braço do irmão Frederick. Murmurou-lhe ao ouvido:

— Meu caro Frederick, se conseguisses assumir um pouco de, distinção - desculpa-me, meu caro Frederick -, mas na tua posição.

— Não - respondeu o outro, abanando a cabeça -, tu, consegue-lo, mas eu, eu esqueci completamente!

— Justamente, meu caro, precisas de te lembrar, tens que pensar na tua posição.

— Hem - exclamou Frederick.

— Na tua posição, meu caro Frederick.

— Na minha...

Olhou para o irmão, depois para ele próprio e deu um profundo suspiro:

— Ah, é verdade! Evidentemente, sim, sim.

— Queres saber uma coisa, meu caro Frederick? - rematou o senhor Dorrit. - Pergunto a mim mesmo o que irá ser desta boa gente sem mim.

Atrás dos dois irmãos vinha Tip Dorrit, de braço dado com a irmã Fanny. Os presos e os carcereiros uniam-se no pátio, a rodeá-los, assim como o senhor Pancks, Casby, o Patriarca, em pessoa, a filha Flora e John Chivery, muito comovido.

No meio dos espectadores, a pequena procissão, encabeçada pelos dois irmãos,

dirigiu-se lentamente para o portão de ferro. O senhor Dorrit, de ar nobre e melancólico, dava pancadinhas na cabeça das crianças, chamava pelos respectivos nomes os que ficavam para trás, a todos testemunhava a sua imensa benevolência e parecia envolvido pela frase em letras de ouro "Consola-te, ó meu povo! Suporta o teu fardo!"

Três vigorosos hurras anunciaram finalmente que haviam franqueado o portão de ferro e que a Penitenciária ficara órfã. Mal os ecos tinham deixado de ressoar pelos muros e já a família se encontrava na carruagem e o laçao retirava o estribo.

Foi só nesse momento - apenas nesse momento - que Fanny exclamou:

— Santo Deus! Onde está a Amy?

O pai julgava que ela se encontrava com a irmã. A irmã pensava que ela se encontrava algures. Todos esperavam encontrá-la, como sempre, no lugar adequado e na altura adequada. Aquela partida era, possivelmente, o primeiro ato das suas vidas em comum que haviam realizado sem a ajuda dela.

— Oh - exclamou de repente Fanny, chocada. -Que vergonha! Lá está aquela pequena Amy, no seu vestido velho e horrível que ela se obstinou em conservar, a despeito dos meus rogos! E, para nos envergonhar, dirige-se para aqui vestida daquela maneira, e, ainda por cima, com o senhor Clennam!

E Clennam assomou à portinhola, trazendo nos braços o corpinho inerte.

— Esqueceram-se dela - disse com uma inflexão de piedade e de censura. - Corri ao quarto dela, a porta estava aberta e ela desmaiada no chão. Deve ter sido incapaz de suportar mudar de vestido e desmaiou, com tantas emoções.

— Obrigada, senhor Clennam - respondeu Fany, desfazendo-se em lágrimas. -Acho que fui tão má com ela, por não me lembrar de a esperar!

Capítulo VIII - A RIQUEZA DA FAMÍLIA DORRIT

O Outono chegara e uma límpida manhã brilhava pelos picos elevados dos Alpes: a neve que caíra recentemente ofuscava, o ar era tão puro e tão leve que, ao respirá-lo, iríamos julgar que uma vida nova tivera início.

Nos cumes desertos do desfiladeiro do Grande São Bernardo, no convento que, à noite, serve de abrigo seguro aos viajantes, eram horas de retomar o caminho. Os monges limpavam a neve que se acumulara em frente da porta e ao longo do atalho puxavam-se as mulas para fora das estrebarias atavam-se os guizos, carregavam-nas com as bagagens; as vozes dos guias e dos cavaleiros ecoavam como se fossem música, pelo ar límpido. Alguns tinham-se já posto a caminho e, no vasto e branco planalto, minúsculos vultos de homens e de mulas avançavam, ao tilintar cristalino dos guizos e ao soar de vozes harmoniosas.

Uma nobre caravana, que fizera a excursão na véspera, pôs-se a caminho, dirigindo-se de novo para o vale, onde haviam deixado as bagagens. Envergando peles e caras fazendas, aquela família, que se compunha de dois cavalheiros idosos, de duas jovens encantadoras e de um garboso cavaleiro, era acolhida em todo o lado com a maior das deferências. Em cada etapa, um mensageiro partia à frente, a fim de se certificar se os aposentos de luxo se encontravam preparados na estalagem que os aguardava. Era o arauto do cortejo familiar. Atrás dele, vinham a grande e a pequena carruagem, ocupadas pela família Dorrit. No fim, seguia o grande carroção com a restante criadagem, as bagagens mais pesadas e toda a lama e poeira que as outras viaturas não tinham acumulado.

Todo este séquito se comprimia no pátio do hotel de Martigny, no regresso da excursão que a família fizera à montanha. Mas uma surpresa imprevista aguardava o senhor Dorrit no hotel: dois viajantes desconhecidos jantavam num dos aposentos que lhes estavam reservados!

O estalajadeiro, de chapéu na mão, especado no meio do pátio, jurava, por tudo quanto lhe era sagrado, ao mensageiro, que se sentia penalizado, aflito, desnortado, mas que a nobre dama insistiria tanto com ele para lhe facultar o aposento por uma curta meia hora, que ele não fora capaz de resistir. A curta meia hora passara, a dama e o companheiro tinham acabado a sobremesa e a sua chávena de café, a conta estava paga, a carruagem atrelada, iam partir. Mas por um horrível acaso, que decerto se devia à maldição divina, ainda se encontravam lá.

Nada teria podido aumentar ainda mais a indignação do senhor Dorrit do que ouvir estas desculpas. Pareceu-lhe que uma mão assassina acabara de atingir a dignidade da

família. Porque o sentimento desta dignidade era nele tão agudo, que estava sempre a vê-la ameaçada.

— Será possível, senhor - perguntou, rubro de cólera -, que tenha tido, hum, o arrojo de pôr um dos meus aposentos à disposição de outra pessoa?

Mil perdões! O estalajadeiro suplicava ao cavalheiro para não se zangar! Se o cavalheiro quisesse ter a suprema bondade de aguardar cinco minutos no outro salão que lhe fora reservado.

— Não, homenzinho! Nem sequer porei o pé em sua casa! Como se atreveu a agir comigo desta maneira? Por quem me toma, pois, para não me tratar, hum, para não me tratar como faz com os outros cavalheiros?

Miss Fanny interrompeu o pai com grande aspereza, declarando ser evidente que a impertinência daquele homem se devia a uma razão particular, que ele teria que confessar!

Entretanto, o estalajadeiro deslizara até ao salão em causa para lhe explicar a delicadeza da sua situação e depressa voltou a descer as escadas, precedendo a dama e o seu companheiro. Este dirigiu-se ao senhor Dorrit:

— Desculpe-me, não tenho o dom da palavra, mas aquela dama - aliás, a minha mãe manda-me dizer-lhe que espera sinceramente não ter dado azo a mal-entendidos!

O senhor Dorrit, ainda ofegante, em virtude da afronta de que fora vítima, saudou o cavalheiro e a dama com ar frio, categórico e sem apelo.

— Não, mas realmente, diga-me meu velho - prosseguiu o cavalheiro, aproximando-se de Tip.

— Tentemos os dois conciliar a situação. Na verdade, a minha mãe não quer algazarras! A culpa não foi deste bom homem, mas dela. Hem? Então isto vai, meu velho, fica combinado!

— Edmond - chamou a dama -, explicaste. mas acho que é melhor ser eu a apresentar-lhe as minhas desculpas! - disse ela dirigindo-se graciosamente para o senhor Dorrit.

De repente, a dama, aproximando o lornhão dos olhos, ficou petrificada e sem conseguir pronunciar palavra, ao ver as duas meninas Dorrit. Miss Fanny, no primeiro plano do quadro grandioso composto pela família, pela equipagem da família e pelos servidores da família, pegara no braço da irmã, como a querer mantê-la ao seu lado e assumir um ar distinto, olhando a dama de alto a baixo.

Esta - que era a senhora Merdle - recompôs-se rapidamente, concluiu as suas desculpas cheias de consideração ao senhor Dorrit, que a elas respondeu de modo

igualmente gracioso, e subiu para a carruagem, depois de ter dirigido às duas jovens um fascinante sorriso de despedida, como faria a duas meninas de alta linhagem que nunca tivera o prazer de encontrar, mas que considerava absolutamente encantadoras.

Quanto ao jovem Edmond Sparkler, que ficara petrificado ao mesmo tempo que a mãe, foi quase impossível arrancá-lo da imobilidade com que fixava Fanny e o seu quadro familiar. Quando conseguiram dobrá-lo o suficiente para o fazerem passar pela portinhola, os seus olhos colaram-se à lucarna traseira da carruagem e aí se fixaram até o trem ter desaparecido.

Este encontro foi, para Miss Fanny, tão agradável, que o seu humor se suavizou consideravelmente, o que a todos surpreendeu.

A Pequena Dorrit tinha, neste grupo, um papel de silêncio e meditação absoluta. Sentada, na carruagem, em frente do pai, recordava-se do velho quarto da Penitenciária e a sua vida atual parecia-lhe um sonho. Tudo o que via era novo e maravilhoso, mas irreal. Tinha a impressão de que aquelas paisagens montanhosas e aquelas regiões pitorescas se dissipariam a qualquer momento e que a carruagem, numa curva brusca da estrada, se deteria, com um solavanco, diante do velho portão gradeado da prisão.

Para si, o mais estranho era sentir uma distância tão grande entre ela e o pai. De início, tentara manter, ao seu lado, o mesmo lugar, ocupando-se dele. Mas este dera-lhe a entender que os criados estavam ali para desempenhar essa tarefa, que uma jovem da alta-roda se não devia rebaixar executando essas ocupações subalternas, que devia manter-se no seu lugar! Obedecera, sem murmurar, e achava-se, pois, sentada no canto de uma carruagem luxuosa, as mãozinhas pacientes cruzadas no regaço, contemplando, através da janela, cumes tão irreais como a sua própria vida interior.

Depois de terem passado pelos Alpes, dirigiram-se para a Itália. Para a Pequena Dorrit cada dia era um sonho que tinha início em qualquer aposento decorado com frescos. Através da janela, enquadrada pelas folhas amareladas de uma vinha, contemplava algumas laranjeiras plantadas em vasos, nas lajes fendidas do terraço, e, mais abaixo, o pátio, rodeado de colunas, com as carruagens e os criados. E depois, ao longo do dia, estradas ladeadas de vinhas e oliveiras, aldeias brancas, tão lindas mas tão pobres, lagos azuis e palácios em ruínas. Por vezes, pernoitavam, durante semanas inteiras, em esplêndidos aposentos, davam todos os dias banquetes, visitavam maravilhas, percorriam palácios imensos, descansavam nos cantos sombrios de velhas igrejas, onde, entre as lamparinas de ouro, o incenso fumegava. Depois deixavam as cidades e retomavam a estrada ladeada de vinhas e de oliveiras.

A caravana familiar acabou, assim, por chegar a Veneza, onde permaneceu por algum tempo, porque estava previsto passarem seis meses num faustoso palácio do

Grande Canal.

Nessa cidade de sonho, de ruas pavimentadas de água, onde o lúgubre silêncio dos dias e das noites é apenas quebrado pelo badalar surdo dos campanários das igrejas, pelo marulhar da água e pelos chamamentos dos gondoleiros, a Pequena Dorrit tinha todo o tempo para sonhar. A família corria para os divertimentos e para os saraus, mas ela, demasiado tímida para assistir às festas, pedia simplesmente que a deixassem tranqüila. Por vezes, quando conseguia escapar aos serviços da sua tirânica criada de quarto, metia-se numa das gôndolas sempre amarrada à porta do palácio, e pedia para ser conduzida através daquela cidade estranha. Mas o seu refúgio preferido era a varanda do seu quarto que, situado no último andar, pairava por sobre o canal. Permanecia ali à tardinha, contemplando o pôr do Sol, as longas faixas violetas que abrasavam o horizonte, a luz que banhava os edifícios tornando-os como que transparentes e iluminados a partir do interior. Via extinguirem-se aquelas maravilhas e, enquanto as gôndolas negras transportavam os convidados para a música e para os bailes, debruçava-se à varanda e contemplava a água, como se todo o seu passado aí repousasse, fundado algures.

Arthur Clennam, que há muito não via a mãe, dirigiu-se, uma tardinha, em passos lentos, para a triste casa da sua juventude. Acabava de entrar na rua estreita e íngreme para a qual dava o alpendre, quando alguém o alcançou, tão rente que quase foi atirado contra a parede. Como ia mergulhado nos seus pensamentos, o encontrão apanhou-o desprevenido e o outro teve tempo de dizer, com rudeza: Perdão, foi sem querer! e de ultrapassá-lo, antes que pudesse compreender o que lhe acontecera.

A rua descia quase a pique antes de virar bruscamente, e o homem, que, sem estar embriagado, parecia agitado por qualquer bebida forte, percorreu-a rapidamente; Clennam perdeu-o quase imediatamente de vista. Não tinha a intenção de o seguir, mas sentia apenas vontade de o observar um pouco mais de perto e estugou o passo para virar a esquina. Quando a atingiu, contemplou a rua inteira, nem viva alma. E, contudo, não havia nenhuma sombra nem nenhuma esquina que o pudessem ocultar ao seu olhar e não ouvira qualquer porta fechar-se. Cismando naquela estranha personagem, entrou no pátio. O homem encontrava-se ali, apoiado contra o gradeado da pequena cerca, e olhava para as janelas da senhora Clennam, rindo em silêncio. Um instante depois, avançava, lançando a capa por cima do ombro, e batia ruidosamente à porta.

Clennam avançou rapidamente e subiu, por seu turno, os degraus. O homem observou-o com ar fanfarrão, após o que bateu de novo.

— O cavalheiro é muito impaciente! - observou Arthur.

— Assim é. Com os demónios! É do meu temperamento ser impaciente!

Affery, de candeia na mão, entreabri a porta e perguntou quem acabava de bater com tanta violência àquela hora:

— Como, Arthur - exclamou, muito espantada, avistando-o primeiro. -, foi o senhor? Ah, meu Deus, não! - prosseguiu, ao ver o outro. - É ele de novo!

— Evidentemente, é outra vez ele, senhora Flintwitch! Abra a porta e deixe-me abraçar o meu caro Jeremy Diga-lhe que o velho Blandois regressou! O seu pequerrucho, o seu bem-amado! Abra a porta, minha linda, e deixe-me apresentar os meus respeitos à sua patroa. A senhora ainda é viva? Ora bem, tanto melhor!

E, para estupefação de Arthur, Affery abriu a porta. O desconhecido, sem mais cerimónias, entrou no hall, fazendo soar os tacões.

— Diga-me, Affery, suplico-lhe - perguntou Arthur em tom severo -, quem é este senhor?

— Diga-me, Affery, suplico-lhe - repetiu Blandois -, quem é este, ah ah ah. senhor?

Muito oportunamente, ouviu-se a voz da senhora Clennam, que pedia aos dois homens que subissem. Deparou-se-lhes a idosa mulher sentada, apumada e impassível, na sua poltrona.

— Pois então apresente-me o senhor seu filho, minha senhora - começou Blandois -, julgo que tem queixas contra a minha pessoa!

— Cavalheiro - interrompeu Arthur -, seja o senhor quem for e seja qual for a razão da sua visita, se eu fosse o dono da casa, tê-lo-ia já posto na rua!

— Mas não é o dono da casa, Arthur - interveio a mãe. - Se eu tiver qualquer objeção a fazer, serei eu a levá-la, não se preocupe! O senhor Blandois foi-nos recomendado pelos nossos correspondentes de Paris, que são inteiramente fidedignos, desconheço a razão da sua visita de hoje, mas é provável que se trate de algum assunto relacionado com a nossa empresa e será para nós um dever e um prazer atendê-lo. Eis porque é lamentável que o seu carácter insensato tenha achado motivos para se ofender.

Flintwitch entrou nesse momento. O visitante levantou-se, rindo grosseiramente, e abraçou-o.

— E como lhe corre a vida, meu lindo Flintwitch? Num mar de rosas? Tanto melhor, tanto melhor! Tem uma aparência maravilhosa, jovem e fresco como um rebento! Ah, que lindo, que bom menino - e fê-lo rodopiar, como um pião, após o que o empurrou para o outro extremo da sala e voltou a sentar-se.

O espanto, a cólera e a vergonha embargaram a voz de Arthur. Flintwitch reassumiu a sua compostura, de respiração ofegante, mas o rosto sempre impassível. A senhora Clennam fez, nessa altura, um breve gesto de despedida com a mão e disse:

— Arthur, poderia deixar-nos a sós para tratarmos dos nossos negócios?

— Obedeço-lhe, minha mãe, mas contrariado. Senhor Flintwitch, é com bastante surpresa e repugnância que deixo o seu assunto de negócios ser tratado no quarto de minha mãe! Boa noite.

No momento em que se dispunha a sair, Blandois exclamou em voz estridente:

— Outrora, meu lindo Flintwitch, tive um amigo que ouviu contar tantas histórias horróricas sobre a cidade de Londres, que nunca teria ficado sozinho, à noite, com duas pessoas que talvez tivessem interesse em desembaraçar-se dele, não, palavra de honra, nem mesmo numa casa tão respeitável como esta. Não é verdade, Jeremy?

Desdenhando responder-lhe e, aliás, incapaz de o fazer, tal a cólera que o dominava, Clennam saiu após um relancear ao visitante, o qual fez estalar os dedos em sinal de despedida, enquanto o nariz e os bigodes se lhe encarquilhavam, num sorriso diabólico.

Nesse intervalo, em Veneza, outros problemas muito diferentes agitavam Miss Fanny Dorrit. No decurso de um dos seus passeios de gôndola, as duas irmãs verificaram que eram seguidas por outro barco, que executava, em torno delas, uma manobra singular, ora interceptando-lhes o caminho, ora detendo-se e deixando-as partir de novo. Amy estava absolutamente estupefacta ao ver a irmã assumir grandes ares, puxar de um soberbo leque dourado e preto e, indolentemente apoiada na popa, abanar-se com graciosidade. Acabou, pois, por perguntar o que se passava.

— É aquele palerma! - respondeu Fanny laconicamente.

— Quem? - inquiriu a Pequena Dorrit.

— Minha querida filha, tens compreensão lenta! É o jovem Sparklet, quem havia de ser?

E, como a gôndola os ultrapassava de novo, Fanny disse, com um riso cheio de coqueteria:

— Minha querida, alguma vez viste imbecil como este?

É preciso confessar que o senhor Sparkler, de olhos grudados nela, como uma grande bolha no vidro, na verdade não tinha o que poderíamos chamar garboso.

— Achas que nos vai seguir até casa - perguntou Amy.

— Minha querida filha, como hei de saber o que será capaz um idiota que morre de amores? Mas é provável que nos siga!

— Então morre de amores por ti - perguntou ela com ingenuidade. - Mas tu, minha querida Fany, quais são as tuas intenções a seu respeito?

— Escuta-me, minha patetazinha! É aquela falsa e insolente senhora Merdle que me

interessa! Não percebes o que ela decidiu quando nos encontrámos em Martigny? Procedeu como se nunca nos tivesse visto. E porquê? Porque, agora, passei a ser um partido muito conveniente para o filho! E eu quero vingar-me da sua falsidade e da sua insolência: farei daquele cretino do Sparkler meu escravo E vergá-la-ei também!

— Mas dar-te-ás tu conta, Fanny, das conseqüências de tal comportamento?

— Não pensei ainda nelas, minha querida, cada coisa no seu devido tempo - respondeu ela, com uma indiferença cheia de soberba. - Chegámos. E o nosso Sparkler também, que grande coincidência!

Com efeito, o apaixonado encontrava-se ali, de pé na sua gôndola, segurando um cartão de visita e perguntando aos lacaios se estava alguém em casa. Os gondoleiros das jovens, a quem a perseguição exasperara, provocaram então uma suave colisão entre as duas barcas: o galante executou uma pirueta para trás e apenas pôde exibir à sua amada a sola dos sapatos, enquanto o resto do corpo se balançava nos braços dos seus criados.

A partir daquele dia, a vida de Fanny passou a ser uma longa sequência de angústias e perplexidades. A família emigrara para Roma, onde a senhora Merdle vivia, aliás, e o apaixonado seguira-a, naturalmente. E toda a gente em breve ficou a saber quem era a terna senhora do coração do senhor Sparkler, embora muito caprichosa com ele, Fanny, todavia, não o repelia. Ligara-se suficientemente a ele para se sentir comprometida sempre que ele se mostrava ridículo, isto é, com muita frequência. Envergonhava-se dele, não se decidia nem a repeli-lo nem a encorajá-lo e, torturada pelo receio de a senhora Merdle tirar partido da sua confusão, voltava para os saraus num profundo estado de perturbação e de agitação.

— Querida Fanny, o que se passa? - perguntava Amy, ao vê-la precipitar-se para o toucador e tentar raivosamente chorar.

— O que se passa, grande palerma! Se não fosses tão tapadinha, não me perguntavas! Quem me dera morrer!

— É o senhor Sparkler, minha querida?

— O senhor Sparkler - repetiu Fanny, vincando bem as sílabas com um desprezo sem limites, como se fosse a última pessoa, à face da Terra, em quem lhe ocorreria pensar. - Não, menina-morcego, não é ele!

Arrependendo-se logo pela maneira como interpelara a irmã, desfez-se em soluços dizendo que a obrigavam a mostrar-se odiosa.

— Escuta-me, meu pequeno anjo - disse finalmente -, isto não pode continuar assim, preciso de lhe pôr termo, de uma maneira ou doutra! Percebes, minha querida?

— Sim. - respondeu Amy, que não compreendia muito bem.

E quererás tu aconselhar-me, minha querida - prosseguiu a outra, enxugando os

olhos.

— Sim oh, és a minha tábua de salvação!

Depois de ter abraçado com grande ternura a sua tábua de salvação, pegou num frasco de perfume, deitou algumas gotas num lençinho e refrescou a fronte e os olhos.

— Meu tesouro, o que te vou dizer decerto te irá espantar: a despeito da nossa fortuna, esbarramos, falando do ponto de vista social, com grandes obstáculos. Não me compreendes muito bem, não é verdade? Quero eu dizer que, ao fim e ao cabo, a alta sociedade considera-nos novos-ricos -deu uma pancadinha na testa da irmã e murmurou -. E a questão que ponho a mim própria é a seguinte deverei eu decidir-me a assumir a tarefa de superar esses obstáculos em nome da nossa família?

— Mas de que maneira? - perguntou a Pequena Dorrit com inquietação.

— Nunca suportarei que a senhora Merdle me atormente ou me trate com condescendência! Prossigui Fanny, cada vez mais exaltada e ficando com a testa avermelhada, à força de lhe dar pancadinhas. - Não podemos negar que o Sparkler tenha uma boa situação ou que pertença a uma excelente família. Que ele seja inteligente ou não. de qualquer dos modos, seria incapaz de suportar um marido inteligente! Não poderia sujeitar-me a uma tal autoridade.

— Oh, minha querida Fanny! - exclamou Amy, experimentando um certo terror perante o que estava a pressentir. - Se amasses alguém, não pensarias dessa maneira! Se o amasses!

Fanny deixou de torturar a testa e olhou para ela:

— Oh, na verdade! Santo Deus, há certas pessoas que mostram uns ares de conhecerem a fundo determinados assuntos.

— Mas, Fanny, mereces um marido muito superior ao senhor Sparkler!

— Ora, Amy, só sei que queria ter uma posição mais definida e mais firme para me impor àquela mulher insolente!

— E para isso, Fanny, casarias com o filho? e sujeitar-te-ias a ser infeliz para toda a vida?

— Não seria uma vida desgraçada, seria a vida que mais me convém, Sim, que me convém plenamente.

Havia na sua voz uma entoação ligeiramente amarga, ao pronunciar aquelas palavras. Levantou-se e contemplou-se no grande espelho, com um risinho orgulhoso, batendo as mãos por cima da cabeça:

— A sua distinção Vai conhecer a minha. Serei a rival dela e isso significará o objetivo da minha vida! E a dançarina que ela desprezou por completo e que em nada se

pareceu comigo. Oh, não dançará diante dos seus olhos enquanto viver!

Algumas semanas depois, ficou decidido o casamento. A Pequena Dorrit, ao inteirar-se da notícia, pousou a cabeça no ombro da irmã e pôs-se a chorar. Fanny, a princípio, riu-se, mas em breve apoiava o rosto contra o de Amy e punha-se também a chorar - um pouco. Foi a última vez que deixou transparecer os poucos sentimentos que fora obrigada a reprimir em virtude daquele casamento. A partir daquela altura, enveredou, com o seu andar imperioso é obstinado, pelo caminho que escolhera.

O casamento foi magnífico: nunca o cônsul britânico em Roma celebrara algum que se lhe igualasse. Depois, os recém-casados partiram para Florença, onde o senhor Dorrit se lhes devia juntar, a fim de os acompanhar até Londres. Fanny subiu para a sua deslumbrante carruagem. E, depois de ter rolado alguns minutos pela superfície lisa de um pavimento uniforme, começou a sofrer solavancos ao longo de um Lodaçal de Desencanto e através de uma longa, longa avenida de ruínas e de destroços. Dizem que muitas outras carruagens de núpcias seguiram o mesmo trilho e que ainda o percorrem.

Capítulo IX - UMA SEQUÊNCIA DE DESGRAÇAS

Os recém-casados, à sua chegada a Harley Street, Cavendish Square, em Londres, foram conduzidos, pelo mordomo em pessoa, até aos luxuosos aposentos do primeiro andar, onde o senhor Merdle os aguardava para dar as boas-vindas à noiva e recebê-la na sua nova residência.

A senhora Sparkler, uma vez instalada nos seus aposentos - um santuário de penas, de sedas, de chitas da Pérsia e outros finos tecidos -, sentiu que o seu triunfo, até ali, era absoluto. Ocupara os próprios aposentos da senhora Merdle, que haviam sofrido alguns retoques, para os tornar ainda mais dignos da sua nova ocupante. E enquanto se pavoneava por eles, rodeada de todos os acessórios que o luxo proporciona, via-se prestes a eclipsar e a destronar a sua rival. Feliz Fanny! estava-o decerto. Agora já não falava em querer morrer!

Na manhã seguinte, o senhor Merdle mandou aprontar a carruagem para ir apresentar os seus cumprimentos ao senhor Dorrit, que se instalara num hotel de Grosvenor Square. A carruagem cintilava, os cavalos resplandeciam, os arreios brilhavam uma equipagem digna de um Merdle! Os transeuntes matinais olhavam-no quando rolava pelas ruas e diziam, com voz cheia de respeito:

— Lá vai ele a passar!

A chegada do banqueiro pôs o hotel inteiro e o coração do senhor Dorrit num desassossego; e, contudo, o importante homem mostrou-se como sempre tímido e pouco à vontade. Mal conseguia manter conversa, não sabia o que dizer nem que fazer do seu corpo volumoso e desajeitado. Porém, encantou o senhor Dorrit, ao convidá-lo a sentar-se à sua mesa e ao pôr o seu banco à disposição: o senhor Dorrit explicou que viera, com efeito a Londres, para, muito em especial, velar pelos seus interesses; procurava um banco onde depositar a sua fortuna, a fim de a fazer aumentar. O senhor Merdle ofereceu-se então para se encarregar desses depósitos e para que partilhassem dos lucros dos seus brilhantes negócios, o que, bem entendido, o senhor Dorrit aceitou com alegria! Depois, dirigiram-se os dois à City, o que para o senhor Dorrit foi um encanto, percorrer Londres na carruagem do ilustre banqueiro, diante de quem todas as cabeças se descobriam.

À noite, jantou na Harley Street, no meio de uma brilhante sociedade, que cumoulou o casamento da filha dos mais veneráveis cumprimentos. No dia imediato, no outro e em todos os dias que se seguiram, teve ensejo de assistir a novos jantares e os cartões de visita não deixaram de chover sobre o senhor Dorrit. De forma que o seu orgulho aumentava de hora para hora; a promoção social que fruía graças àquele casamento subia-lhe à cabeça.

A única nuvem negra daquela estada foi o conflito que travou no íntimo, uma noite, quando regressava de carruagem: passaria ou não diante da Penitenciária, para rever o velho e familiar portão de ferro? Resolveu não passar por lá e surpreendeu o cocheiro com a violência com que se pôs a seguir pela Ponte de Waterloo, trajeto que o teria conduzido ao seu antigo domicílio. Mas a questão gerara dentro dele um conflito que o deixou vagamente descontente a noite inteira. Mesmo à mesa do senhor Merdle se sentiu pouco à vontade e avergonhava-se das idéias que lhe ocupavam o espírito, idéias tão deslocadas no meio de uma reunião tão distinta!

O banquete de despedida correu no meio de grande fausto e rematou da maneira mais brilhante a sua estada. Fanny aliava à sua juventude e à sua beleza uma tal segurança no seu papel de anfitriã, que parecia estar casada há vinte anos. O pai sentiu que a podia deixar, sem inquietações, trilhar os caminhos da distinção e desejou ter outra filha como aquela.

— Minha querida - disse-lhe, à despedida -, a nossa família conta contigo para, hum, manter a sua dignidade. sei que nunca a desiludirás.

— Não, papá - respondeu Fanny -, pode contar comigo. Transmita à minha querida irmã todo o meu carinho e diga-lhe que lhe escreverei em breve.

O senhor Merdle aproximou-se furtivamente do senhor Dorrit e insistiu em acompanhá-lo até ao fundo das escadas. Todos os protestos do senhor Dorrit resultaram em vão, teve a honra de ser acompanhado até à porta por aquele homem eminente que, como lhe repetiu o senhor Dorrit ao apertar-lhe a mão, o cumulava verdadeiramente de atenções durante a sua memorável visita. Desta forma se despediram e o senhor Dorrit subiu para a carruagem, a transbordar de orgulho com a grandiosidade daquela partida.

Também a sua chegada ao hotel se rodeou de solenidade. Cerca de meia dúzia de lacaios ajudaram-no a descer da carruagem e atravessou o hall com uma tranqüila magnificência quando - ó horror - uma visão o petrificou. o minúsculo John Chivery, vestido com a sua mais bela fatiota, o imenso chapéu debaixo do braço e a bengala de marfim na mão, aguardava-o, com uma caixa de charutos!

— Este jovem insistiu em esperar pelo senhor - disse o porteiro. - Assevera que o cavalheiro ficaria muito contente por o ver.

O senhor Dorrit lançou ao rapaz um olhar furibundo, mas disse, fazendo apelo a toda a calma que lhe restava:

— Ah! É o pequeno John, Se não me engano, é o pequeno John, não é verdade?

— Sim, senhor Dorrit, sou eu - respondeu John.

— Este jovem pode subir - disse aos criados -, recebê-lo-ei lá em cima.

O pequeno John seguiu-o, sorridente e cheio de gratidão. Entraram no aposento do senhor Dorrit e os criados retiraram-se.

— E agora, cavalheiro - exclamou o senhor Dorrit, virando-se para ele e pegando-o pelo colarinho -, quer fazer o favor de me dizer o que significa isto?

A estupefação e o terror que se estamparam no rosto do desgraçado rapaz - que contava, antes, ser abraçado - foram tão evidentes que o senhor Dorrit o largou e limitou-se a fixá-lo, com um olhar furioso.

— Como se atreve - interrogou, - Como se permitiu vir aqui? Como ousa insultar-me?

— Insultá-lo, senhor Dorrit - exclamou John. - Oh!

— Sim, cavalheiro - replicou o senhor Dorrit -, insultar-me. Vir aqui é uma afronta, uma impertinência, uma audácia! A sua presença, aqui, não é desejada! Quem o mandou? Que, hum, que diabo veio fazer aqui?

— Pensei, senhor Dorrit - respondeu John, de rosto pálido e alterado -, que o senhor não recusaria ter a bondade de aceitar uma pequena oferta.

— Para o diabo com as suas ofertas! - exclamou o senhor Dorrit, desvairado pela fúria. - Eu, hum, eu não fumo.

— Peço-lhe desculpa, senhor Dorrit. Antigamente fumava.

— Repita isso! - gritou o senhor Dorrit, absolutamente fora de si -, repita isso e pego no atizador!

John Chivery recuou até à porta.

— Pare, cavalheiro - gritou o senhor Dorrit.

— Pare! Sente-se. Diabos o levem, sente-se John Chivery! deixou-se cair numa cadeira perto da porta, enquanto o senhor Dorrit andava de um lado para o outro.

— Por que razão veio cá? - insistiu.

— Ora, por nada, senhor Dorrit. Oh, meu Deus! Só para lhe dizer que esperava que estivesse bem de saúde e para saber como se encontrava Miss Amy.

— E que tem o senhor com isso?

— De direito, nada, senhor Dorrit. Asseguro-lhe que não esqueço o profundo abismo que existe entre nós. Também eu tenho o meu amor-próprio e não tomaria a liberdade de vir cá se soubesse que isso o contrariava desta maneira!

O senhor Dorrit sentiu-se envergonhado. Dirigiu-se à janela e durante algum tempo conservou-se de testa apoiada no vidro. Quando se virou, tinha o lenço na mão, acabava de enxugar os olhos e parecia cansado e doente.

— Pequeno John, lamento imenso o meu comportamento, mas há recordações,

hum, que não são recordações felizes e o senhor, hum, não deveria ter vindo.

— Agora compreendo-o bem, cavalheiro, mas antes não, e Deus é testemunha em como não era com más intenções!

— Sim, sim, disso tenho eu a certeza - respondeu o senhor Dorrit. - Venha de lá essa mão, John.

John apertou-lhe a mão, mas agora sem entusiasmo e, a despeito das amáveis perguntas do senhor Dorrit, mostrou, até ao fim do encontro, um rosto pálido e alterado.

O Sol da manhã seguinte viu a comitiva do senhor Dorrit na estrada de Douvres e o do dia a seguir, em Calais. A partir da altura em que o senhor Dorrit teve o canal da Mancha a interpor-se entre ele e John Chivery começou a sentir-se em segurança e achou o ar estrangeiro mais fácil de se respirar do que o de Inglaterra.

O senhor Dorrit chegou a Roma já o Sol se pusera há muito e ninguém em casa o esperava naquela noite. De forma que, quando a numerosa comitiva se deteve à porta do palácio, só ali se encontrava o porteiro para o receber. Miss Dorrit saíra? Não, estava em casa.

— Bom - disse o senhor Dorrit aos criados, que começavam a aparecer -, ocupem-se da carruagem, eu próprio vou ter com Miss Dorrit, quero-lhe fazer uma surpresa.

Subiu a grande escadaria em passos lentos e em vão a procurou em várias dependências, antes de lóbrigar luz numa pequena antecâmara. Era um recanto guarnecido de tapeçarias e que, a contrastar com os escuros aposentos que precisava de percorrer, parecia delicado e colorido. O senhor Dorrit deteve-se por trás da tapeçaria que servia de porta olhando sem ser visto e sentiu um aperto no coração, ciúmes. Por que seria, então ali, só se encontravam a filha e o irmão dele? Este, na cadeira junto à lareira, aquecia-se ao fogo de lenha; ela, instalada junto duma mesinha, bordava. A cena, se a desenquadrasse do seu âmbito, assemelhar-se-ia às de outrora: ele, o pai, assim passara muitos serões, diante de um fogo de lenha, com a filha sentada ao seu lado. Contudo, da miserável vida de antigamente nada tinha a desejar. Então, por que aquele aperto no coração?

— Sabe, meu tio, acho que está a rejuvenescer. Sim, falando com toda a sinceridade.

O tio Frederick abanou a cabeça e disse:

— Desde quando, minha querida, desde quando?

— Desde há algumas semanas - respondeu a Pequena Dorrit, manejando a agulha - que se mostra tão alegre, tão atual, tão interessado!

— É graças a ti, minha querida! Não sabes. o bem que me fazes. Tens sido tão amável e tão meiga para mim que eu. Sim, sim, nunca o esquecerei, nunca!

Por um instante, ela pousou o trabalho, para o fitar, e aquele olhar impressionou

ainda mais o pai, aquele homem tão fraco, tão cheio de contradições, de hesitações, de inconseqüências.

— Contigo senti-me à vontade, percebes tu? Minha pomba - dizia o velho. - sei que impacientava a Fanny. E não me espanto nem me queixo disso, estou perfeitamente ciente de que deixo todos embaraçados; de forma que tentei isolar-me o mais possível. O meu irmão William - prosseguiu, com admiração - é digno de se dar com os monarcas, mas o teu tio, não, minha querida. Mas eis o teu pai, Amy! Meu caro William, bem-vindo sejas!

Enquanto falava, virara a cabeça e avistara o irmão, à porta. A Pequena Dorrit levantou-se, com uma exclamação de alegria, e correu a abraçar o pai, que tinha um ar um pouco impaciente e mal-humorado.

— Sinto-me feliz por finalmente encontrar-vos - disse -, enfim, por encontrar, hum, alguém para me receber! Obrigado, Amy - continuou, e como ela o ajudasse a tirar o manto; posso fazê-lo sozinho, escusas, hum, de te incomodar. É possível arranjam-me um pedaço de pão e um copo de vinho, caso vos não incomode demasiado?

— Meu querido pai, dentro de instantes a ceia estará pronta.

Durante este breve diálogo, a filha observara-o com mais atenção do que o habitual, como se o achasse mudado ou fatigado. O pai deu-se conta disso e esse facto irritou-o, porque me olhas desse modo? Pensarás tu - disse em tom acusador - que não estou com boa cara?

— Querido pai, estava a pensar que parece um pouco cansado.

— Pois então, enganas-te. Ah, Não me sinto fatigado. Ah, hum, sinto-me bem melhor do que quando parti!

Sentou-se diante da lareira e enquanto se conservava assim, com a filha apertada contra ele, caiu numa pesada sonolência, que nem sequer durou um minuto e da qual despertou em sobressalto.

— Frederick - disse virando-se para o irmão -, aconselho-te a ires-te deitar imediatamente.

— Mas, William, quero ficar aqui contigo, enquanto ceias.

— Frederick - retorquiu ele -, peço-te que te vás deitar. Estás bastante fraco e, hum, há muito que deverias estar na cama!

— Ah, está bem - respondeu o velho, cujo único desejo era agradar- lhe. -Está bem, está bem, vou já.

— Meu caro Frederick - disse ele num surpreendente tom de superioridade -, custame ver-te tão depauperado. Ah Isso preocupa-me. O teu aspecto não é nada bom. Deverias ter cuidado. Boa noite, meu caro irmão.

Depois de ter mandado embora o irmão de uma maneira tão graciosa, foi acometido por uma súbita modorra e teria batido com a cabeça nas achas se a filha o não segurasse.

— O teu tio divaga muito, Amy - disse, voltando a si. — Nunca, hum, se mostrou tão incoerente, hum, e tão atabalhoado a falar. Durante a minha ausência esteve doente?

— Não, pai.

— Não reparaste como ele mudou, Amy? Mostra-se completamente abatido, completamente! Meu pobre irmão, tão afeiçoado e tão envelhecido! Na verdade, hum, cruelmente abatido!

A ceia, servida na mesinha, fez com que deixasse de pensar no assunto. Pela primeira vez de há muito tempo, ela sentou-se ao seu lado, a sós com ele, serviu-lhe a carne, encheu-lhe o copo, como tinha o costume de fazer na prisão. Receava olhar para ele e ofendê-lo de novo mas entretanto percebeu que, por duas ou três vezes, durante a refeição, a observava furtivamente e olhava à sua volta, como se precisasse de se certificar de que não se encontrava no velho quarto da enxovia. Nessas alturas, levava a mão à cabeça, como que à procura do seu velho gorro preto.

A ceia foi muito frugal, mas o velho conservou-se longo tempo à mesa, falando sem cessar da pseudo-arruinada saúde do irmão. Parecia querer assim expulsar do espírito certas recordações, descrevendo, com insistência, as riquezas e a alta sociedade que o haviam extasiado durante a sua permanência em Londres e lembrando a elevada posição que a sua família devia manter. Desejava mostrar à filha como soubera passar sem ela e, ao mesmo tempo, queixar-se dela de uma forma um tanto caprichosa, como se fosse possível ela ignorá-la, estando ele ausente.

Quando ela lhe propôs acompanhá-lo até ao quarto, virou-se, encolerizado, dizendo que não precisava de ajuda.

— Sou o teu pai e não o teu velho e caduco tio! - mas prosseguiu com tanta brusquidão com que replicara - Não me deste um beijo, Amy. Boa noite, minha querida!

Dois dias depois, a senhora Merdle, que se preparava para partir para Inglaterra, dava um grande jantar de despedida, para o qual, naturalmente, convidara o senhor Dorrit e a filha, assim como gente da alta sociedade.

O senhor Dorrit, durante o dia, não saiu dos seus aposentos e Amy arranjara-se já para o jantar quando ele apareceu. Vestira-se com grande elegância, mas parecia engelhado e muito envelhecido. Como se enfasiava quando ela lhe perguntava como se sentia, atreveu-se apenas a beijá-lo na face antes de o acompanhar a casa da senhora Merdle, o coração oprimido pela angústia.

A senhora Merdle recebeu-os com todas as deferências. Estava magnífica, de excelente humor, o jantar era requintado e os convivas dos mais selectos. A Pequena Dorrit, oculta por um enorme par de suíças negras e uma imensa gravata branca, perdeu completamente o pai de vista, até que um criado lhe veio entregar um bilhete, escrito pelo punho da senhora Merdle; esta pedia-lhe que o lesse imediatamente: Venha falar com o senhor Dorrit, receio que não se esteja a sentir bem.

Levantou-se discretamente e foi ter com ele, mas, nessa altura, o pai, que a julgava ainda sentada, debruçou-se por cima da mesa e pôs-se a chamá-la em voz estridente:

— Amy, Amy, minha filha - gritou. Esta atitude fora tão inesperada, a expressão e a voz tão estranhas, que imediatamente se fez um profundo silêncio.

— Amy, minha filha - repetiu ele -, não te importas de ir ver se o Bob está de serviço?

Ela encontrava-se ao seu lado, quase ao alcance da mão, mas ele obstinava-se em julgá-la sentada e chamava, debruçado por cima da mesa.

— Amy! Amy! Estou a sentir-me mal. Ah Não sei bem o que tenho. Quero ver o Bob. Ah! De todos os carcereiros, ele é tão meu amigo como teu. Vai ver se o Bob está no cubículo e pede-lhe que venha cá.

Todos os convidados, consternados, tinham-se levantado.

— Querido pai, não estou ali, estou aqui, ao seu lado.

— Oh! Estás aqui, Amy! Hum, bom ah, Vai chamar o Bob.

Ela tentou puxá-lo com doçura, mas ele resistia:

— Estou a dizer-te, minha filha - repetiu ele com irritação -, que não posso subir aquelas escadas estreitas sem o Bob. Ah! Manda chamar o Bob, o melhor dos carcereiros, hum, manda chamá-lo.

Olhou confusamente em seu redor e, tomando subitamente consciência de todos os rostos que o cercavam, dirigiu-se a eles:

— Senhoras e senhores, é a mim que compete, hum, dar-vos as boas-vindas à Penitenciária. Sendo assim, sede bem-vindos! O espaço aqui. Ah. É um pouco exíguo, os vossos passeios poderiam ser mais longos; mas dentro de algum tempo haverá mais espaço, dentro de algum tempo. E, bem vistas as coisas, o ar, aqui, é bastante bom. Os que conhecem bem a Penitenciária têm a bondade de dizer que eu sou, hum, o seu pai. Os desconhecidos chamam-me o Pai da Penitenciária. É certo que se os anos de, ah, de permanência constituem um direito a esse título tão, hum, honroso, posso efetivamente aceitar tal distinção. Apresento-vos a minha filha, senhoras e senhores. A minha filha, que

nasceu aqui.

Esta não sentia vergonha nem dele nem do que ele dizia. Estava pálida e aterrorizada, mas a sua única preocupação era acalmá-lo e ajudá-lo. Mantinha-se ao seu lado, o rosto virado para ele e suplicava-lhe que fosse com ela.

— Nascida aqui! - repetiu ele, pondo-se a chorar. - Criada aqui, senhoras e senhores, a minha filha. Filha de um pai desgraçado mas que permaneceu, hum, um cavalheiro. Pobre, sem dúvida, mas, hum, sempre orgulhoso. Sempre orgulhoso. Tornou-se habitual que os meus admiradores pessoais - apenas os meus admiradores pessoais - desejem testemunhar a sua vontade de reconhecer a minha posição quase, hum, oficial aqui, cumulando-me, hum, de pequenas ofertas, que vulgarmente têm a forma, hum, de testemunhos pecuniários. Ao aceitar essas humildes homenagens julgo, julgo não estar, hum, a comprometer-me e manter, como direi, a minha, hum, dignidade pessoal. Senhoras e senhores, que Deus os abençoe a todos!

A maior parte dos convidados abandonara a sala e a Pequena Dorrit e o pai ficaram completamente sós. Finalmente, ela conseguiu convencê-lo a sair, obrigou-o a subir para um trem e levou-o para casa. A larga escadaria do seu palácio romano reduzia-se, aos seus olhos enfraquecidos, aos degraus estreitos da prisão de Londres e consentiu que apenas a filha e o irmão lhe tocassem. Ambos o levaram para o quarto e o meteram na cama. E, a partir daquele momento, o seu pobre espírito traumatizado passou somente a conhecer a Penitenciária. Quando ouvia passos na rua, tomava-os pelos dos prisioneiros andando no pátio. Quando chegava a hora de habitualmente se abrirem as portas, sentia-se tão impaciente por ver, o seu amigo Bob, que precisaram de inventar que Bob - que morrera há muito, o bom homem - apanhara uma constipação e não podia sair.

Depressa caiu num estado de abatimento tão profundo, que nem conseguia levantar a mão. Certa vez, perguntou se Tip fora solto, mas parecia ter se esquecido dos dois filhos ausentes. Porém, aquela que tanto fizera por ele e que disso fora tão pouco recompensada esteve sempre presente no seu espírito.

De forma que, durante dez dias, a Pequena Dorrit se inclinou sobre o seu travesseiro, a face encostada à do pai. Por vezes, sentia-se tão esgotada que por uns escassos minutos se deixava adormecer. Depois acordava para contemplar, de olhos marejados de lágrimas, aquele que se encontrava junto dela e para ver uma sombra, mais negra do que a sombra do muro da Penitenciária, espalhar-se pelo rosto amado.

Uma tarde, os reflexos das grades da prisão e o ziguezague de ferro do cimo do muro desapareceram, o rosto emoldurado pelos cabelos grisalhos foi-se gradualmente transformando numa réplica macilenta da Pequena Dorrit e, depois, mergulhou no descanso eterno.

Esta morte pôs o tio quase louco.

— Ó meu irmão! Ó William, William! Tu partes antes de mim! Tu partes e eu fico! Tu tão superior, tão distinto, tão nobre!

— Meu tio, meu querido tio, poupe-se, poupe-me, suplico-lhe

E fazendo um apelo às poucas forças que ainda restavam ao seu pobre coração, cumulou-a de todo o seu afeto, enaltecendo-a e abençoando-a.

Velaram num quarto contíguo até perto da meia-noite, calmos e tristes; depois de ela o ter conduzido ao seu quarto, onde se estirou na cama completamente vestido, separaram-se, esgotados. Então, ela deitou-se na sua cama e mergulhou num sono profundo.

Havia luar, mas a noite já ia avançada quando a Lua surgiu. E quando apareceu no céu tranqüilo, iluminou a câmara mortuária. Dois vultos calmos achavam-se no quarto, dois vultos igualmente imóveis e impassíveis. Um, repousava na cama. O outro, de joelhos, sucumbira sobre o primeiro quando o fora velar. Os dois irmãos encontravam-se agora em presença de Deus Pai, pairando muito acima dos preconceitos crepusculares deste mundo, muito acima das névoas e das sombras.

Daniel Doyce partiu para um país distante, um desses países ditos bárbaros, que necessitava dos serviços de um ou dois engenheiros inventivos e resolutos. Sendo esse país bárbaro, não lhe ocorrera enterrar um grande objetivo nacional num mistério, pelo contrário, para o realizar, procurava os homens a ele adequados e tratava-os com consideração, manifestando assim uma espantosa cegueira política da qual a Inglaterra soubera bem precaver-se.

Arthur, antes da partida do amigo, fez-lhe um relatório completo da situação económica da empresa. Doyce examinou as contas e admirou a maneira engenhosa como haviam sido feitas.

— Esta ordem e esta regularidade, Clennam, são magníficas.

— Sinto-me feliz com a sua aprovação, Doyce. Agora, no que se refere à gestão dos capitais durante a sua ausência.

O sócio interrompeu-o com um gesto:

— Fica inteiramente nas suas mãos!

— O senhor Pancks aconselha-me, justamente, certos depósitos, a respeito dos quais.

— O senhor Pancks? - interrogou Doyce, acenando com a cabeça, em ar de assentimento.

— Sim, sim, é um homem atilado Mas acho que chegou a altura - acrescentou,

consultando o relógio -, a maré não espera por ninguém, tenho que partir, meu caro amigo. Tem a minha absoluta confiança. Até breve!

Os dois homens trocaram um cordial aperto de mão e Doyce subiu para o trem, no meio das aclamações dos seus companheiros de trabalho. O senhor Cavaletto, o pequeno italiano aleijado, também ali se encontrava, porque Clennam lhe arranjara um emprego na empresa. Arthur pediu-lhe que o acompanhasse, a fim de o ajudar a pôr os papéis em ordem. E quando se azafamavam no escritório, o espírito de Clennam foi invadido por aquilo que tanto o preocupava há algumas semanas. Essa estranha e inquietante personagem que encontrara em casa da mãe, naquela misteriosa noite.

— Conhece Blandois? - inquiriu Arthur.

— Não, não - respondeu energeticamente o italiano -, conheço o Rigaud!

Clennam tirou de uma gaveta um anúncio, que desdobrou em cima da secretária; era um anúncio da Polícia, com o retrato de Blandois, dizendo que um cavalheiro estrangeiro desaparecera, uma noite, no bairro da City, em Londres. Entrara na casa de Clennam & Cia. la pelas nove horas e os moradores da casa afirmavam que saíra um pouco antes da meia-noite. Depois, desaparecera sem deixar vestígios. Rogava-se insistentemente a qualquer pessoa que o tivesse visto que participasse imediatamente à Polícia.

Cavaletto debruçou-se sobre o retrato e exclamou:

— Sim, sim, é ele, não há dúvida! Mas, naquela altura, chamava-se Rigaud!

— É muito importante para mim - disse Clennam, profundamente agitado. - Digame, onde o conheceu?

Cavaletto largou o anúncio e respondeu, parecendo contrariado:

— Em Cícília - em Marselha.

— Que fazia ele?

— Era um prisioneiro, e na verdade acho, sim - sussurrou o homenzinho -, que era, que era um assassino.

Clennam recuou, como se tivesse recebido uma pancada. Cavaletto arremessou-se então aos seus pés, suplicando-lhe que o ouvisse:

— Também estive preso, senhor Clennam! Fiz um pouco de contrabando entre a Itália e a França e colocaram-nos na mesma cela. Ele fora acusado de ter assassinado a mulher, mas as provas contra ele não eram suficientes e depois vim a saber que fora liberto. Aqui está o que sei, senhor Clennam! É um assassino e um homem infame - acrescentou levantando-se de um salto.

— Escute - disse Clennam com gravidade. - Esse homem desapareceu.

— Tanto melhor! Graças a Deus!

— Não, não, meu amigo. Preciso absolutamente de saber o que foi feito dele. Cavaletto, você, que o conhece, poderia encarregar-se de o encontrar? Prestar-me-ia o maior de todos os favores e a minha dívida para consigo seria eterna!

— É o meu benfeitor, senhor Clennam, sou eu que estou em dívida para consigo. É com prazer que o farei! Não sei onde procurá-lo, nem por onde começar, mas coragem! Parto imediatamente!

— E sobretudo, Cavaletto, nem uma palavra a quem quer que seja!

— Prometido - exclamou Cavaletto, afastando-se.

Três meses se haviam passado desde que os dois irmãos tinham sido enterrados no mesmo túmulo no cemitério dos estrangeiros, em Roma.

Em Londres, nesse lapso de tempo, continuava a ascensão brilhante do senhor Merdle. Tratava-se, agora, de se tornar nobre e por todo o lado as pessoas se interrogavam se seria feito baronete, par ou lorde. Em determinados círculos, falava-se da sua saúde, que parecia atormentá-lo constantemente sem que ninguém conseguisse detectar qualquer doença.

Aquela noite era a primeira do Verão e a mais longa do ano. O médico do senhor Merdle oferecera um grande jantar. Ao ficar sozinho, depois de se ter despedido dos convidados, instalou-se num pequeno salão para ler. Era quase meia-noite, quando a sua atenção foi bruscamente desviada por um toque na porta. Desceu para abrir: na soleira encontrava-se um homem em mangas de camisa, muito agitado e arquejante.

— Venho dos banhos turcos da tua vizinha, senhor doutor, quer acompanhar-me com urgência? Encontraram este bilhete na mesa.

No papel estava escrito o endereço e o nome do médico, mas, ao reparar na letra, este pegou imediatamente no chapéu e seguiu o homem.

Ao chegarem aos banhos, eram aguardados por todos os empregados do estabelecimento, que andavam num vaivém pelos corredores.

— Que toda a gente se mantenha à distância - disse o médico. - Você, meu amigo, conduza-me depressa!

Enveredaram por um corredor de cabinas; o mensageiro deteve-se junto da última porta e afastou-se, para dar passagem ao médico.

A um canto, achava-se uma banheira, cuja água acabava de ser esvaziada. Estirado nessa banheira, coberto com um lençol, que sobre ele fora apressadamente atirado, achava-se o cadáver de um homem de constituição pesada, traços grosseiros e vulgares. Fora aberta uma das bandeiras da porta, para deixar sair o vapor que enchia o quarto. Ao fundo da banheira, o mármore branco estava manchado de horríveis sulcos vermelhos. E,

no rebordo, encontrava-se um frasco de láudano vazio e um canivete.

— Cortou a veia jugular - declarou o médico, levantando-se. - A morte ocorreu há pelo menos meia hora.

Virou-se para as roupas pousadas no sofá. O seu olhar atento foi atraído por um bilhete dobrado, que emergia de um chapéu. Pegou nele e o observou-o.

— Está dirigido a mim - disse.

Desdobrou-o, leu-o calmamente e depois saiu. Sentiu alívio quando experimentou o ar fresco da noite, enquanto caminhava, e foi até obrigado a sentar-se na soleira de uma porta, porque, a despeito da sua grande experiência, sentia-se prestes a desmaiar.

— Se todas estas centenas - disse para consigo fitando o céu tranqüilo, pontilhado de estrelas todos esses milhares de pessoas arruinadas que ainda dormem pudessem ao menos saber a catástrofe que as espera, que grito medonho haveria de subir ao céu contra uma alma miserável!

No dia seguinte, a notícia da morte do senhor Merdle espalhou-se rapidamente e os mais variados rumores propagaram-se pela cidade, mas só ao meio-dia foi revelado que se tratava de suicídio. E, à medida que o dia chegava ao fim, os murmúrios tornavam-se cada vez mais ameaçadores. Dizia-se que deixara, no estabelecimento de banhos, uma carta dirigida ao médico, cujo conteúdo seria revelado no dia seguinte à sindicância e que seria como um trovão desabando sobre os milhares de pessoas que havia enganado. Inúmeros seriam os homens de todas as profissões e de todos os ofícios que iriam ser atingidos pela sua falência!

Ir-se-ia em breve saber que a doença do falecido senhor Merdle dissimulava, muito simplesmente, o roubo, a escroqueria e a falsificação.

Capítulo X - DE NOVO A PENITENCIÁRIA

Anunciado por passos rápidos e por uma respiração ruidosa, o senhor Pancks surgiu no escritório de Arthur Clennam. A investigação terminara, a carta fora levada ao conhecimento público. O banco fora à falência e, em seu redor, só se via ruína e devastação.

No meio dos papéis em desordem e das cartas por abrir, Arthur mantinha-se imóvel. a cabeça apoiada nos braços cruzados, prostrado e desesperado. Pancks, ao vê-lo, foi invadido pelo desânimo e apoiou, por seu turno, a cabeça nos braços.

— Fui eu quem o convenceu a fazer esse depósito, senhor Clennam, bem o sei. Diga-me tudo o que quiser. O que me disser não poderá ser pior do que aquilo que digo a mim próprio!

— Oh Pancks! pancks! Não fale assim! E eu que arruinei o meu sócio! Arruinei o Doyce! O honesto, o infatigável velho, que toda a vida trabalhou para sobreviver!

Era tão angustioso o espetáculo da sua desolação que Pancks, num gesto de desespero, começou a arrancar os cabelos.

— Censure-me - gritou Pancks -, chame-me doido, miserável, injurie-me, insulte-me, far-me-a bem!

— E dizer que ontem - replicou Clennam -, ontem, apenas, tinha a firme intenção de vender, de converter em valor monetário e de resolver o assunto!

— Senhor Clennam, investiu. investiu tudo - perguntou Pancks, hesitando penosamente.

— Tudo.

O senhor Pancks pôs-se a puxar os cabelos espetados com uma tal força, que arrancou algumas madeixas e meteu-as raivosamente no bolso.

— Tenho que tomar imediatamente uma resolução - disse Clennam, enxugando algumas lágrimas silenciosas -, tenho que reparar o meu crime o mais rapidamente possível, mesmo que deva passar o resto dos meus dias na prisão.

Nos dias seguintes, a despeito dos protestos do seu advogado, chocado com uma atitude tão incomum no mundo dos negócios, enviou a todos os credores uma carta, na qual declarava ser ele o único responsável pela falência e em que ilibava o seu sócio, o senhor Doyce. Passava para este a sua parte na casa e só guardava para ele as suas roupas, os seus livros e o dinheiro que lhe restava no bolso.

No dia a seguir ao da publicação da carta encontrou, à entrada do Beco, a senhora Plornish e o advogado.

— Senhor Clennam, não vá - suplicou a mulher do estucador. - Os oficiais de

diligências aguardam-no à porta!

— Devo sofrer as conseqüências dos meus atos - respondeu ele. - Quanto mais depressa, melhor.

— Ao menos espere um pouco! - interveio o advogado. - Se o prenderem hoje, enviá-lo-ão para a Penitenciária, que é demasiado exígua e limitada.

— Preferia - respondeu Clennam - ser encarcerado na Penitenciária do que em qualquer outra prisão.

O advogado levou as mãos ao céu:

— Incrível! Mas gostos não se discutem. Vamos, então.

Ao longo do Beco dos Corações-que-Sangram olhavam-no com renovada simpatia: Clennam tornara-se um dos seus, a partir de então adquirira, entre eles, direito de cidadania. Depararam-se-lhe os oficiais de diligências à porta e subiu para o trem que o deveria conduzir até ao portão gradeado que lhe era tão familiar.

O senhor Chivery estava de serviço no cubículo e também lá se encontrava o pequeno John. Arregalaram os olhos ao verem Clennam:

— Nunca me senti tão desgostoso por o ver - disse o Chivery pai, apertando-lhe a mão.

Arthur sentou-se a um canto, aguardando que fossem concluídas as formalidades. De repente, sentiu uma mão pousar-lhe no ombro: era o pequeno John, que lhe fazia sinal para o seguir.

— Venha, senhor Clennam, arranjei um quarto para si.

E conduziu-o então pela velha entrada, tão bem conhecida, subiu os degraus altos e penetrou na antiga alcova do senhor Dorrit.

— Aqui está, senhor Clennam - disse. Arthur, completamente alterado, estendeu-lhe a mão, sem dizer palavra.

— Não sei se lhe posso apertar a mão - disse John. - Não, acho que não posso. Mas julguei que iria preferir este quarto. Agora deixo-o.

A surpresa que Arthur sentiu perante esta singular atitude fez com que, ao ficar a sós, a emoção que lhe despertava a recordação daquela que encontrara ali com tanta freqüência o invadisse. E, de súbito, a ausência dela deixou-o tão desolado que se virou contra a parede, para chorar, balbuciando:

— Oh, Minha Pequena Dorrit!

Durante a tarde inteira permaneceu mergulhado num sombrio torpor, lembrando as anteriores etapas da sua vida. Espantou-se ao verificar que a imagem da Pequena Dorrit lhe vinha com tanta persistência ao espírito e avaliou a importância que tivera para ele a

influência que ela exercera nas suas melhores resoluções. Parecia-lhe que estava agora a pagar por se ter afastado dela e permitido que algo se interpusesse entre ela e a recordação das suas virtudes.

A porta abriu-se e apareceu a cabeça do senhor Chivery pai.

— Vou sair, senhor Clennam. Posso fazer alguma coisa por si?

— Não, muito obrigado.

— Desculpe-me por ter aberto a porta, mas o senhor não me ouviu. Bati umas cinco ou seis vezes e o senhor não respondeu.

Saindo do seu torpor, Arthur, pela janela, apercebeu-se de que o pátio já fora invadido pelas trevas e que devia ser tarde.

— Chegou o seu processo. Mas queria-lhe dizer outra coisa, senhor Clennam. Não ligue ao meu filho, peço-lhe, se ele parecer um pouco difícil. O meu filho é um rapaz de coração, senhor Clennam, e muito atilado, eu e a minha mulher podemos garanti-lo.

Pronunciadas estas misteriosas palavras, o senhor Chivery retirou-se. Não tinham decorrido dez minutos quando, por seu turno, John Chivery assomou à porta:

— Aqui está a sua mala de mão e o seu baú - disse pousando-os no chão com grande cuidado.

— Agradeço-lhe infinitamente essas atenções. Está agora disposto a apertar-me a mão, espero eu.

John recuou, a mão fechada, com uma expressão severa pintada no rosto e, contudo, tinha os olhos marejados, provavelmente de lágrimas de piedade.

— Porque está zangado comigo - perguntou Clennam. - E, ao mesmo tempo, porque me faz estes favores? Deve haver algum mal-entendido entre nós.

— Não é um mal-entendido, cavalheiro, de modo nenhum. E se o regulamento o permitisse, se eu fosse mais forte e se o senhor não estivesse nessa infeliz situação, poderíamos resolver o assunto com uma luta!

Arthur olhou-o, estupefacto, depois, soltando um profundo suspiro, voltou a sentar-se na velha e coçada poltrona.

— Trata-se de um mal-entendido - disse em tom cansado -, esqueçamos o assunto.

Ao cabo de um instante, John replicou com mais suavidade:

— Desculpe-me, cavalheiro. Sabe que alguns destes móveis me pertencem? Ora bem, se quiser, empresto-lhos. Pertenciam a um cavalheiro: um grande homem, que viveu aqui e que já morreu. Decerto ignorava que o fui ver, quando se encontrava em Londres: foi suficientemente bondoso para me mandar sentar e pedir notícias da minha família. Mas achei-o muito mudado. Perguntei-lhe como estava a Miss Amy.

— Como está ela?

— Pensava que o sabia sem precisar de inquirir a alguém como eu. Mas ele considerou a pergunta como um atrevimento da minha parte - respondeu John, engolindo em seco. - Compreendi então que fora indiscreto em visitá-lo.

O silêncio pairou de novo e novamente John o quebrou:

— Desculpe-me, cavalheiro, mas por quanto tempo mais tenciona estar sem comer nem beber?

— Neste momento não tenho vontade nenhuma.

— Precisa de se alimentar, cavalheiro. Vou fazer chá. Quer que lhe traga uma chávena ou prefere bebê-lo no meu quarto?

Arthur levantou-se e seguiu-o até ao quarto dele, que outro não era do que o antigo quarto da Pequena Dorrit, restaurado, mas assemelhando-se à recordação que Arthur guardava dele.

John olhou-o fixamente, mordendo os dedos.

— Vejo que se lembra deste quarto, não é verdade, senhor Clennam?

— Se me recordo dele? Deus abençoe aquela que cá viveu!

O jovem Chivery precipitou-se para fora da dependência, a fim de ir buscar água.

O quarto falava a Arthur numa voz tão eloqüente e tão triste! Pousou a mão na parede insensível, dizendo muito baixinho: Pequena Dorrit! Olhou pela janela que se situava por cima do muro eriçado de pontas e, pensando no país onde ela vivia, rica e feliz, abençoou-a, através da bruma estival.

John depressa voltou, trazendo comida, e serviu o chá, mas Clennam foi absolutamente incapaz de engolir o que quer que fosse, além de um pouco de chá. John examinou-o por uns instantes e depois disse finalmente, apertando com nervosismo um bolinho entre os dedos:

— Se não quer cuidar da sua saúde, ao menos faça-o por outra pessoa.

— Para falar verdade, não sei por quem - respondeu Arthur, suspirando.

— Senhor - retorquiu John, exaltando-se -, espanta-me que um cavalheiro tão franco como o senhor se rebaixe a dar uma tal resposta! Reprimi as minhas emoções, sabendo que tinha que o fazer e não pensar mais nelas. Quando o vi chegar esta manhã, desencadeou-se dentro de mim um turbilhão de sentimentos, mas finalmente consegui vencê-los. E agora, que me sentia tão desejoso de lhe mostrar que dentro de mim apenas existe um pensamento quase sagrado e que paira acima de tudo, o senhor repele-me com a resposta que deu à minha alusão tão delicada!

Arthur, boquiaberto, olhou-o, aturdido, e perguntou apenas:

— Que se passa John, o que quer dizer?

— Não me atrevo a pensar que haja ainda qualquer esperança, depois das palavras que foram trocadas, mesmo se não se levantasse entre nós barreiras intransponíveis. Mas não é razão para crer que não tenho nem memória, nem pensamento, nem recordação sagrada!

Por incompreensível que fosse este discurso, a sua inflexão era tão sincera, punha tão claramente a descoberto uma profunda ferida, que Arthur prestou atenção.

— Será possível - perguntou, depois de ter refletido bem - que esteja a fazer qualquer alusão a Miss Dorrit?

— É absolutamente possível, cavalheiro! Certamente que conhece a minha paixão pela miss Dorrit, um amor que raia o sacrifício!

— Não, eu...

— Então, quando eu digo para cuidar da sua saúde por outra pessoa, porque não é franco comigo? Julga o senhor que tudo o que fiz esta manhã foi por sua causa? Ora bem, não foi. Então, porque não fala com sinceridade?

— Afirmo-lhe que não estou a compreender. Olhe para mim. Considere a situação em que me encontro. Iria ainda acrescentar às minhas faltas a de ser ingrato ou traidor para consigo? Asseguro-lhe que não estou a compreender!

A incredulidade que se lia no rosto de John foi-se gradualmente transformando em dúvida.

— Senhor Clennam - disse olhando-o atentamente -, quer o senhor dizer que não sabe?

— Mas não sei o quê, John?

— Jesus, ele pergunta o quê! Senhor Clennam está a ver aquela janela E aquele muro E aquele pátio? Dia após dia, noite após noite, semana após semana, mês após mês, tudo aquilo foi testemunha!

— Mas testemunha de quê - perguntou Clennam.

— Do amor de Miss Dorrit!

— Por quem?

— Por si - replicou John, voltando a sentar-se, muito pálido, na poltrona.

Arthur ficou imóvel, como se tivesse recebido uma pancada na cabeça, o olhar fixo em John, os lábios entreabertos, incapaz de articular palavra.

— Eu - exclamou, finalmente, em voz alta.

— Ah! - gemeu o pequeno John. - Sim, o senhor.

Arthur, ao responder, tentou sorrir:

— É imaginação sua! Está completamente enganado!

— Eu, senhor Clennam, enganar-me numa coisa que me fez sofrer tanto e que ainda agora me obriga a puxar do lenço? Ah, Não diga Isso, não diga isso!

E puxou do lenço para enxugar os olhos dando um pequeno soluço. Clennam, incapaz de prosseguir a conversa, pediu a John licença para se retirar e arrastou-se, rente à escuridão da parede, até ao seu quarto. Sentou-se na poltrona, apertando a cabeça entre as mãos, como se sentisse depauperado. A Pequena Dorrit amava-o! Isso transtornava-o mais do que todas as suas desgraças, muito mais!

O facto parecia-lhe completamente impossível. Chamara-a sempre de sua filha, de sua querida filha, insistindo na diferença de idades e falando de si próprio como de um homem idoso. Mas quem sabe se ela o não teria achado demasiado velho? Lembrou-se de que ele próprio não havia pensado nisso até ver as rosas deslizando ao sabor das águas do rio.

Tirou, dos seus papéis, as cartas que ela lhe escrevera e voltou a lê-las. Pareceu captar nelas o som da sua voz meiga, cheia de inflexões de ternura, de que anteriormente nunca se apercebera. E, depois, o calmo desespero de uma resposta Não, não, não! Que lhe dera uma noite, veio-lhe à memória. Absolutamente impossível. E, contudo, essa improbabilidade tornava-se cada vez menos convincente e certa pergunta perpassava-lhe cada vez mais insistentemente o coração: não teria ele, alguma vez, murmurado em segredo que não devia esperar que ela o amasse? Que não devia tirar partido da sua gratidão que era um velho para quem o tempo do amor já passara?

Felizmente, mesmo se tivesse sido esse o caso, agora tudo acabara e era melhor assim. Se ela o amasse verdadeiramente, se ele se tivesse apercebido e se fosse também permitido amá-la, que vida lhe iria proporcionar! Uma vida que culminaria naquele antro miserável! Consolou-se, pensando que ela estava para sempre livre: decerto se casaria em breve. O portão de ferro da Penitenciária, para ela, fechara-se para sempre sobre uma época que findara.

A noite foi surpreendê-lo imerso nestas cogitações. Horas e horas a Pequena Dorrit, a Pequena Dorrit, sempre a Pequena Dorrit! Era sempre a sua inocente e pequenina silhueta que lobrigava no horizonte do seu espírito. Era o fulcro de interesse da sua vida, a concretização de tudo o que ele conhecera de bom e de agradável; para além dela, só havia trevas e desolação.

Querida Pequena Dorrit!

O cárcere começou a deixar as suas marcas em Arthur Clennam. Sentia-se ocioso e deprimido. Conhecendo a influência que o cativoiro podia exercer no seu temperamento,

tinha medo de si próprio e escondia-se no quarto, sem se atrever a sair de lá, confinado à escuridão das paredes estreitas. Encontrava-se ali há cerca de dez ou doze semanas, quando um dia bateram à porta e lhe anunciaram que um homem de aspecto militar pedia para ser recebido por ele. Arthur, mergulhado nas suas sombrias preocupações, esquecera-se já que lhe haviam anunciado uma visita, quando passos pesados ressoaram pelas escadas. Passadas largas cujo som não era rápido nem alegre, mas que antes pareciam arrogantes. Quando se detiveram no patamar, Arthur disse para consigo que já os ouvira algures, não conseguindo lembrar-se onde fora. Não teve tempo para refletir nisso, porque um soco na porta escancarou-a: na soleira, encontrava-se Blandois, o desaparecido, causa de tantas preocupações.

— Salve, camarada candidato à força! - exclamou ele. - Ao que parece, queria verme. Pois então, aqui me tem!

Antes que Arthur, indignado, conseguisse recuperar o seu próprio domínio, entrou Cavaletto, seguido do senhor Pancks, que se tornara um grande amigo do italiano.

Blandois instalou-se na cama, sem tirar o chapéu, e permaneceu ali estirado, de mãos nas algibeiras, com um olhar de desafio.

— Aqui está ele, signore! - disse Cavaletto.

— Levei muito tempo a encontrá-lo, mas, com a ajuda do Signore Panco (assim apelidado, Pancks assumia um ar completamente novo!), consegui descobri-lo.

— Grande bandido! - exclamou Arthur. - porque andou a espalhar suspeitas tão terríveis sobre a casa de minha mãe?

— Escutem este nobre cavaleiro! Escutem este modelo de virtude! Mas tenha cuidado, tenha cuidado: pode acontecer que o seu ardor o deixe algum tempo comprometido. Sim, com mil diabos!

Clennam virou-se para o tratante: o nariz e os bigodes uniam-se, num esgar diabólico, troçava, fazendo estalar os dedos, e prosseguiu:

— E agora, filósofo, que me quer? O meu desaparecimento meteu-lhe medo e suspeitou que a senhora sua mãe.

— Quero saber - interrompeu Arthur, não dissimulando a repugnância que sentia - por que razão se atreveu a lançar uma suspeita de assassínio sobre a casa de minha mãe. Quero que essa suspeita se esclareça. Pretendo saber que foi lá fazer quando eu senti ímpetos de o atirar pelas escadas abaixo. Não me olhe assim, conheço-o o suficiente para saber que não passa de um gabarola e de um covarde!

Muito pálido, Blandois cofiou o bigode, dizendo entredentes:

— Com os demónios, meu filhinho, você compromete um pouco a respeitável senhora sua mãe!

Sentou-se e disse, com uma ameaça fanfarrona na voz:

— Vinho! Tragam-me vinho do Porto, vamos falar de negócios! A sua saúde, senhor prisioneiro! A sua atual situação pouco bem lhe faz, está tão macilento e envelhecido! Quer então saber porque entrei na farçazinha que você veio interromper? Pois fique sabendo que tinha, e que tenho sempre, está a compreender, um interessante produto para vender à respeitável senhora sua mãe. Descrevi-lhe o meu precioso artigo e disse o meu preço. Relativamente à transação, a respeitável senhora sua mãe mostrou-se excessivamente calma, excessivamente imperturbável. Enfim, a sua admirável mãe enfadou-me. Então, para me divertir um pouco, ocorreu-me a idéia de desaparecer. Idéia que, percebe o senhor, a sua mãe e o meu amigo Flintwitch de bom grado teriam concretizado pelas suas próprias mãos. Ai, ai, ai! Não me olhe assim. Repito-lhe. Teriam ficado encantados e deliciados.

Voltou a encher o copo e continuou, com a mesma arrogância:

— Aquela idéia de desaparecer foi-me providencial: aborreceu a sua querida mamã, inquietou-o a si e mostrou que eu era um homem com quem não se brinca. Além disso, deu que pensar à senhora sua mãe, que imediatamente mandou publicar um pequeno anúncio nos jornais, dizendo que as dificuldades de certo acordo seriam resolvidas se determinado indivíduo quisesse ter a bondade de voltar a aparecer. E o senhor veio interromper tudo isto! O meu amigo filósofo, virtuoso, imbecil escolha! - porventura não teria feito melhor em me deixar em paz?

E olhou, por cima do copo, para Arthur, com um sorriso sinistro.

— Não - respondeu Clennam, desesperado por se ver de mãos e pés atados. - Estas duas testemunhas conduzi-lo-ão perante a justiça!

— Perante a justiça? - deu uma gargalhada.

— Diabos levem os juízes! Lembre-se de que tenho uma coisa para vender à sua mamã! Você, ó contrabandista, arranje-me uma pena, tinta e papel.

Pôs-se então a escrever, lendo à medida que o fazia:

À Senhora Clenan, da penitenciária e do quarto do seu filho

Cara Senhora,

Senti-me comovido por saber, pelo prisioneiro, que a senhora receava pela minha vida. Tranquelize-se, minha cara. Por agora, continuo vivo e bem de saúde. Como não tenho a certeza se está preparada para responder à pequena proposta que lhe fiz, refrearei a grande impaciência que sinto de voltar a ver a senhora. Voltarei dentro de oito dias. Poderá então aceitar ou rejeitar a minha proposta, com todas as conseqüências que isso implicará.

Enquanto aguardo, espero não ser demasiado exigente ao pedir-lhe que pague as minhas despesas do hotel.

Com elevada estima e consideração,

RIGAUD BLANDOIS

Tendo acabado a sua missiva, atirou-a, com bazófia, aos pés de Arthur, partindo Panks imediatamente, para a levar a casa da senhora Clennam.

A espera foi longa e penosa para Arthur, que era obrigado a suportar as insolências e os ultrajes daquele indivíduo. Finalmente, ouviram-se de novo os passos de Panks nas escadas, seguidos de outros. Quando Cavaletto abriu a porta, o homenzinho entrou, precedendo Flintwitch. Blandois agarrou-o pelos ombros e abraçou-o com espalhafato.

— Como vai, Arthur - perguntou o velho, libertando-se secamente daquele amplexo. - Ora bem, teria feito melhor se nos houvesse deixado, à sua mãe e a mim, ocupar-nos dos nossos negócios sem a sua intromissão. Não se deve acordar o gato que dorme.

Olhou em seu redor, com ar de censura:

— Então é esta a prisão para dívidas? Escolheu uma porcaria de mercado para vender os seus leitões, Arthur!

Blandois, menos paciente do que Arthur, sacudiu o velho pelo casaco, gritando, com uma vivacidade feroz:

— Diabos levem os seus leitões e o seu mercado! Dê-me a resposta!

— Um momento - replicou friamente Flintwitch. - Arthur, antes de tudo, aqui está o bilhete para si.

Era um bilhete da mãe, que este leu duas vezes antes de o rasgar em pedacinhos:

Caro Arthur,

Peço-lhe que deixe o meu sócio encarregar-se dos meus negócios.

Sua mãe

Blandois riu às gargalhadas:

— Ah Ah! Sendo assim, saio vencedor! É do meu temperamento triunfar! Meus filhinhos, meus bebês, meus bonequinhos, têm todos medo de mim! E, agora, vou ter cama e comida às vossas custas. Procuremos hotel. Ah, ah, ah!

Capítulo XI – ESCLARECEM-SE OS MISTÉRIOS

Nos dias que se seguiram, o estado de Arthur agravou-se bastante. Foi acometido por uma violenta crise de desgosto e de terror pelo seu cativo. A sua repulsa era tão intensa, que mal conseguia respirar e julgava que asfixiava. Assim permaneceu durante dois dias e uma noite, caminhando de um lado para o outro, completamente insone. Finalmente, a calma voltou, uma calma lúgubre, e, então, a febre apossou-se sorrrateiramente dele.

O sexto dia da semana estipulada por Blandois foi um dia quente e húmido. Clennam, de cabeça dorida e o coração depauperado, esperara que a noite findasse, escutando a chuva a tamborilar nas lajes do pátio. A prisão começava a despertar a pouco e pouco e conseguiu, depois de se arranjar, afundar-se na poltrona, numa espécie de sonolência que o delírio vinha interromper. Em determinada altura, perseguiu-o tenazmente a impressão de se encontrar num jardim florido, onde o vento espalhava aromas deliciosos. virou a cabeça e avistou sobre a mesa, um magnífico açafate de flores. Quem as poderia ter mandado? O quarto estava vazio e ignorava que horas deveriam ser. Pegou nas flores com as mãos descarnadas e levou-as ao rosto escaldante, para lhes aspirar o perfume salutar. Depois voltou a mergulhar na sonolência. De repente pareceu que, ligeiramente empurrada, a porta do quarto se abria e, um instante depois, surgia um pequeno vulto, envolto numa capa negra. Pareceu-lhe que a capa se desfazia e tombava no chão e nessa altura julgou estar a ver a Pequena Dorrit, envergando o seu velho e coçado vestido. Julgou vê-la tremer, unir as mãos, sorrir e desfazer-se em lágrimas.

Despertou e deu um grito. A Pequena Dorrit encontrava-se ajoelhada aos seus pés, de olhos marejados de lágrimas:

— Oh, meu melhor amigo! Querido senhor Clennam, espero que não vá chorar! A não ser de júbilo por me ver. Aqui estou eu de novo!

Como ele a abraçava, afirmou-lhe:

— Não me disseram que estava doente!

— Será possível que esteja aqui E com esse vestido?

— Pensei que o preferiria a outro qualquer! Só ontem cheguei a Londres com o meu irmão e imediatamente procurei saber notícias suas. Não pensou em mim na passada noite? Pois eu pensei em si com tanta inquietação!

— Desde que me aqui encontro, Pequena Dorrit, penso em si todos os dias, a cada hora, a cada minuto!

— É verdade! É verdade!

E ao ver-lhe o rosto radioso, que corava de alegria, sentiu-se envergonhado, ele, o

prisioneiro, o falido doente e desonrado.

Ela tirou o seu velho chapéu e começou sem ruído, ajudada por Maggie, que trouxera consigo, a tornar o quarto tão fresco e tão limpo quanto possível. Mandou buscar fruta, bebidas frescas, frango assado, que dispôs sobre a mesa. Em seguida, tirou uma bolsa de costura e pôs-se a fazer um cortinado para a janela. E, então, a calma do quarto pareceu espalhar-se pela prisão inteira, Clennam sentado tranquilamente na poltrona e a Pequena Dorrit trabalhando ao lado dele. Vê-la ali sentada, modestamente inclinada sobre a costura, cumulando-o de todos os tesouros da sua inesgotável bondade, dava-lhe forças à alma e fazia aumentar o seu amor por ela. Porque amava-a agora, amava-a mais do que as palavras o poderiam exprimir!

A escuridão envolveu-os, mas a Pequena Dorrit só se mexeu para se ocupar do preso, para lhe dar de beber ou endireitar-lhe o travesseiro. Quando terminou o trabalho, hesitou alguns instantes, depois pegou na mão de Clennam, dizendo:

— Querido senhor Clennam, tenho que lhe dizer uma coisa antes de me ir embora. Tenho adiado de hora para hora, mas é forçoso dizer-lhe.

— Também eu, querida Pequena Dorrit, tenho uma coisa para lhe dizer.

Ela ergueu a mão trémula.

— Não voltarei para o estrangeiro. O meu irmão regressou a Londres para regularizar o testamento do meu pai. Ficarei rica, mas não preciso de dinheiro. Aos meus olhos, o dinheiro nada vale se não nos puder ser útil. Mas deixa-me emprestar-lhe todo aquele que possui? Suplico-lhe, permita-me que lho dê! Deixe-me mostrar-lhe que não esqueci o quanto me ajudou quando esta prisão constituía o meu lar! Querido senhor Clennam, faça de mim a mulher mais feliz do Mundo dizendo que aceita; choro sem querer. Suplico-lhe, não vire as costas à sua Pequena Dorrit na sua desgraça!

Escondeu o rosto entre as mãos. Ele passou-lhe o braço pela cintura, para a endireitar:

— Não, Pequena Dorrit querida. Não, minha filha. Não quero ouvir falar de semelhante sacrifício. Jamais poderia suportar uma liberdade alcançada à custa de tão elevado preço.

— E, na sua desgraça, não me vai permitir que lhe seja fiel?

— Diga antes, Pequena Dorrit muito querida, que sou eu que lhe devo ser fiel. Se agora compreendo melhor e li mais claro no meu coração, se lhe tivesse dito que a amava, oh. Se o tivesse feito, se nessa altura o tivesse feito Talvez me fosse agora permitido aceitar a sua oferta. Mas na situação atual, é-me impossível dizer que sim.

Ela suplicou-lhe com a sua mãozinha.

— Já me sinto suficientemente desonrado, minha Pequena Dorrit, não quero atolar-me tanto e arrastá-la, a si, tão querida, tão generosa, tão boa, na minha queda. Deus a abençoe. Não falemos mais no assunto.

Abraçou-a como se fosse sua filha.

— Sinto-me muito mais velho, muito mais derrotado e muito mais indigno do que antigamente. temos que esquecer o que eu fui e ver apenas ao que agora estou reduzido. Adeus, minha filha.

Não tenho coragem para lhe pedir que me esqueça, mas compreenda que já passou a época em que tinha algo em comum com esta prisão.

— Oh! Não me diga - exclamou ela, desfazendo-se em soluços - que não posso voltar! Não me abandone assim!

Ressoou a sineta, anunciando que as portas se iam fechar. Arthur agarrou na capa negra e cobriu ternamente os ombros da Pequena Dorrit.

— Dir-lho-ia se tivesse coragem! Mas não seria capaz de banir para sempre esse querido rosto e abandonar toda a esperança de o rever. Somente não venha com muita frequência. A prisão é um lugar impuro.

Acompanhou-a até à porta, porque a sineta estava prestes a calar-se e o portão fechou-se pesadamente atrás dela, com um ranger pungente. O último dia da semana concedida por Rigaud Blandois passou pelos muros da penitenciária, pelos telhados e campanários da City londrina. Durante o dia inteiro, nenhuma visita veio perturbar a velha casa Clennam. Mas no momento em que o Sol se punha, um homem atravessou o alpendre e dirigiu-se para a casa arruinada. Era Blandois, que comparecia ao encontro.

Ao seu toque imperativo, Flintwitch veio abrir e conduziu-o diretamente ao quarto da senhora Clennam: esta, como de costume, encontrava-se impassivelmente sentada no seu sofá preto, enquanto Affery passejava a um canto, a cabeça inclinada sobre a agulha.

Blandois, com a sua insolência habitual, afundou-se pesadamente numa poltrona.

— Então, minha senhora, tudo em ordem? A senhora Clennam e Jeremy entreolharam-se e também para Affery, sobre quem Jeremy descrevia uma espiral em direção ao banquinho em que a velha estava sentada.

— Vamos - disse, esfregando as mãos -, comecemos sem mais delongas: Affery, mulher, temos assuntos a tratar, de modo que põe-te a mexer.

De súbito, porém, para estupefação de todos,

Affery arrojou a costura ao chão, precipitou-se para a janela aberta e inclinou-se para o vão, gritando:

— Não, não me irei embora, Jeremy, não. Ficarei aqui! Quero ouvir tudo o que não

sei e dizer tudo o que sei, Mesmo que tenha de morrer! Quero, quero e quero!

Jeremy, após alguns minutos de estupefação, aproximou-se dela com ar ameaçador:

— Pára, Jeremy - gritou Affery. - Mais um passo e acordo os vizinhos e atiro-me pela janela! Gritarei fogo! Assassino! Despertarei os mortos! Fica onde estás, senão eu grito!

A voz autoritária da senhora Clennam interveio:

— Pare, Jeremy! Deixe-a sossegada. Affery, depois destes anos todos, viras-te contra mim?

— Se é virar-me contra a senhora tentar saber a verdade, então, sim, viro-me contra si! Quero defender o Arthur, que perdeu tudo, que está doente e na prisão e que não se pode defender. E fá-lo-ei! fá-lo-ei, fá-lo-ei!

— E como sabes tu, minha pobre cabeça de vento, que fazendo isso estás realmente a beneficiar o Arthur?

— Cabeça de vento Mas foram vocês dois, seus malandros, que me puseram neste estado! Foste tu que me obrigaste a suportar uma vida de terror e de pesadelos. E estou farta, estou farta, estou farta!

A senhora Clennam olhou-a por uns instantes e finalmente disse:

— Se o senhor Blandois não tiver nenhuma objeção, podes ficar.

— Eu, minha senhora? De modo nenhum! O assunto é consigo!

Levantou-se e foi-se sentar sobre a mesa, balouçando as pernas e olhando sem cerimónia para a senhora Clennam, o bigode eriçado sob o nariz:

— Minha senhora, sou um cavalheiro.

— De quem me disseram ter sido preso por assassínio!

Ele enviou-lhe um beijo irreverente.

— Perfeitamente. Exato. E, ainda por cima, de uma dama! Que absurdo! Mas desenvencilhei-me com êxito: espero ter a honra de hoje sair desta com o mesmo sucesso! Ora eu sou um cavalheiro que quando diz: Quero concluir imediatamente um negócio, o conclui definitivamente. Percebe o que eu quero dizer, minha senhora?

— Sim - respondeu ela, com os olhos duros fixos nele.

— Disse-lhe que chegáramos, agora, ao último encontro. permita-me que lhe recorde os dois anteriores.

— Não é necessário.

— Com os demónios - explodiu ele. - E se isso me agradar? Além disso, fazendo-o, esclarecerei melhor as coisas. Sendo assim, o primeiro encontro foi imparcial: tive a honra de a conhecer, aproveitei-me para observar duas ou três coisinhas desta casa, a fim de

me certificar de que a senhora era efetivamente a dama que eu procurava. Após o que prometi ao Jeremy voltar e, delicadamente, retirei-me.

A senhora Clennam mantinha-se impassível, de olhar sombrio.

— E um dia regresso sem me fazer anunciar. Nessa altura, informo-a de que tenho algo para lhe vender que poderia, caso a não comprasse, comprometê-la, minha senhora, a si, por quem sinto uma profunda estima. E, sem fornecer mais detalhes, pedi mil libras, acho eu. Foi isso, minha senhora?

Obrigada a responder, ela retorquiu, contrariada:

— Sim, o senhor exigiu essa quantia.

— Ora bem, agora, exijo-lhe duas mil! Eis o que acontece a quem deixa protelar os negócios. Mas voltemos a essa segunda entrevista. Não chegámos a um acordo. Eu, que tenho um temperamento jovial, desapareci, à laia de partidinha, como se me tivessem assassinado! Decerto a senhora teria oferecido metade da soma para me encontrar e desse modo dissipar as suspeitas que começavam a nascer. Infelizmente, o seu querido filho estragou a minha brincadeira. Como consequência, minha senhora vim aqui pela última vez. Ouve bem? Pê-la última vez! E, antes de tudo, precisamos de liquidar a minha conta do hotel. Vamos! O dinheiro!

— Veja a conta e pague-a, Flintwitch - ordenou a senhora Clennam.

Jeremy apanhou a conta que Blandois lhe atirara à cara, examinou, com olhar turvo, o montante, tirou do bolso um pequeno saco de pano e depôs a quantia na mão do outro. Blandois fez tilintar moedas, atirou-as ao ar, apanhou-as de novo e proferiu:

— Esta música, para o arrojado Rigaud Blandois, é como o gosto da carne crua para o tigre. Então, minha senhora, qual é a sua resposta?

— Já lhe disse, cavalheiro, não somos assim tão ricos como o senhor imagina e as suas exigências são desmedidas. Neste momento, não estou em condições de satisfazer o seu pedido, mesmo que o desejasse.

— Desejasse? Mas diga-me, minha senhora, se o deseja, que eu saberei o que fazer! Diga-o! Rápido!

Ela respondeu, no mesmo tom imparcial:

— Parece que está de posse de um papel que eu desejo ardentemente recuperar. Para mim, pode valer uma certa quantia em dinheiro, mas não poderei dizer quanto. Somos pobres e não quero arruinar-me por um papel cujo conteúdo desconheço. Fale com mais clareza, caso contrário pode ir para onde lhe aprouver.

Ele fixou-a demoradamente com um sorriso diabólico.

— A senhora é uma mulher corajosa! Pois então, vou-lhe contar, minha senhora,

um certo episódio da história da família. A história de um estranho casamento, de uma estranha mãe, de uma vingança e de uma supressão. Hum, hum, isso diz-lhe alguma coisa? Quando viajamos, compreende a senhora, conhecemos imensa gente interessante que com freqüência nos conta histórias muito bonitas. Quer que intitule a minha narrativa de A história desta casa? As personagens serão o tio e o seu sobrinho, um idoso e rígido cavalheiro, com um temperamento inflexível, e um jovem tímido humilde, amedrontado. O senhor tio ordena ao sobrinho que se case: Meu sobrinho, apresento-te uma dama que, como eu, tem caráter; uma dama sem piedade, sem amor, implacável e fria como uma rocha, mas enraivecida como o fogo. Ah, ah, Com os diabos, que dama encantadora! Adoro-a!

O rosto da senhora Clennam alterara-se, anuviara-se, contraía-se.

— O sobrinho, famélico e aterrorizado, baixa a cabeça e responde: Meu tio, obedeço às suas ordens. Dá-se o casamento e o jovem casal vem morar para esta encantadora residência, onde são recebidos por Flintwitch. Não é assim, velho intriguista? Mas depressa a senhora faz uma descoberta muito singular e interessante. Cheia de cólera, de ciúme e de rancor, concebe um plano de vingança - está a compreender-me bem, minha senhora? - através do qual oprime o marido, forçando-o, dessa forma, a oprimir a sua rival. Que inteligência!

— Mas foi um dos meus sonhos! - gritou Affery, toda palpitante. - Uma noite de Inverno, em que tu discutias com ela, Jeremy, e disseste que ela não devia deixar que o Arthur suspeitasse do pai! E tu respondeste-lhe que ela não era qualquer coisa, não sei o quê, e ela ficou zangada! E depois foste para a cozinha, eu dormitava ao pé da lareira e tu arrancaste-me o avental com que eu cobria a cabeça!

Rigaud Blandois escutou este desabafo com profundo interesse.

— Ah! Ah! Então o velho malandrim disse que não era o quê, minha senhora? Digam-nos!

A respiração da senhora Clennam tornou-se mais difícil, os seus lábios tremeram e abriram-se, apesar dos seus esforços para se manter calma.

— Vamos, minha senhora, fale! Não era o quê?

Ela tentou de novo dominar-se, depois explodiu, finalmente, com violência:

— Não sou a mãe do Arthur! Mas eu própria contarei isso tudo. Está a manchar-me com as suas palavras infames, deturpa a realidade e a minha história! Terei eu sofrido todos estes anos, neste quarto, para no fim ser obrigada a contemplar-me em semelhante espelho?

O fogo que estivera latente; sob aquele rosto impassível, jorrava agora por todos os poros. Gritou:

— Não sabe o que é ser-se educada no rigor e na severidade! A minha juventude ignorou a alegria e os prazeres criminosos. Desde a minha tenra infância, o sacrifício, a penitência e o medo encheram-me de um justo horror com respeito aos pecadores. Quanto ao esposo que me fora apresentado, meu pai asseverara-me que fora educado nos mesmos princípios do que eu, afastado dos deboches e do pecado. Ora quando descobri, não estávamos ainda casados há um ano, que o meu marido, na precisa altura em que meu pai dele me falava, havia ultrajado o céu e eu própria com uma ligação com uma criatura culposa, poderia eu duvidar que o Senhor me escolhera para descobrir e castigar aqueles pecadores?

Pousou a mão no relógio que se encontrava sobre a mesa.

— Foi este relógio, escondido com uma velha carta, numa gaveta secreta, que me deu a conhecer a verdade! Tê-lo-ia encontrado se não fosse designada pela Providência? Quando obriguei o meu marido a entregar-me a sua cúmplice, que se arremessou aos meus pés, escondendo o rosto, eu mais não era do que a serva e o instrumento de Deus! Quando ela se valeu da sua juventude, da vida dura e miserável que ele levava (assim qualificava a virtuosa educação dele), o seu ultrajante casamento secreto, depois o terror de ambos, quando fui designada como o instrumento da punição dos dois, e finalmente o amor - atreveu-se a pronunciar essa palavra aos meus pés - que sentia por ele, quando o deixou por minha causa, foi Deus que, por meu intermédio, a fez tremer e a obrigou à expiação!

Coisa espantosa, aquela mulher, que durante tantos anos perdera o uso dos dedos, martelava agora a mesa com socos vigorosos e levantava o braço sem dificuldade.

— Que penitência exigi eu? Tem um filho. Eu não. Ama essa criança, dê-ma. Julgará, e todos julgarão, que é meu filho. O pai jurará que nunca mais os verá, nem a um, nem a outro. Refugiar-se-á num lugar isolado e serei eu quem me encarregarei do seu sustento. Era tudo, ela devia sacrificar os seus afetos vergonhosos e culposos, nada mais.

A partir de então, era senhora de poder suportar o peso da sua falta, morrer de coração despedaçado e assim aguardar a redenção divina. Se enlouqueceu, a culpa é minha? Foi o remorso do seu pecado que a perseguiu, foram as chamas do inferno que via à sua volta! Foi Deus que assim a castigou, não eu. Entretanto, dediquei-me à educação do jovem Arthur, criando-o no medo e no temor, obrigando-o a levar uma vida de sacrifício pelos pecados que lhe pesavam sobre a cabeça, mesmo antes da sua vinda a este condenado Mundo. Foi crueldade? Não recaíam também, sobre mim, as conseqüências daquele erro de que eu não era culpada? Vivi mais afastada do pai de Arthur do que se tivesse meio Mundo a separar-nos. Quando morreu, enviou-me este relógio. Não te

esqueças. Não, não me esqueço. Mas essa mera frase significa algo mais para mim do que para ele. Não me esqueço de que fui designada pela Providência para cumprir os seus desígnios.

Enquanto pegava no relógio com aquela nova liberdade de movimentos, da qual parecia não se dar conta, Rigaud gritou, fazendo estalar desdenhosamente os dedos:

— Vamos, minha senhora, o tempo passa! Sei tudo isso; vamos então ao que interessa, minha muito piedosa senhora, ao dinheiro roubado!

— Que miserável o senhor é! - respondeu ela, escondendo o rosto entre as mãos. - Que erro fatal cometeu Flintwitch que o fez entrar de posse dessa cláusula?

— Ah! Ah! Que estranha coincidência! Então estou de posse de um papelinho escrito pelo seu punho, assinado pela senhora e pelo meu velho intriguista: um aditamento ao testamento que o velho tio lhe ditou, no qual legava mil guinéus à jovem beldade, que a senhora condenou à morte lenta, mil guinéus à mais jovem das filhas que o seu protetor teria aos cinquenta anos, ou então, no caso de não as ter, à mais jovem das filhas de seu irmão. E qual era o nome do homem que sustentou e ajudou a jovem órfã? Diga-o, minha cara senhora! É Frederick Dorrit! E quanto a esse aditamento ao testamento que Gilbert Clennam lhe ordenou que escrevesse e assinasse antes da sua morte, e quem, em seguida, se apoderou dele, pelo dinheiro e para impedir que fosse executado? Foi a senhora, piedosa dama, ajudada pelo seu velho cúmplice!

— Não foi pelo dinheiro, miserável - gritou ela, fazendo um esforço para se levantar. - Se Gilbert Clennam, que ficara senil, imaginou dever recompensar o crime, não deveria eu impedi-lo? Esse Frederick Dorrit é a causa de tudo, foi ele quem arrastou a pobre jovem para a música e para o canto, atividades satânicas! Se não tivesse feito dela uma cantora, nunca o pai de Arthur a teria conhecido! Não procurei destruir esse papel, guardei-o aqui durante anos e a qualquer momento podia mandar executar a doação. Quando, finalmente, o mandei destruir - pelo menos assim julguei -, a criminosa morrera há muito e Frederick Dorrit, arruinado e senil, já recebera o seu justo castigo. A filha não existia; quanto à sobrinha, o que fiz por ela valeu mais do que o dinheiro, do qual não teria sabido tirar partido.

Após um momento de silêncio, acrescentou, olhando para o relógio:

— Ela está inocente. Ter-lho-ia legado, por minha morte.

— Poder-me-ia ainda dizer, venerável dama, a que homem confiou a pequena cantorzinha? Será um homem que conhece bem o nosso velho tratante e que com ele se avistou, não faz muito tempo?

— Sou eu que lhe vou dizer - exclamou subitamente Affery. - Vi-o no primeiro dos meus sonhos! É o irmão gêmeo do Jeremy! Esteve aqui na noite em que o Arthur voltou

para casa e o Jeremy entregou-lhe um cofre de ferro que ele levou, já a noite ia avançada. Socorro! Assassino! Salvem-me do Jeremy!

O senhor Flintwitch precipitara-se para ela, mas Blandois reteve-o e impediu-o de ir mais longe.

— O quê - exclamou. - Atacar uma dama que tem tanta queda para os sonhos? Ah! Ah! Ah! Como se parece com o seu irmão, meu Flintwitchezinho! E exatamente como eu o conheci, na taberna, em Anvers! Uma esponja famosa! Morava numa pequena mansarda, rente ao telhado onde intervalava o seu conhaque e o seu tabaco com doze sestazinhas e um ataque de delirium diários, até ao dia em que o ataque foi forte de mais e voou para o céu. Ah! Ah! Ah! Como consegui apossar-me dos papéis que se encontravam no cofre de ferro! Que importância tem! O que interessa é que se encontram em lugar seguro!

A senhora Clennam olhou, estupefacta, para Flintwitch que arrumado no seu canto, cofiava o queixo. Finalmente, tomou a palavra:

— Não precisa de me fitar com esses olhos arregalados! É a mulher mais orgulhosa do Mundo e quis fazer vergar toda a gente! Mas eu bem lhe disse que não sabia do que eu era capaz! Bem me ralam os seus olhos arregalados! Escutei a cláusula I escondera-a da senhora num lugar secreto. Há muito que a aconselhara a indicar-me esse lugar, a fim de que pudesse tirá-la e queimá-la. Mas a senhora, teimosa que nem uma mula, negou-se sempre. Quando o Arthur voltou, a senhora começou, finalmente, a sentir medo e tive oportunidade de a ir buscar à adega. Porém, tudo aquilo me deixara muito enervado, quis mostrar-lhe que eu era o mais forte. queimei, diante de si, um velho papel e confiei a cláusula ao meu irmão, que naquela noite partia de Inglaterra para Anvers. Mas aquele imbecil, aquela esponja de conhaque, não soube calar-se! Eu bem desconfiei, no dia em que vi aparecer o Blandois!

A senhora Clennam desviou lentamente o olhar e inclinou a cabeça.

— Reembolso-o desse cofre e desse segredo, cavalheiro. Mas, de momento, não tenho disponível a quantia que me pede. Quanto aceitaria hoje, quanto aceitaria mais tarde e que garantia terei eu do seu silêncio?

— Meu anjo - retorquiu Blandois -, disse-lhe quanto queria e que o tempo escasseava. Antes de cá vir entreguei a outra pessoa cópias desses papéis. Se não pagar antes de as portas da Penitenciária se fecharem, será demasiado tarde. Arthur Clennam tê-los-á lido.

Ela deu um grito e levantou-se, vacilou um instante, como se fosse cair, mas manteve-se firme.

— Que quer dizer, monstro, que quer dizer? Diante daquele vulto fantasmagórico, semelhante a uma morta que se tivesse levantado do túmulo, Rigaud recuou e falou em tom mais brando.

— Miss Dorrit - disse - está muito afeiçoada ao preso. Neste momento, cuida dele. Deixei, para ela, um pequeno embrulho, que deverá entregar ao detido no caso de ninguém o ir buscar antes da hora do fecho. Está à ver como o tempo voa?

Violentemente agitada, a senhora Clennam correu para o armário, que abriu com brutalidade, e pegou num xaile, com que se cobriu. Affery arrojou-se aos seus pés e agarrou-se-lhe ao vestido:

— Não, não, minha senhora, fique aqui! Onde quer ir? Não saia, vai cair morta na rua!

A patroa libertou-se dela, disse a Blandois que esperasse e saiu a correr. Por alguns instantes, ficaram emudecidos, depois Affery precipitou-se no seu encaixo. Jeremy saiu lentamente do quarto, avançando de lado, como um caranguejo silencioso. Rigaud, vendo-se sozinho, estirou-se no banco estofado, diante da janela.

O sol já se pusera e o vulto espectral ia avançando pelas ruas, que o crepúsculo obscurecera. Ao atingir as artérias principais, atraiu todos os olhares. As pessoas viravam-se, estupefactas, à passagem daquele vulto magro e esgazeado, que avançava em passo rápido e titubeante, envolto no seu estranho vestido preto. Em dada altura, parou, para se informar do caminho, e depressa se viu rodeada por um círculo de rostos curiosos:

— Porque me cercam? - perguntou, a tremer. Uma voz trocista respondeu:

— Porque você é maluca!

—Tenho tanta lucidez de espírito como qualquer um de vós. Procuo a Penitenciária.

— Isso mostra que você é maluca, porque fica mesmo em frente do seu nariz!

No meio das gargalhadas, um jovem de rosto meigo aproximou-se da pobre mulher e pegou-lhe no braço.

— Venha, vou acompanhá-la.

Era o pequeno John. conduziu-a ao cubículo, que a ela pareceu um refúgio aprazível, depois do turbilhão do exterior.

— Queria ver a Miss Dorrit. Ela está cá?

John olhou-a com interesse.

— Sim, está cá. Mas quem é a senhora?

— Sou a senhora Clennam.

— A mãe do senhor Clennam? - perguntou o jovem.

— Sim. - respondeu ela, após alguma hesitação.

John conduziu-a a um quarto que pusera à disposição da Pequena Dorrit e saiu à sua procura. Pouco depois, a jovem encontrava-se diante dela.

— Senhora Clennam - exclamou com meiguice-, teria, por felicidade, recuperado a saúde ao ponto de. Calou-se, ao ver a dor estampada no rosto da idosa senhora.

— Não se trata nem de cura nem de forças. Não sei o que é - respondeu com nervosismo. - Entregaram-lhe um embrulho que devia dar ao Arthur, caso ninguém o reclamasse até os portões se fecharem?

— Sim.

— Venho reclamá-lo.

A Pequena Dorrit tirou-o do corpete e entregou-lho.

— Faz alguma idéia do seu conteúdo?

Assustada por a ver ali, tão irreal como um espectro, ela fez um gesto negativo.

— Então, leia!

A jovem partiu o lacre e aproximou-se da janela. Depois de ter soltado uma exclamação de surpresa e de terror, leu em silêncio, em seguida virou-se e viu a sua antiga patroa prosternada diante dela.

— Sabe agora o que eu fiz. Reembolsá-la-ei daquilo a que tem direito. Poderá perdoar-me? Perdoe-me!

— Deus é testemunha de que lhe perdoou. Mas suplico-lhe, levante-se! Deixe-me ajudá-la.

Ajudou-a a levantar-se, com um olhar solene.

— O grande favor que lhe peço, a grande súplica que dirijo ao seu coração cheio de piedade, é de nada revelar ao Arthur enquanto eu for viva. Se refletir e achar que será melhor dizer-lhe, faça-o. Caso contrário, poupe-me!

— Sinto-me tão confusa, que não sei o que dizer. Se tivesse a certeza de que para nada serviria revelar-lhe.

— Sei quanto lhe é afeiçoada e que, antes de tudo, pensará nele. Mas se achar que é possível poupe-me!

— Prometo-lhe.

— Deus a abençoe!

Sentindo uma emoção desconhecida invadir-lhe o coração de gelo, a voz embargou-se-lhe.

— Decerto me vai perguntar - continuou - por que razão lhe confiei o meu segredo em vez de o revelar ao Arthur. Eduquei-o com severidade e sei que nunca me amou. Era ainda muito pequeno e já me fitava com uns olhos cheios de terror, os olhos da mãe, e

isso endureceu-me ainda mais. Mas respeitou-me sempre e cumpriu sempre as suas obrigações para comigo. Por nada deste mundo desejaria ser derrubada do lugar que aos seus olhos sempre ocupei, nem lhe ser apresentada como alguém desprezível. Se isso tiver que ser feito, nunca mais terei coragem para o encarar!

Souu a primeira sineta, anunciando que as visitas haviam acabado.

— Escute - disse a senhora Clennam em sobressalto. - Tenho outra coisa a pedir-lhe. O homem que lhe trouxe este embrulho aguarda, em minha casa, para que eu pague pelo seu silêncio e só pagando, posso impedir que o Arthur venha a inteirar-se disto. A quantia que me exige é demasiado elevada para mim, neste momento não a tenho e ele ameaça-me de, se não lhe pagar, vir ter consigo. Quer acompanhar-me e dizer-lhe que está a par de tudo. Quer ajudar-me nesta aflição?

A Pequena Dorrit aceitou de bom grado e ambas alcançaram a rua por unias escadas que evitavam que passassem pelo cubículo.

Era uma bela noite estival, o céu mostrava-se sereno e lindo, todo afogueado pelos cambiantes do crepúsculo e sulcado pelas grandes faixas dos últimos raios.

As duas mulheres percorreram as ruas silenciosas e desertas e aproximaram-se da casa, quando ouviram um estrépito medonho, que lembrava o ribombar de um trovão.

— Que barulho é este? Entremos, depressa! - gritou a senhora Clennam.

Atravessaram o alpendre e faziam menção de se aproximar, quando a Pequena Dorrit soltou um grito e reteve a companheira pelo braço. Durante um instante fugaz, viram a velha casa diante delas e o homem que fumava, debruçado no parapeito da janela. Ouviu-se novo fragor, a casa ergueu-se, subiu, cobriu-se de fendas e ruiu. Ensurdidas, sufocadas, cegas, as duas mulheres protegiam o rosto, mantendo-se como que paralisadas. Por um instante, a coluna de poeira dissipou-se, deixando entrever as estrelas. Quando levantaram a cabeça, gritando por socorro, o enorme bloco das chaminés que ainda se mantinha de pé, como uma torre na tempestade, tremeu, fendeu-se e abateu-se sobre o monte de ruínas, como que para calcar mais profundamente o miserável que haviam esmagado.

A senhora Clennam rolou pelo solo. A partir desse instante, nunca mais conseguiu mexer um dedo ou pronunciar uma palavra. Sobreviveu nesse estado ainda três anos, antes de morrer, como uma estátua, mergulhada no seu silêncio.

Affery, que saíra para as esperar, chegou justamente a tempo de receber a sua velha patroa nos braços. O mistério dos ruídos que ouvira em casa estava esclarecido: aquele velho prédio anunciava-lhe a sua queda iminente.

Os cabouqueiros que trabalharam dia e noite retiraram, ao segundo dia, os horríveis despojos do corpo do estrangeiro. Mas em vão procuraram os restos de Flintwitch. Foram

retirados os escombros e os alicerces postos a descoberto: nada encontraram.

Foi muito mais tarde que correu o boato de alguém ter visto passar pelas margens dos canais de Haia e pelas tabernas de Amsterdão um velhinho inglês, cuja gravata se retorcia sob uma das orelhas e que dizia chamar-se Mynheer Von Flyntevynge.

EPÍLOGO

Num magnífico dia de Outono, o recluso da Penitenciária, depauperado mas restabelecido, escutava uma voz que lia para ele. Os campos dourados haviam sido mondados e lavrados, os frutos maduros de Verão tinham desaparecido, as maçãs avermelhavam nos pomares e as bagas carmesins da sorveira salpicavam a folhagem amarelada.

Inalterável e nua, ignorando as estações com o seu rosto marcado pela pobreza e pela preocupação, a Penitenciária não fora alegrada por nenhum ornamento. As flores podiam desabrochar, os seus tijolos e grades exibiam sempre as mesmas searas mortas. Clennam, todavia, ao escutar a voz que lia para ele, ouvia ressoar nela a Natureza-Mãe e todas as músicas com que se embalam criaturas humanas. Quando a voz se calou, tapou os olhos com a mão, murmurando que a luz era demasiado forte.

— Isso depressa acabará, querido senhor Clennam. As cartas que o senhor Doyce lhe manda vêm cheias de amizade e encorajamento e o seu advogado também diz que tudo se vai resolver.

— Querida filha! Querida menina! Minha boa amiga! Diga-me a verdade, Pequena Dorrit, veio cá muitas vezes quando eu não a podia ver?

— Sim, vim cá algumas vezes, mas sem entrar no quarto.

— Quantas?

— Bastantes - respondeu ela timidamente.

— Todos os dias?

— Acho - disse ela, depois de hesitar - que vim pelo menos duas vezes por dia.

Ele pegou-lhe na mãozinha e abraçou-a com fervor.

— Querida Pequena Dorrit, não é só o meu cativeiro que vai acabar, mas também o meu sacrifício. Precisamos de nos mentalizar que nos iremos separar para cada um seguir o seu caminho. Não se lembra do que dissemos quando regressou?

— Oh, não, não esqueci! Mas aconteceu uma coisa. Sente-se melhor hoje?

— Otimamente.

— O suficiente para saber a grande fortuna que me calhou?

— Sentir-me-ia tão feliz! Nenhuma fortuna é demasiada para á Pequena Dorrit!

— Esperei com impaciência para lhe dizer! Tem a certeza que não vai aceitar?

— Nunca!

Ela olhou-o em silêncio, com uma expressão no seu rosto afetuoso que ele não compreendeu.

— O que antes de tudo lhe quero dizer sobre a Fanny vai deixá-lo desolado: a pobre

Fanny perdeu tudo. Só lhe restam os honorários do marido. Tudo o que o papá lhe deu, pelo casamento, desapareceu, porque o seu dinheiro estava depositado nas mesmas mãos. E o meu pobre irmão! Também ele perdeu tudo. E a quanto imagina que a minha própria fortuna ascende?

Como Arthur a olhava com apreensão, pousou-lhe a cabeça no ombro:

— Não tenho nada de nada. Sou tão pobre como quando aqui vivia. Quando o papá voltou a Inglaterra, confiou todos os seus bens nas mesmas mãos e tudo se dissipou. Oh meu melhor amigo, ó mais querido dos meus amigos, tem a certeza de que não quer agora partilhar a minha fortuna?

Ele estreitou-a contra o peito, deixando correr lágrimas de emoção, enquanto ela lhe punha os braços em redor do pescoço.

Nunca mais nos separaremos, meu querido Arthur! Até ao fim dos nossos dias, nunca mais! Amo-o tanto! Preferiria passar a minha vida aqui, consigo, saindo todos os dias para ganhar o nosso sustento, do que possuir a maior riqueza do Mundo! Oh! Se o meu pobre pai pudesse saber como sou feliz, neste quarto onde ele por tantos anos sofreu!

Algumas semanas mais tarde, numa bela e soalheira manhã, a Pequena Dorrit e Arthur Clennam subiam os degraus da Igreja de São Jorge, situada perto da penitenciária. Junto ao altar, eram aguardados por Daniel Doyce: regressado dos países distantes onde fizera prosperar as suas descobertas restituíra a Arthur a sua fortuna, a sua liberdade e o seu lugar de sócio.

E o casamento foi celebrado diante de um grupo bastante comovido. o senhor Pancks dava muito galantemente um dos braços a Miss Flora e o outro a Maggie, enquanto atrás deles se encontravam John Chivery e o seu pai e outros carcereiros que por uns minutos tinham acorrido a admirar a felicidade do Bebé da Penitenciária.

Ao saírem, a Pequena Dorrit e o marido detiveram-se, por um instante, nos degraus do pátio, para contemplarem o fresco panorama da rua, banhada pela límpida claridade outonal. Iam conhecer uma modesta vida de bondade e ventura, inseparáveis e abençoados. Desceram, pois, prazenteiramente, as ruas tumultuosas e, enquanto penetravam nas sombras e na claridade, o bulício, a cupidez, a arrogância, a obstinação e a vaidade prosseguiram a sua louca ronda.

FIM

Formatação/ Conversão ePub



Reliquia